

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED  
CURSO DE JORNALISMO

MATHEUS ALVES LOPES MINUNCIO

**SENTIDOS DA MASCULINIDADE: ANÁLISE FÍLMICA DOS  
DOCUMENTÁRIOS “O SILÊNCIO DOS HOMENS” E “THE MASK YOU  
LIVE IN”**

UBERLÂNDIA/MG  
2021

MATHEUS ALVES LOPES MINUNCIO

**SENTIDOS DA MASCULINIDADE: ANÁLISE FÍLMICA DOS  
DOCUMENTÁRIOS “O SILÊNCIO DOS HOMENS” E “THE MASK YOU  
LIVE IN”**

Monografia apresentada no Curso de  
Jornalismo da Universidade Federal de  
Uberlândia como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em  
Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Matos  
dos Santos

UBERLÂNDIA/MG  
2021

MATHEUS ALVES LOPES MINUNCIO

**SENTIDOS DA MASCULINIDADE: ANÁLISE FÍLMICA DOS  
DOCUMENTÁRIOS “O SILÊNCIO DOS HOMENS” E “THE MASK YOU  
LIVE IN”**

Monografia apresentada no Curso de  
Jornalismo da Universidade Federal de  
Uberlândia como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em  
Jornalismo.

Uberlândia, 04 de novembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Matos dos Santos - UFU  
Orientadora

---

Prof. Dr. Reinaldo Maximiano Pereira - PUC Minas  
Examinador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elenita Pinheiro de Queiroz Silva - UFU  
Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico esta monografia, como forma de gratidão, a toda comunidade da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), uma instituição de excelência que propiciou o ensino para que a pesquisa fosse desenvolvida, além de ser promotora assídua e exemplar de um mundo mais igualitário. Agradeço também a todas as pessoas que, diretamente ou indiretamente, contribuíram e dispuseram do seu tempo com a minha capacitação e com opiniões sobre o andamento deste trabalho.

MINUNCIO, Matheus Alves Lopes. **Sentidos da masculinidade**: análise fílmica dos documentários “O Silêncio dos Homens” e “The Mask You Live In”. 123p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

### RESUMO

O presente trabalho visa compreender o que é apresentado como masculino no documentário brasileiro “O Silêncio dos Homens” (2019) e no estadunidense “The Mask You Live In” (2015), sendo eles sobre o mesmo tema: a masculinidade. A partir do referencial da análise fílmica, de interpretação dos elementos visuais e sonoros, e com o entendimento do significado de ser homem, em vista das concepções culturais de se alcançar o sucesso no Brasil (*jeitinho brasileiro*) e nos Estados Unidos (*self-made man*), é feita a análise das representações de 40 pontos de captura de tela, em que foram exploradas as particularidades das estruturas visuais (duração, ângulo, presença de movimento, enquadramento e cenário) e sonoras (descrição dos sons em primeiro e segundo plano) por meio de quadros descritivos e pela divisão por blocos temáticos, que constroem os sentidos do conceito subjetivo e histórico da masculinidade. Ambos audiovisuais partem do pressuposto da necessidade de mudança do ideário hegemônico, a partir de seus contextos sociais, por meio de diferentes percursos: em um deles o ser masculino é o que sofre e permanece em silêncio, enquanto no outro é o que aparenta ser forte e utiliza uma máscara para não demonstrar suas vulnerabilidades.

**Palavras-chave:** Análise Fílmica, O Silêncio dos Homens, The Mask You Live In, Masculinidade brasileira, Masculinidade estadunidense.

MINUNCIO, Matheus Alves Lopes. **Sentidos da masculinidade**: análise fílmica dos documentários “O Silêncio dos Homens” e “The Mask You Live In”. 123p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

#### **ABSTRACT**

This undergraduate thesis aims to understand what is presented as masculine in the Brazilian documentary “O Silêncio dos Homens” (2019), and in the American “The Mask You Live In” (2015), with both approaching the same theme: masculinity. From the referential of film analysis, in interpretation from visual and sound elements, and putting in perspective what means being a man, in view of the cultural conceptions of achieving success in Brazilian cultural conceptions (*jeitinho brasileiro*) and in American (*self-made man*), the research analyzes representations of 40 screen capture points, in which the particularities of visual structures (duration, angle, presence of movement, framing and scenery) and sound structures (description of sounds in the foreground and background) were explored through descriptive frames and the division of thematic blocks that build the meanings of the subjective and historical concept of masculinity. Both documentaries are based on the assumption of a need to change the hegemonic ideology from their social contexts, through different paths: in one of them, the male being is one who suffers and remains silent, while on the other they have to appear strong, therefore using a mask to hide their vulnerabilities.

**Keywords:** Film Analysis, O Silêncio dos Homens, The Mask You Live In, Brazilian Masculinity, American Masculinity.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h00min18s.....	49, 52
QUADRO 2 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h02min49s.....	53
QUADRO 3 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h04min20s.....	54
QUADRO 4 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h05min33s.....	55
QUADRO 5 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h06min42s.....	56
QUADRO 6 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h09min49s.....	57
QUADRO 7 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h12min25s.....	58
QUADRO 8 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h16min49s.....	59
QUADRO 9 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h23min41s.....	60
QUADRO 10 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h29min21s.....	62
QUADRO 11 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h29min39s.....	63
QUADRO 12 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h32min10s.....	64
QUADRO 13 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h38min26s.....	65
QUADRO 14 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h39min34s.....	66
QUADRO 15 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h41min27s.....	67
QUADRO 16 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h47min49s.....	69
QUADRO 17 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h49min29s.....	70
QUADRO 18 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h52min29s.....	71
QUADRO 19 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h56min19s.....	72
QUADRO 20 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h56min59s.....	73
QUADRO 21 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h00min02s.....	74
QUADRO 22 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h04min30s.....	76
QUADRO 23 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h07min24s.....	78
QUADRO 24 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h08min40s.....	79
QUADRO 25 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h09min04s.....	80
QUADRO 26 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h09min44s.....	81
QUADRO 27 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h24min50s.....	83
QUADRO 28 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h30min08s.....	84
QUADRO 29 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h42min36s.....	86
QUADRO 30 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h45min45s.....	88
QUADRO 31 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h49min34s.....	89
QUADRO 32 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h51min39s.....	90
QUADRO 33 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h56min58s.....	92
QUADRO 34 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h57min56s.....	93
QUADRO 35 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h00min51s.....	95
QUADRO 36 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h03min59s.....	96
QUADRO 37 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h06min08s.....	98
QUADRO 38 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h14min30s.....	100
QUADRO 39 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h19min55s.....	101
QUADRO 40 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h23min57s.....	103
QUADRO 41 - Blocos temáticos dos documentários.....	105
QUADRO 42 - Comparativo do início dos documentários.....	106
QUADRO 43 - Comparativo da capa dos documentários.....	107
QUADRO 44 - Comparativo das passagens dos documentários.....	108

QUADRO 45 - Comparativo dos dados dos documentários.....	109
QUADRO 46 - Comparativo do impacto visual dos documentários.....	110
QUADRO 47 - Comparativo dos entrevistados especialistas dos documentários.....	111
QUADRO 48 - Comparativo da finalização dos documentários.....	112



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2</b>	<b>MASCULINIDADE</b> .....	12
	2.1 NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	21
	2.2 NA SOCIEDADE ESTADUNIDENSE.....	26
	2.3 A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE NA MÍDIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.....	32
<b>3</b>	<b>TEORIA DOS DOCUMENTÁRIOS</b> .....	36
	3.1 DOCUMENTÁRIO “O SILÊNCIO DOS HOMENS” .....	43
	3.2 DOCUMENTÁRIO “THE MASK YOU LIVE IN” .....	44
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	46
<b>5</b>	<b>ANÁLISE</b> .....	51
	5.1 DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO.....	51
	5.2 DOCUMENTÁRIO ESTADUNIDENSE.....	73
	5.3 SENTIDOS DA MASCULINIDADE.....	104
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	114
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	118
	<b>APÊNDICE A – Ficha técnica do documentário “O Silêncio dos Homens” .....</b>	<b>122</b>
	<b>APÊNDICE B – Ficha técnica do documentário “The Mask You Live In” .....</b>	<b>123</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia envolverá interpretações importantes acerca da representação da masculinidade na sociedade, considerando que serão analisadas as representações do conceito no documentário brasileiro “O Silêncio dos Homens” (2019) e no estadunidense “The Mask You Live In” (2015). Construídas em contextos distintos, as produções dividem semelhanças estruturais e conceituais, mas abordam de forma diferente a temática da masculinidade. A origem da pesquisa parte de uma inquietação pessoal do pesquisador sobre a reflexão do significado da masculinidade, instigada primeiramente em 2017, ao assistir o documentário estadunidense e posteriormente ampliada pela produção brasileira de 2019.

Após um período de distanciamento, o início da pesquisa parte do referencial da metodologia da análise fílmica de Vanoye e Goliot-Lété (1994), e engloba o entendimento dos desdobramentos sociais da representação da masculinidade, apontados por Bourdieu (2002). A escolha pela análise dos elementos de duração, ângulo, presença de movimento, enquadramento, cenário, descrição dos sons em primeiro e segundo plano, visam permitir a compreensão do porquê de suas escolhas e qual sua significância.

O formato adotado nos audiovisuais evidencia a construção e desconstrução do ser masculino, baseado nos apontamentos de especialistas e utilizando a forma expositiva de relatos de entrevistados para demonstrar as influências da masculinidade na convivência em sociedade. A partir disso, as produções seguem o mesmo objetivo de demonstrar como as respectivas sociedades abordadas servem como impulsionadoras para a perpetuação da realidade machista, seguidas pela proposta de questionamento, rompimento e desconstrução da masculinidade como estrutura hegemônica.

A produção brasileira faz referência ao silêncio em que os homens permanecem para não se mostrarem como vulneráveis, enquanto o audiovisual estadunidense propõe uma metáfora sobre a utilização de uma máscara para não demonstrar suas fraquezas. Partindo de diferentes pontos de vista, os dois documentários são capazes de fazer o público ampliar sua visão sobre o assunto e até tomar consciência sobre a conjuntura em que estão inseridos, mas ainda não perceberam. As escolhas visuais e sonoras de entrevistados, especialistas, dados, roteiro, assim como a edição do documentário são integrados à narrativa da representação do ser masculino.

No campo da comunicação, segundo o levantamento de similares realizado, é importante frisar que não foram localizadas pesquisas científicas na área envolvendo a análise de dois documentários sobre masculinidade. Além disso, a relevância social desta pesquisa

contempla todas as idades e identificações de gênero, pois o ideário da masculinidade hegemônica, atinge toda uma cadeia histórica social que afeta todas as pessoas. Compreender os desdobramentos dos audiovisuais sobre a temática leva ao entendimento de como essa mensagem é emitida e recebida, na sociedade brasileira e estadunidense, a partir do ideário constatado nos modelos de se alcançar o sucesso e os padrões da masculinidade hegemônica, conforme as concepções culturais do Brasil (*jeitinho brasileiro*) e dos Estados Unidos (*self-made man*).

No segundo capítulo desta pesquisa é evidenciada a necessidade de compreender o que é a masculinidade e o que é a construção histórica da dominação masculina. Em vista disso, no primeiro subcapítulo são abordadas as implicações do que é ser homem no Brasil, para além do conceito geral da masculinidade, enquanto no segundo subcapítulo é feita a mesma discussão, porém no âmbito cultural dos Estados Unidos. O encerramento do capítulo mencionado se dá no seu último item, no qual é abordada a representação do masculino nos meios comunicacionais brasileiros.

Em seguida, no terceiro capítulo, são abordadas as questões da construção narrativa e da mensagem de uma produção audiovisual, de natureza documental. Após o embasamento inicial, seguem dois subcapítulos: o primeiro, que traz informações sobre a produção brasileira e seus principais elementos audiovisuais, e o segundo, com a mesma abordagem, porém sobre a produção estadunidense.

No quinto capítulo, no qual é feita a análise, é apresentada uma breve explicação e nos seus subcapítulos são tratados os aspectos técnicos e a divisão por blocos temáticos, a partir de capturas de tela e descrições de áudio em 20 pontos selecionados, primeiramente, do documentário “O Silêncio dos Homens” (2019), e depois, do audiovisual “The Mask You Live In” (2015). Por fim, no último item do capítulo de análise, é feita a conexão com o referencial teórico através de oito quadros de caráter comparativo, sendo um a respeito da divisão dos blocos temáticos e os outros referentes às capturas de tela, que serão observadas lado a lado, visando o entendimento dos diferentes sentidos empregados nas produções.

As principais referências teóricas desta pesquisa são Pierre Bourdieu, Michael Kimmel, Simone de Beauvoir e outros, que abordam a temática da masculinidade e se conectam ao tratar das instâncias, instrumentos e estruturas responsáveis por manter todo o sistema da dominação masculina funcionando. No campo dos documentários adotou-se o referencial teórico de Francis Vanoye, Anne Goliot-Lété, Bill Nichols, Manuela Penafria e outros, que dimensionam

a discussão através das escolhas de construção visual e sonora de uma produção cinematográfica.

O objetivo é compreender a representação da masculinidade em “O Silêncio dos Homens” e “The Mask You Live In”, a partir de seus respectivos elementos visuais e sonoros. Igualmente importante, os objetivos específicos são: explorar as particularidades do significado de ser homem na sociedade brasileira e estadunidense; analisar as escolhas narrativas de cada bloco temático que retrata a masculinidade; e interpretar os sentidos audiovisuais por meio de quadros descritivos.

Ambos documentários partem do pressuposto da necessidade de mudança da masculinidade como estrutura hegemônica de gênero. Especificamente, o documentário brasileiro explora a questão das emoções e do incentivo a não trancafiar em silêncio as próprias vulnerabilidades, destacando o ser masculino que sofre. Por outro lado, o documentário estadunidense, que adota um tom incisivo e impactante, evidencia o ser masculino que aparenta ser forte.

Por fim, destaca-se a realização desta pesquisa no Brasil, no segundo semestre de 2021, em um contexto de pandemia e sob o regime político de um governo com características conservadoras. Porém, esse contexto pode vir a mudar e por isso o último item desta monografia é denominado “considerações” e não “conclusões”, diante da volatilidade do assunto e de suas constantes modificações no contexto social.

## 2 MASCULINIDADE

De antemão, precisamos compreender o que é homem e o que é a construção do masculino, tendo como base os conceitos envolvidos na obra “A dominação masculina” de Bourdieu (2002). O autor francês investigou qual é a dimensão simbólica da dominação masculina, através de algo histórico, mas que nos parece natural. Ao analisar as estruturas de pensamento, cuja qual ele afirma que não questionamos, a resposta para a dominação masculina pode estar nessa origem. Quem disse que um homem não pode ser feminino? Ou uma mulher masculino?

Aponta-se que homem e mulher, como conceitos derivados do biológico são uma coisa, e masculino e feminino, construídos estruturalmente em sociedade, são outra. As chamadas categorias definem o que são as figuras de oposição do masculino e do feminino, pois comumente as meninas são criadas para não serem o masculino e os meninos para não serem o feminino, mas existem outras possibilidades. Para contextualizar e dialogar com o objeto foi realizada a ligação entre os conceitos gerais da masculinidade de Bourdieu (2002), utilizando as concepções da coerção social de Durkheim (2004), uma das influências do autor. Além disso, é utilizada a abordagem de Beauvoir na obra “O segundo sexo” (1970), que reforça as teorias propostas.

Inicialmente, a divisão dos sexos é feita através de um dado biológico. Justamente, o não rompimento social com a determinação de superioridade biológica deu continuidade a este cenário e perpetuou a dominação masculina. A humanidade se reparte em duas categorias de sujeitos: o masculino e o feminino, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses e ocupações devem, segundo as ordens sociais, ser diferentes. Em vista disso, a mulher é caracterizada fundamentalmente como o “outro” em diversas esferas sociais, o que é evidenciado no título do mais famoso livro de Beauvoir, ao se referir a algo secundário.

Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante. (BEAUVOIR, 1970, p. 19)

Enfatiza-se que todo esse ciclo da representação da masculinidade é continuamente idealizado durante a fase infantil, período da vida em que são consolidados todos os princípios para o convívio em sociedade. A propagação da coerção da masculinidade hegemônica acontece através das relações sociais, nas quais são apresentados os modelos que devem ser seguidos para o devido encaixe nos padrões da normalidade.

Neste momento, é fundamental enfatizar a atenção para a frase: “Seja homem”, que tem uma conotação universal e está atrelada implicitamente à masculinidade hegemônica, apesar das diferentes concepções regionais. Ao passo da determinação do que é masculino, se define por consequência o que não é. Nos futuros estágios da vida, em que os meninos foram instigados a serem dominantes, essas influências vêm a aparecer numericamente em estatísticas, por exemplo, de violência contra as mulheres.

Basta observar a maneira como são educadas as crianças. Quando reparamos nos factos tais como são, e como sempre foram, salta aos olhos que toda a educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente. Desde os primeiros tempos da sua vida que a obriga a comer, a dormir, a beber a horas certas. Obrigamo-la à limpeza, à calma, à obediência. Mais tarde, obrigamo-la a ter em conta os outros, a respeitar os usos, as conveniências, a trabalhar, etc., etc. Se, com o tempo, essa coerção deixa de ser sentida, é porque pouco a pouco, engendrou hábitos e tendências internas que a tornam inútil, mas que só a substituem porque derivam dela. (DURKHEIM, 2004, p. 41)

Para Beauvoir (1970) a menina possui, inicialmente, uma fixação materna, enquanto o menino nunca é atraído sexualmente pelo pai. Essa fixação é caracterizada como uma persistência da fase oral, na qual a menina identifica-se com o pai, mas ao descobrir a diferença anatômica dos sexos reage à ausência do pênis com o “complexo de castração”. Desse modo, a menina sente em relação à mãe um sentimento de rivalidade e hostilidade. Ao contrário da construção do homem, em que são incentivados os preceitos da dominação, expressados na seguinte:

Concebe-se então que o comprimento do pênis, a força do jato de urina, da ereção, da ejaculação torne-se, para o sujeito, a medida de seu próprio valor. Por isso é constante que o falo encarna carnalmente a transcendência. Como é igualmente constante que a criança se sinta transcendida, isto é, frustrada de sua transcendência pelo pai, encontrar-se-á, portanto, a ideia freudiana de "complexo de castração". Privada desse alter ego, a menina não se aliena numa coisa apreensível, não se recupera; em consequência, ela é levada a fazer-se por inteira objeto, a pôr-se como o Outro; a questão de saber se se comparou ou não aos meninos é secundária; o importante é que, mesmo não conhecida por ela, a ausência do pênis a impede de se tornar presente a si própria enquanto sexo; disso resultarão muitas consequências. (BEAUVOIR, 1970, p. 68)

Por outro lado, Bourdieu (2002) alega a ocorrência de uma violência simbólica, caracterizada por ser imperceptível, mas que pode ser de autoria de qualquer pessoa que se enquadre na categoria masculina, não somente de um ser biologicamente homem, visto que masculino é uma categoria e não um gênero. As raízes da representação da masculinidade

ganham força com a aceitação da dominação e a ausência de revoluções, ao passo que as mulheres, inclusive as mães que geram os seres masculinos, conhecem e reconhecem os símbolos impostos pela masculinidade hegemônica.

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão. (BOURDIEU, 2002, p. 18)

O pressuposto de analisar a construção da masculinidade, partindo da questão da naturalização, pode ser mais fácil com o aporte do conceito de coerção social. A interpretação das relações sociais como objeto de estudo, conforme Durkheim (2004), indica que o sujeito é moldado com hábitos existentes anteriormente ao seu nascimento e que esses modelos são requisitos básicos para a integração com os demais.

Observa-se que no caso da não adaptação aos modelos de convivência, o sujeito pode sofrer penalidades ou ser isolado socialmente. Esse pressuposto configura o processo de coerção, em que o sujeito está à mercê do fato social, em suas ações, pensamentos e sentimentos, como expressado por Durkheim (2004).

Se não me submeto às convenções da sociedade, se, ao vestir-me, não tenho em conta os usos seguidos no meu país e na minha classe, o riso que provoço e a aversão que suscito produzem, ainda que numa maneira mais atenuada, os mesmos efeitos que uma pena propriamente dita. Em outros casos, a coerção não é menos eficaz por ser indirecta. Não sou obrigado a falar francês com os meus compatriotas, nem a usar as moedas legais, mas é-me impossível proceder de outro modo. Se tentasse escapar a esta necessidade, a minha tentativa falharia miseravelmente. (DURKHEIM, 2004, p. 39)

Os seres são coagidos a evoluir de acordo com o sistema vigente, aprendendo e transmitindo seus hábitos para os demais, principalmente nas relações familiares, de geração em geração. Todo esse contexto é fundamentado pelo patriarcado e pelas classes hegemônicas, que se estabeleceram e formaram o ideário masculino, que “deve” ser seguido por meninos e homens para se enquadrarem nos padrões e serem aceitos.

Estes forjaram para sua própria exaltação as grandes figuras viris: Hércules, Prometeu, Parsifal; no destino desses heróis a mulher tem apenas um papel secundário. Sem dúvida, existem imagens estilizadas do homem enquanto preso a suas relações com a mulher: pai, sedutor, marido ciumento, bom filho, mau filho; mas foram igualmente os homens que as fixaram e elas não atingem a dignidade do mito: não passam, por assim dizer, de clichês. Ao passo que a mulher é exclusivamente definida em relação ao homem. A assimetria das

duas categorias, masculina e feminina, manifesta-se na constituição unilateral dos mitos sexuais. (BEAUVOIR, 1970, p. 182)

Nota-se com isso, que o passado acaba definindo o presente e por isso a importância de conhecê-lo. A escritora Beauvoir (1970), que trabalha com a psicanálise freudiana, destaca que “a herança arcaica do homem” implica sobre a mulher atributos de inferioridade:

"A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades", diz Aristóteles. "Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural". E Sto. Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser "ocasional". É o que simboliza a história do Gênesis em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um "osso supranumerário" de Adão. A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. (BEAUVOIR, 1970, p. 10)

Seguindo a linha histórico social, Bourdieu (2002) reflete sobre a dominação masculina através do estudo antropológico de uma pesquisa etnográfica em uma região da Argélia, que era considerada tradicional, conservadora e androcêntrica (definição do homem ser o centro das coisas). Foi constatado pelo autor a preservação de uma herança arcaica, na qual os seres do sexo masculino eram tomados como medida para todas as coisas na convivência em sociedade. Em vista desse princípio que é designado o fato social: “Facto social é toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então, que é geral no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais (DURKHEIM, 2004, p. 47)”.

Ao invés de se basear somente em documentos, que sofrem alterações do "telefone sem fio", Bourdieu (2002) buscou estudar essa sociedade argelina ainda viva, chamada de berbere. Os berberes (que se denominam como "homens livres" ou "homens nobres") mantinham os costumes passados e estabeleciam uma hierarquia nas relações a partir do masculino. A organização hierárquica, por sua vez, no passar das gerações, reforçava cada vez mais essa ordem social.

Assim, a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe. (BOURDIEU, 2002, p. 46)

A valorização do masculino em detrimento do feminino, conforme o estudo da tradição das sociedades mediterrâneas, ocorre devido ao conservadorismo e persiste ao passo que “a



virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2002, p. 63).

Segundo Kimmel (1998), apesar de sempre postular como dominante, a masculinidade é alterada com o tempo universalmente, mas a mudança também acontece de forma processual em determinadas regiões. Ressalta-se que quando se determina o que é a hegemonia da masculinidade, por consequência é definido o que não é.

Enquanto o ideal hegemônico estava sendo criado, ele foi criado em um contexto de oposição a “outros” cuja masculinidade era assim problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua, mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros. (KIMMEL, 1998, p. 105)

Enquanto os homens são educados para ocupar o espaço e reger situações do cotidiano, surgem também os que não desejam transitar pelos padrões. Em vista disso, verifica-se outros tipos de masculinidade, caracterizadas como subalternas ou inferiores perante a masculinidade hegemônica.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245)

Para Bourdieu (2002), os masculinos dominantes estabelecem relações de dominação de modo com que elas sejam vistas como naturais, pois “[...] vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada.” (BOURDIEU, 2002, p. 29).

Diante desse cenário, a mulher é cerceada e reprimida, e a mudança deve partir da desnaturalização e quebra do simbolismo de todo esse processo histórico. Para Beauvoir (1970), existe a necessidade de o homem provar a inferioridade da mulher no meio social para se postular como dominante. A autora enfatiza que “os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental, etc.” (BEAUVOIR, 1970, p. 17). Apesar da obra permitir o debate e

reconhecer a importância do movimento feminista, destaca-se que esse não é o foco dos estudos aqui iniciados.

Nesse contexto, as questões biológicas também servem para sustentar o discurso da dominação masculina. Para Beauvoir (1970), o conceito de “eterno feminino” é atribuído ao seguimento desses preceitos predefinidos, biológicos ou não, que são reforçados pelas ordens sociais: “A mulher é mais fraca do que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, não há quase nenhum esporte em que possa competir com ele” (BEAUVOIR, 1970, p. 54-55).

Para exemplificar o dado biológico, é utilizado, por Bourdieu (2002), a representação da vagina como um falo invertido, em vista do masculino ser tomado como medida de todas as coisas. Outro exemplo mencionado é a cintura, que é uma das significantes do fechamento do corpo feminino, na qual as vestes amarradas simbolizam uma barreira sagrada que protege a vagina. Dessa forma, é legitimada a relação de dominação por meio de uma natureza biológica, mas que na realidade é uma construção social naturalizada.

Assim, a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. (BOURDIEU, 2002, p. 19)

A submissão traz consequências no âmbito das relações sociais e afetivas. Apesar das exceções, as mulheres tendem a preferir homens mais velhos, mais altos e mais bem-sucedidos, conforme constatado no estudo de Bourdieu (2002). Para ser uma pessoa bem-sucedida, se demonstra necessário ter as características do masculino hegemônico, que constitui uma espécie de “nobreza”. Quando a posição é invertida, ocorre uma transfiguração e enobrecimento de algo que até então era subalterno, como lavar uma louça ou cozinhar, por exemplo, que comumente é atribuído ao feminino.

As dicotomias se estendem para o âmbito do trabalho, pois enquanto os homens são chefes de cozinha, as mulheres são cozinheiras, em vista das atribuições dadas pelos masculinos dominantes às posições hegemônicas. As ocupações subalternas trazem consigo outras vulnerabilidades, a exemplo da dependência financeira, que mantém todo o sistema funcionando em um ciclo vicioso e inconsciente, fazendo com que principalmente as mulheres sejam tratadas de maneira diferente.

Identifica-se que os aspectos culturalmente construídos do que vem a ser a representação da masculinidade são disseminados em todas instâncias, inclusive nos meios comunicacionais. Apesar da dominação ocorrer principalmente dentro da unidade doméstica, outros locais, como a escola, se demonstram lugares de perpetuação e de imposição dos princípios dominantes. Dessa forma, essas localidades são caracterizadas por Bourdieu (2002), como estruturas inconscientes.

O trabalho de reprodução esteve garantido, até à época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, a família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. (BOURDIEU, 2002, p. 99)

Apesar de não ser perceptível, a dominação e os conceitos impostos acabam legitimando a prática. A situação é ainda pior quando não é ao menos contestada e ainda perpetuada pelos seres que apresentam ausência da masculinidade, sejam mulheres ou não. É exemplificado por Bourdieu (2002), que os próprios homossexuais aplicam a si mesmos muitas vezes os princípios dominantes.

Comprovando a universalidade do reconhecimento concedido à mitologia androcêntrica, os próprios homossexuais, embora sejam disso (tal como as mulheres) as primeiras vítimas, aplicam a si mesmos muitas vezes os princípios dominantes: tal como as lésbicas, eles não raro reproduzem, nos casais que formam, uma divisão dos papéis masculino e feminino (inadequada a aproximá-los das feministas, sempre prontas a suspeitar de sua cumplicidade com o gênero masculino a que pertencem, mesmo se este os oprime) e levam por vezes a extremos a afirmação da virilidade em sua forma mais comum, sem dúvida em reação contra o estilo "efeminado" antes dominante. (BOURDIEU, 2002, p. 138)

Verifica-se ainda outro problema, que surge quando os próprios homens desejam alcançar a masculinidade hegemônica, visando corresponder ao que é esperado socialmente, mas fracassam e ocupam posições subordinadas na categoria masculina. Esses fatos são observáveis nas produções documentais analisadas nesta monografia, em que uma faz referência ao silêncio que os homens permanecem e outra que utiliza uma metáfora sobre a adoção de uma máscara.

Os homens têm medo de demonstrar características de fraqueza ou emoção, que são associadas ao feminino, e tendem a reforçar o oposto disso em si mesmos. Assim, percebe-se,

que esse sistema afeta a todas as pessoas, mesmo que em escala diferentes, e inclusive os dominantes que vivem sob constantes pressões, assim como os dominados.

A masculinidade não é uma manifestação de uma essência interna; é construída socialmente. A masculinidade não surge na nossa consciência através de nossa constituição biológica; mas é criada pela cultura. A masculinidade possui sentidos distintos em tempos distintos às diferentes pessoas. Podemos saber o que significa ser um homem em nossa cultura estabelecendo definições em oposição aos grupos considerados como os *outros* – as minorias raciais, as minorias sexuais e, sobretudo, as mulheres. (KIMMEL, 2017, p. 99)

A dominação masculina é universal e globalizada, apesar das pequenas diferenças regionais. Os homens são criados para posições de liderança e as mulheres para não serem homens. A lógica da dominação gera as condições estruturais de pensamento da violência, não necessariamente física, mas principalmente psicológica. Para Beauvoir (1970), “o mundo sempre pertenceu aos machos”, no qual a hierarquia dos sexos se estabeleceu e a privilegiada domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão.

Embora as condições ideais que a sociedade cabia oferecia às pulsões do inconsciente androcêntrico tenham sido em grande parte abolidas, e a dominação masculina tenha perdido algo de sua evidência imediata, alguns dos mecanismos que fundamentam essa dominação continuam a funcionar, como a relação de causalidade circular que se estabelece entre as estruturas objetivas do espaço social e as disposições que elas produzem, tanto nos homens como nas mulheres. As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos. (BOURDIEU, 2002, p. 35)

A produção de significados do masculino se tornou plural e reverberou no passar dos anos por meio dos “atos performativos de gênero”, que são abordados por Muller e Riffel (2015). Porém, existe a diferença da concepção de masculino adotada nesta pesquisa, conforme Bourdieu (2002), que a enquadra como uma categoria e não um gênero. Apesar da diferença dos termos, o processo performático de construção de uma autoimagem identificada com o ideário masculino hegemônico se faz presente e gera consequências no campo das representações midiáticas, a partir da dimensão estética.

Dessa forma, compreendemos o corpo como significante, isto é, um suporte no qual se constroem significados e efeitos de sentido, em que podem ser também materializadas as masculinidades plurais por meio dos atos performativos. Tomamos ainda o corpo como o “lugar” em que se constituem os processos de identificação, ou seja, no qual puderam ocorrer a mimese e o

reconhecimento com os modelos de masculinidades veiculados na região e no período estudado, considerando esses processos como inerentes à constituição de subjetividades. Por fim, entendemos o corpo como o suporte em que se constroem narrativas e significações válidas em uma determinada coletividade, ou seja, no qual as performances de masculinidade são citadas e reiteradas no âmbito social, encenando publicamente as significações estilizadas de gênero através da aparência. (MULLER; RIFFEL, 2015, p. 96)

Em face desse cenário, o sujeito é levado a reprodução dos atos da sociedade na qual está inserido e com a masculinidade não é diferente. Os costumes, princípios e o modo de agir em sociedade são sempre repassados pela família ou pelas referências que fazem parte do círculo de convivência e, dessa maneira, o conceito está ligado intrinsecamente ao fato social, se perpetuando diante da naturalização em diversas narrativas que estabelecem dominâncias e trazendo privilégios ao ser masculino.

Infelizmente, no mesmo momento em que trabalham para quebrar o isolamento que governa suas vidas, uma vez que eles permitem expressar aqueles medos e aquela vergonha, eles ignoram o poder social que os homens continuam a exercer sobre as mulheres e os privilégios a partir dos quais (uma vez que os homens brancos de classe média, de meia idade, são quem amplamente realizam esses retiros) continuam a se beneficiarem – indiferente de suas experiências como vítimas feridas da socialização masculina opressiva. (KIMMEL, 2017, p. 120-121)

Para chegarmos à compreensão das influências das representações da masculinidade na sociedade brasileira e na estadunidense, contempladas nos próximos dois subcapítulos, precisamos nos atentar para a propagação do conceito desde os processos de colonização nos dois países. Apesar de estarem localizados no ocidente, existem diferenças culturais advindas dos processos colonizadores.

No Brasil e nos Estados Unidos, a grande influência cultural perpetuada está associada ao modo que ocorreu a colonização e não sobre quem a executou. Portugal, como uma monarquia dependente da exploração de suas colônias, realizou a colonização de modo mais exploratório, e a Inglaterra, em circunstâncias mais industriais e economicamente dinâmicas deixou suas colônias com maior liberdade. Por isso, os processos de desenvolvimento se diferem e as estruturas regionais também foram impactadas no âmbito social.

Masculinidades hegemônicas existentes empiricamente podem ser analisadas em três níveis: 1. local: construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas e de histórias de vida; 2. regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas; e 3. global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio

transnacionais, como ocorre com os estudos emergentes sobre masculinidades e globalização. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 267)

Tendo em vista a contextualização do assunto realizada, nos dois próximos subcapítulos o enfoque se dá a nível regional, primeiramente, na sociedade brasileira e, posteriormente, na estadunidense, por serem os locais de produção dos documentários que são os objetos de estudo desta pesquisa.

## 2.1 NA SOCIEDADE BRASILEIRA

O conceito da masculinidade no âmbito cultural do Brasil é formado desde os processos iniciais de colonização, em que os portugueses priorizaram a exploração da população e as estruturas sociais se formaram a partir disso, tendo a religião cristã como um dos pilares de formação. No Brasil, a representação da masculinidade, para além do sentido universal do homem forte e viril, foi incorporada gradualmente ao *jeitinho brasileiro*, que aqui se baseia em cavar oportunidades e se alcançar o sucesso, em vista do que é esperado pelas diretrizes da masculinidade hegemônica.

A masculinidade brasileira é derivada das relações paternalistas e autoritárias, que agrega particularidades ao *jeitinho brasileiro*. Acerca de sua formação histórica, visualiza-se as consequências e implicações no âmbito da coerção social desde a época do Brasil Colônia (1500-1822), em que os senhores de engenho simbolizavam a personificação do homem branco e de boa situação econômica, em oposição a outras formas tidas como inferiores, seja racialmente, sexualmente ou economicamente. Posteriormente, no período monárquico do Brasil Império (1822-1889) o modelo também foi reverberado.

A masculinidade hegemônica no Brasil é, além de patriarcal, profundamente racista, já que toma por base organizativa a ficção da existência de raças na espécie humana; é masculinidade branca que, ainda que não assuma tal adjetivação, classifica como bons e maus os hábitos, costumes, atividades etc., em função de sua aproximação com a cultura branca, construindo-se o mito da branquitude brasileira. (BARBARINI; MARTINS, 2019, p. 226)

O educador Felipe Cirilo, que aparece no documentário brasileiro analisado nesta pesquisa, reitera sua posição em vista da construção racial no Brasil: "Não tem como a gente falar de masculinidade preta e não falar de violência" (O SILÊNCIO, 2019, 0:36:32). A associação dos negros ao ambiente violento, por exemplo, faz com que sejam enquadrados como uma masculinidade subalterna. O jornalista, Ismael dos Anjos, que também faz parte do

audiovisual que aqui é o objeto de estudo, chega a citar que buscava o ideário da masculinidade hegemônica, até que percebeu que estava tentando ser branco e não o que realmente era.

O conceito do *jeitinho brasileiro* emerge do processo de hierarquização entre os próprios seres masculinos e de suas pretensões de serem bem-sucedidos. De acordo com Motta e Alcadipani (1999), isso pode ser exemplificado pela figura de um coronel da polícia, que mesmo se flagrado ultrapassando o limite de velocidade não será multado por um policial, que virá a reconhecer sua superioridade e se submeter a ela. Como visto, ainda segundo os autores, “[...] na linha temporal da história brasileira, se recordarmos, agora, as relações de trabalho e voto no início do período republicano, constataremos que a figura do coronel dominava o quadro social da época e o fazia por meio de afeto e violência (MOTTA; ALCADIPANI, 1999, p. 8)”.

O *jeitinho brasileiro* é o genuíno processo brasileiro de uma pessoa atingir objetivos a despeito de determinações (leis, normas, regras, ordens etc.) contrárias. É usado para “burlar” determinações que, se levadas em conta, inviabilizariam ou tornariam difícil a ação pretendida pela pessoa que pede o jeito. Assim, ele funciona como uma válvula de escape individual diante das imposições e determinações. (MOTTA; ALCADIPANI, 1999, p.9)

Em um mundo globalizado, mesmo antes das tecnologias de compartilhamento e comunicação instantânea era possível notar a reprodução dos princípios da dominação masculina, a exemplo da pose nas fotografias. No século passado, o trabalho braçal, a exemplo do homem do campo, era sinônimo de ser másculo e forte, mas a concepção hegemônica consiste também em ser bem-sucedido, ou ao menos parecer, e a fotografia era um meio de fazer essa demonstração para os demais.

Conforme o artigo “Performances de gênero: masculinidade, fotografia e história” de Muller e Riffel (2015), os atos performativos de gênero fazem o uso das capturas visuais para se legitimar. No estudo, são utilizadas fotografias de um jovem aprendiz de alfaiate, produzidas no Brasil, na década de 1940, como elemento de investigação de possíveis modelos de como um homem deveria se portar frente a uma câmera.

As questões sociais, históricas e discursivas, por consequência, reforçam a constituição dos atos performativos, que são observados em uma análise da descrição, interpretação, significação e alcance da imagem. O documento fotográfico em questão se trata de um rapaz, chamado Engelberto Schaefer, que desejava ser uma espécie de objeto de exibição, visando demonstrar o seu progresso material para os que viriam a ver aquele registro. Os elementos

utilizados, pelo fotografado, foram: um olhar fixo, boas vestimentas e em um cenário simples, caracterizado por ser uma representação da sociedade nobre da época.

Ao retomar o artigo de Muller e Riffel (2015), no tópico denominado “É o homem de boa aparência que vence!”, é demonstrado o desejo de discutir a motivação para a realização de uma foto, como a de Schaefer, no Brasil. Constata-se que essa foi uma das observações de Bourdieu (2002) nos estudos sobre a dominação masculina, quando o autor diz que “realmente, não seria exagero comparar a masculinidade a uma nobreza [...] que instaura uma dissimetria radical na avaliação das atividades masculinas e femininas” (BOURDIEU, 2002, p. 71).

O fato de se evidenciar a posição de trabalho e as boas vestimentas deriva da adequação do que um homem deveria ou não fazer. Em 1940, era adotado esse parâmetro no Brasil para distinguir o homem burguês dos demais seres, sejam eles homens de classes sociais mais baixas ou de qualquer outro gênero. Em suma, quanto maior o poder aquisitivo é, maior a tolerância, mesmo que a pessoa não possua as características padrões e estruturais da categoria masculina hegemônica.

Importa salientar que não se trata aqui de afirmar que Engelberto representasse ou pudesse representar o protótipo do “homem burguês” a deixar-se retratar, mas sim de considerar que as representações manifestadas nos retratos (este e outros que foram analisados) derivam do investimento efetuado na produção de uma imagem idealizada dos fotografados, cujos modelos de representação foram construídos e moldados pelo retrato burguês do século XIX. (MULLER; RIFFEL, 2015, p. 103)

Para estudar o visto e o não visto no texto, em vista dos registros fotográficos, é utilizada a construção estética da representação imagética, na qual é questionada a posição do fotógrafo, que vinha a corroborar com a construção da imagem que traduzisse a representação da masculinidade. A pessoa responsável pelo clique fotográfico, além da influência na qualidade da imagem registrada pelo seu equipamento, procurava também, determinar as poses, os cenários e os objetos que compunham a imagem.

A questão do que é visível e do que não é, ao olhar dos outros para com os homens, se estende para a discussão do psicólogo Fred Mattos, no documentário brasileiro “O Silêncio dos Homens” (2019). O especialista reflete sobre a baixa abertura emocional e as consequências para os seres dotados de masculinidade, que vivem em busca de assegurar uma aparência que condiz com o esperado pela sociedade.

Os homens estão o tempo inteiro falando, se impondo, interrompendo as mulheres com tudo que elas estão falando, eles estão em lugares de poder. Como assim os homens estão em silêncio? O que eu mais ouço é voz de



homem falando. É que existe uma diferença entre falar e se revelar de fato. Então quando um homem fala verbalmente, ele está ocultando muitas camadas de profundidade emocional. Ele fala para sustentar uma imagem. (FRED MATTOS, In: O SILÊNCIO, 2019, 0:06:32)

Enfatiza-se que no caso da fotografia de um homem de família imigrante, registrada nos anos 1940, era esperado a tentativa de demonstração de certo prestígio ao reverberar o protótipo do “homem burguês”. Por meio da função desses retratos em documentar, os familiares ausentes viam a prosperidade dos que haviam se mudado, através dessa representação que buscava demarcar a distinção social e econômica do alfaiate perante os outros homens.

As concepções sobre o que é “ser homem”, de como “se portar” e o que fazer para ser considerado “homem” e os “valores” inerentes ao “universo masculino” são ensinados e aprendidos ao longo da socialização dos meninos e jovens. Nesse processo, um conjunto de normas, prescrições são transmitidas, tanto na socialização primária, etapa na qual as figuras paternas e maternas exercem maior influência, ou na socialização secundária, onde outros atores e instituições participam. (SILVA; VARGAS, 2019, p. 5)

Portanto, para ser um homem de sucesso e de boa aparência nas fotografias, que tinham um elevado custo na época, bastou “parecer” bem-sucedido, que é justamente um dos pilares da masculinidade hegemônica. A repetição, desse processo, normalizou e naturalizou esse posicionamento de significações de como ser aceito socialmente como masculino no país, perante a performatização dos sujeitos frente a uma máquina fotográfica ou no cotidiano, sob os olhares alheios.

Nesse aspecto, ao deixar-se fotografar, Engelberto encenava publicamente, por meio da aparência, significações estilizadas por meio das quais procurava identificar-se com um modelo heteronormativo, ou seja, com a imagem de um “outro” idealizado, manifestando assim, uma performance de gênero que o tornava aceito socialmente como “homem”. (MULLER; RIFFEL, 2015, p. 104)

Para Beauvoir (1970) “na boca do homem o epíteto ‘fêmea’ soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: ‘É um macho!’. O termo ‘fêmea’ é pejorativo” (BEAUVOIR, 1970, p. 25). Seguindo a mesma lógica, da associação de modo depreciativo ao feminino, é que no Brasil surgem expressões regionais para enaltecer ainda mais a figura masculina em detrimento do feminino.

O uso no dia a dia de expressões brasileiras como cabra-macho, de origem nordestina, evidencia esse cenário de oposição às características associadas ao feminino. O reforço desses vocábulos acontece, para além do cotidiano social, na própria mídia, seja em produções ficcionais ou não.

Esse processo pode gerar ou reforçar vulnerabilidades, pois tais expectativas de masculinidade, muitas vezes problemáticas, são reforçadas no decorrer da juventude e na vida adulta dos homens. Em algumas culturas, como a brasileira, presentear os meninos na infância com armas de plástico pode ser ilustrativo. Essa prática naturalizada normaliza, precocemente, o uso de armas e a violência e reforça a adoção do comportamento de invulnerabilidade. (SILVA; VARGAS, 2019, p. 3)

O fato se estende também às profissões, que vieram a ser ocupadas majoritariamente por homens. Nessas mesmas ocupações, surge também o impacto do *jeitinho brasileiro*, que é comumente utilizado como uma ferramenta masculina de superioridade, ascensão e notoriedade. Desse modo, o conceito pode ser visto como um apetrecho de controle social, que por vezes se estreita com atitudes ilícitas ou criminais, atrelando-se aos padrões da masculinidade hegemônica no Brasil.

O *jeitinho* acontece todos os dias nos mais diferentes domínios, quer sejam públicos, quer sejam privados. O esclarecimento desse fenômeno é, acreditamos, de vital importância para se compreender a realidade brasileira, sendo que a compreensão dessa realidade é indispensável para todos aqueles que trabalham e pesquisam as organizações locais. O mais interessante para nós é que o *jeitinho*, [...] assume uma faceta de controle social e competição. (MOTTA; ALCADIPANI, 1999, p. 7)

Além da perspectiva masculina sobre a representação da masculinidade, existe a realidade dada pela perspectiva feminina, que é comumente utilizada nesses estudos e por vezes mais do que as que são feitas pelos próprios homens. Para Beauvoir (1970) todo esse contexto parte da ideia da desvalorização feminina, de modo que sua abordagem visa demonstrar o papel da mulher na sociedade e as maneiras possíveis de se alterar essa construção. Porém, a “[...] representação homem/macho passa por correlações entre atividade sexual e gênero, para a mulher as correlações também vão estar presentes, mas para desvalorizá-la” (FLAUSINO, 2002, p. 10).

No Brasil, desde a civilização indígena, e posteriormente nos períodos históricos já mencionados, percebemos a hierarquização dada através da dominância, independentemente das ferramentas adotadas. Para existir a dominação é necessária a existência de dominados, como exposto por Bourdieu (2002), e o modelo de competição masculina culminou no *jeitinho brasileiro*, operado como uma ferramenta de ascensão nessa disputa, principalmente entre os homens dotados da masculinidade hegemônica.

Acreditamos que o controle social pela competição econômica e o controle pela identificação total ou expressão de confiança se prestam mais à compreensão da dinâmica do *jeitinho brasileiro*, lembrando que, no primeiro

caso, o que é realmente importante para os indivíduos, grupos ou organizações é o sucesso na vida ou nos negócios. (MOTTA; ALCADIPANI, 1999, p. 11).

Percebe-se hoje, que a combinação preferida do homem no Brasil, a fim de comemorar seu sucesso, econômico ou não, e alcançados através do *jeitinho brasileiro* ou não, é o futebol, o churrasco e a cerveja. A combinação é repleta de competição entre os homens, para ver quem joga melhor ou quem bebe mais, por exemplo. Nesse cenário de competição, o estímulo se dá desde a fase infantil e se consolida na adolescência, fato que é perceptível na pesquisa de Oliveira e Escudero (2019), realizada em uma escola pública brasileira. Destaca-se que a escola é justamente uma das instâncias de naturalização da dominação masculina, conforme exposto por Bourdieu (2002).

No levantamento de Oliveira e Escudero (2019), foram, ao todo, 150 estudantes respondendo sobre suas concepções de masculinidade, dos quais: 104 definiram o ser masculino através da heteronormatividade, seja por nascer com o órgão masculino, não ser homossexual ou adotar o ideário masculino; 34 não souberam responder; e 12 tiveram posicionamentos que não seguiam os padrões da masculinidade, descrevendo o respeito e o sentimentalismo.

Em sua definição sobre o que é ser homem, um aluno respondeu: “ser macho alfa”, enquadrando-se um caso de masculinidade heteronormativa. Mas, ao mesmo tempo, esse aluno declarou não acreditar que existia uma única forma de ser homem, afirmando, ainda, que os homens eram privilegiados por serem homens, que homens eram mais propensos a se envolver em atos de violência do que as mulheres, que existiam estereótipos masculinos e que ele mesmo se sentia pressionado a provar sua masculinidade perante os outros. Por sua vez, um outro estudante, que havia definido sua orientação sexual como “homem”, entendia que ser homem é respeitar seu sexo e que havia uma única forma de masculinidade. Apesar disso, ele declarou que os homens não possuíam liberdade para expressar suas emoções e que ele, também, se sentia pressionado a provar para os outros que era um “homem de verdade”. (OLIVEIRA; ESCUDERO, 2019, p. 10)

Acrescenta-se que os dados apresentados na pesquisa de Oliveira e Escudero (2019), nos permite fazer um paralelo com a sociedade atual, que ainda tem muito a progredir, mas que, ao mesmo tempo, é mais tolerante devido às pressões sociais. Dessa forma, esse processo, por sua vez, impacta diretamente nas abordagens midiáticas brasileiras, que são abordadas no último item deste capítulo.

## 2.2 NA SOCIEDADE ESTADUNIDENSE

O conceito geral do masculino hegemônico, no âmbito cultural dos Estados Unidos, tem uma particularidade em relação ao Brasil. O significado de ser homem na sociedade estadunidense está envolto no conceito do “*self-made man*”, que é usado como meta para conquistas pessoais em todos os cantos do mundo e reverbera o contexto da dominação masculina, em vista das consequências e implicações sociais.

As particularidades regionais na concepção da masculinidade advêm de cada construção cultural, em que as conotações de esperteza, por exemplo, no significado das línguas nativas das pessoas nascidas em cada país já demonstram esse percurso. No Brasil, a esperteza é atrelada à habilidade de improvisação e até o ato de burlar leis, enquanto nos Estados Unidos está relacionada à inteligência financeira ou a capacidade intelectual para realizar suas próprias conquistas, mas não necessariamente por meios lícitos.

Em 1832, o senador norte-americano Henry Clay afirmou “nós somos uma nação de Self-Made Man”, ao descrever a contribuição da América ao estoque mundial de arquétipos masculinos, no mesmo ano em que Tocqueville escreveu pela primeira vez sobre como nós éramos “insatisfeitos em meio à abundância. [...] Na primeira parte do século XIX, no entanto, uma nova versão de masculinidade emergiu, a do *Self-Made Man*. A sua masculinidade deveria ser demonstrada e provada no mercado. Ele era um empresário urbano, um homem de negócios, um *homme d'affaires*. (KIMMEL, 1998, p. 111)

No processo de colonização do atual país norte-americano, a Inglaterra priorizou o povoamento e as estruturas sociais se formaram a partir disso. Na formação em Ciências Sociais, Kimmel (2017) relata que percebia os teóricos estudados sempre descrevendo a palavra “homens”, a partir da figura masculina dominante, para explicar as relações econômicas, democráticas, éticas e psicológicas na sociedade.

Nos Estados Unidos, emerge em 1832 o “*self-made man*”, ou “homem feito por si mesmo” em uma tradução livre do pesquisador para a língua portuguesa, que está atrelado ao sucesso econômico, enraizado como meta para a masculinidade hegemônica na sociedade estadunidense. Segundo Kimmel (1998), no final do século XVIII dois modelos de masculinidade coexistiam nos Estados Unidos e permeavam a literatura norte-americana, eram os patriarcas e os artesãos. Com o tempo, essa nova versão de masculinidade foi se alterando conforme o desenvolvimento das relações de mercado.

Os Artesãos Heroicos e os Patriarcas Gentis viveram em acordo informal, em parte porque seus ideais de gêneros eram complementares (ambos sustentavam a democracia participativa e autonomia individual, embora os patriarcas tendessem a apoiar uma máquina estatal mais poderosa e também apoiavam a escravidão) e porque eles raramente se viam: os Artesãos eram

decididamente urbanos e os Patriarcas reinavam em suas propriedades rurais. Em torno da década de 1930, no entanto, essa simbiose provisória foi quebrada pela emergência de uma nova visão de masculinidade, A Masculinidade de Mercado (*Marketplace Manhood*). (KIMMEL, 2017, p. 103)

Posteriormente, o país se tornou uma potência econômica no passar de duas guerras mundiais, com os homens sendo figuras centrais, principalmente os que estavam no controle da nação. Dessa forma, os modelos de patriarca e artesão deixaram de ser seguidos, segundo Kimmel (2017), pois respectivamente, significavam pejorativamente um “dândi feminizado anacrônico” e “um proletariado despossuído”.

Percebe-se, assim, que tudo está regido pelo dinheiro e a mercantilização crescente das relações sociais teve influência direta na transformação da concepção da masculinidade hegemônica. As quantias monetárias compram submissão, que se naturaliza e vem a facilitar o processo de dominação, sendo esse, um ciclo sem fim. Nesse processo, cada um tem seu preço a pagar, direta ou indiretamente, inclusive os dominados, mesmo que em diferentes proporções.

O sucesso do modelo capitalista, principalmente no durante e depois do período da Guerra Fria (1947-1989), trouxe consigo o reforço das ideias de riqueza, poder e status que o ser masculino “deveria” ter e externar para os demais. Porém, para alcançar os três elementos existe todo um processo competitivo e, em consequência disso, toda uma geração nascida na época foi criada com essa concepção de ser masculino.

O que significa “vencer por esforço próprio (fazer a si mesmo)”? Quais são as consequências de “fazer a si próprio” para o homem individual, para os outros homens, e para as mulheres? Esta é a noção de masculinidade – enraizada na esfera da produção, da arena pública, uma masculinidade baseada não na posse de terra e/ou na virtude artesanal republicana, mas na participação com êxito na concorrência de mercado – esta foi a noção definidora de masculinidade americana. A masculinidade deve ser provada, e tão logo seja provada, é novamente questionada e deve ser provada mais uma vez – constante, incansável, inalcançável, e finalmente a jornada por provas se torna tão sem sentido que ganha as características [...] de um esporte. Aquele que possui mais brinquedos quando morre, vence. (KIMMEL, 2017, p. 102)

Dessa maneira emergiu uma cultura dominante nos Estados Unidos, postulada na personificação do homem responsável por estabelecer padrões para outros homens, que disputam entre si uma hegemonia. O aspecto que designa a superioridade, seja nos esportes ou na área financeira, faz com que os “outros” sejam considerados insuficientes.

A definição hegemônica de masculinidade é um homem *no poder* (*in power*), um homem *com poder* (*with power*), e um homem *de poder* (*of power*). Igualamos a masculinidade com o ser forte, vencedor, capaz, confiável, e em controle. As mesmas definições de masculinidade que desenvolvemos em

nossa cultura mantêm o poder que alguns homens possuem sobre outros homens e que os homens possuem sobre as mulheres. (KIMMEL, 2017, p. 105)

Além das mulheres, os outros homens, a exemplo dos homossexuais, são uma ferramenta de oposição à dominação masculina na sociedade estadunidense. Apesar de que, parte desse grupo reverbera a masculinidade hegemônica e na medida que essa concepção se estabelece, cria-se os grupos que não fazem parte dela, ou seja, os que apresentam características tidas como femininas.

Tenha como exemplo, o problema contínuo do *bullying* nos pátios das escolas. Os pais nos lembram de que o menino que comete o *bullying* é o *menos* seguro de sua masculinidade, e, portanto, ele está constantemente tentando prová-lo. Mas ele “prova” escolhendo os oponentes sobre os quais está absolutamente seguro em ser capaz de derrotar; portanto, o insulto padrão para um agressor é “pegue alguém do seu tamanho”. Ele não consegue; no entanto, depois de derrotar um oponente menor e mais fraco, com quem tinha certeza que provaria sua masculinidade, é deixado com um sentimento corrosivo e vazio de que não a provou no final das contas, e deve encontrar outro oponente, novamente menor e mais fraco, para que possa mais uma vez derrotar para provar para si próprio. (KIMMEL, 2017, p. 108-109)

Nos Estados Unidos, o ápice da masculinidade é justamente fazer por si próprio as suas conquistas, a partir de suas qualidades masculinas. Porém, esse ciclo é cerceado de fracassos, pois diante de todas tentativas de provar o ideário masculino o sujeito pode adoecer, o que comumente acontece logo cedo com os meninos nas escolas.

A psicóloga Madeline Levine discursou sobre os danos à saúde mental, no audiovisual “The Mask You Live In” (2015), alegando que atende crianças que, influenciadas pelos pais, já desejam ser investidores profissionais: “Isso é tão errado que eu nem sei por onde começar. Ele chega aqui e já foi tão doutrinado, nunca vai ser autêntico” (THE MASK, 2015, 0:09:11), conforme a tradução da fala da especialista da língua inglesa para a língua portuguesa, que foi disponibilizada na legenda do próprio documentário, como todas as demais que referenciam esta produção.

Segundo Kimmel (1998), as representações das masculinidades variam de cultura a cultura, de acordo com período de tempo e através de um conjunto de outras variáveis. O sociólogo também participa do documentário estadunidense analisado nesta monografia, dizendo que: “nossa cultura tem uma vergonha inacreditável da sexualidade” (THE MASK, 2015, 0:58:59), se referindo aos Estados Unidos, e Kimmel, ainda complementa que: a “pornografia é a educação sexual para a maioria das pessoas” (THE MASK, 2015, 0:59:03).

Os significados de masculinidade variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida. Isto significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. (KIMMEL, 1998, p. 106)

Reconhece-se que apesar de algumas mudanças no passar dos anos, a dominação masculina persiste, pois “ao terem que ‘reforçar’ os estereótipos masculinos, a identidade masculina dos meninos e jovens pode ser impactada pela concepção de que ‘ser homem’ tem por condição adotar a hipermasculinidade como único modelo de identidade masculina” (SILVA; VARGAS, 2019, p. 3). Nesse sentido, os exemplos da masculinidade estadunidense estão predominantemente nos esportes, como o basquete e o futebol americano, e também na indústria do entretenimento, principalmente com filmes hollywoodianos que circulam por todo o mundo.

Esportes comerciais são um foco das representações midiáticas da masculinidade, e o campo em desenvolvimento da sociologia do esporte também encontrou um uso significativo do conceito de masculinidade hegemônica. Foi implantado na compreensão da popularidade dos esportes de contato e confronto – que funcionam como uma renovação contínua do símbolo da masculinidade – e na compreensão da violência e homofobia frequentemente presentes em meios esportivos. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 246)

A admiração dos homens por outros homens, a exemplo dos jogadores de futebol americano e heróis de guerra, está diretamente ligada aos processos de dominação e agressão. Diante disso, é buscado o pertencimento ao modelo masculino hegemônico e a tendência é, justamente, a reprodução desses comportamentos, sob a constante aprovação dos próprios homens.

Outros homens: nós estamos sob o exame minucioso e cuidadoso constante de outros homens. Outros homens nos assistem, nos classificam, outorgam nossa aceitação no domínio da masculinidade. A masculinidade é demonstrada para a aprovação dos outros homens. São os outros homens que avaliam o desempenho. (KIMMEL, 2017, p. 119)

Como enfatizado por Bourdieu (2002), quando não se ocupa essa posição hegemônica é preciso pagar um preço, no qual os próprios desprovidos da masculinidade aplicam a si mesmos os princípios dominantes. A rejeição ao feminino se inicia durante a fase infantil e faz com que as mulheres sejam “[...] o pano de fundo contra o qual os homens brancos heterossexuais projetam as suas ansiedades de gênero e é sobre a emasculação destes que os *self-made men* constroem definições hegemônicas” (KIMMEL, 1998, p.116).

As cobranças advindas do conceito de “*self-made man*” podem desencadear depressão e transtornos psicológicos aos acometidos. O educador Jackson Katz, ao falar sobre os tiroteios em massa, no documentário “The Mask You Live In” (2015), reflete sobre o fato de que “muitas meninas vivem em culturas onde há fácil acesso a armas. Por que garotas e mulheres não fazem tiroteios?” (THE MASK, 2015, 1:14:16).

A vergonha leva ao silêncio – os silêncios que fazem com que as outras pessoas continuem a acreditar que na realidade aceitamos o que são feitos contra as mulheres, às minorias, aos gays e às lésbicas em nossa cultura. O silêncio amedrontado quando passamos apressados por uma mulher que é aborrecida por um homem na rua. Aquele silêncio furtivo quando os homens contam piadas sexistas, ou racistas em um bar. Aquele sorriso de mãos suadas quando homens em seu escritório contam piadas de espancar gays. Nossos medos são as razões de nossos silêncios, e o silêncio dos homens é o que mantém o sistema funcionando. (KIMMEL, 2017, p. 112)

Podemos compreender, também, o funcionamento da masculinidade nos Estados Unidos com o treinador de futebol americano, Joe Ehrmann. Ao participar do documentário estadunidense, ele conta sua própria experiência, afirmando que os técnicos esportivos têm muito poder sobre os meninos e que muitas vezes são seus exemplos de masculinidade, podendo fazer muito mal ou muito bem.

Todo esse ciclo de dominação, silêncio e violência, segundo Ehrmann, são frutos de frustração, em que “uma mágoa paterna é um defeito ou ferimento psicológico ou emocional contínuo que poderia ser curado em um relacionamento saudável. Então uma mágoa paterna é provavelmente um dos problemas sérios do país” (THE MASK, 2015, 1:20:10).

A implacabilidade que os homens sentem hoje não é nada nova na história americana; temos sido ansiosos e incansáveis por quase dois séculos. Nem a exclusão, nem a fuga já nos trouxeram o alívio que buscamos, e não há razão para pensar também que iremos solucionar nossos problemas agora. A paz mental, o alívio da luta de gênero, virá apenas através de uma política de inclusão, não de exclusão, do posicionamento para a igualdade e a justiça, e não através da fuga. (KIMMEL, 2017, p. 121)

Salienta-se, que é possível fazer um paralelo da busca pela fuga dos que cresceram moldados pela masculinidade hegemônica com o conceito da dominação masculina, que impacta as crianças estadunidenses desde cedo e consolidam suas opiniões na adolescência, por meio de pressões sociais e do consumo dos produtos midiáticos. Porém, ao mesmo tempo em que ocorre essa fuga, surgem reproduções desses modelos, que são vistos na televisão e ainda mais hoje na internet.



Um de nossos truques favoritos quando era adolescente era pedir a um menino para olhar as unhas das mãos. Se ele colocasse as palmas na direção de sua face e dobrasse os dedos para vê-los, passaria no teste. Ele olharia as unhas *como um homem*. Mas se colocasse as costas das mãos a uma distância de sua face, e as olhasse com os braços esticados, era imediatamente ridicularizado como afeminado. (KIMMEL, 2017, p. 113)

A citação anterior de Kimmel (2017), seria facilmente adaptada para uma cena de qualquer filme, de comédia ou não necessariamente, de 10 anos atrás e que hoje provavelmente não seria mais aceito, em vista das mesmas influências sociais. Portanto, a criação de narrativas midiáticas deve ser repensada para a não reprodução desses modelos de masculinidade hegemônica. As representações vindas de diversos planos sociais, que “[...] constituem-se num fundo cultural no qual os cineastas se inspiram, e cabe ao analista explicar os movimentos que dele decorrem” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 35). Por esse motivo, dentre outros, as representações presentes nos documentários foram alvo de análise nesta pesquisa, visando o entendimento de suas respectivas significâncias sobre a masculinidade.

### 2.3 A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE NA MÍDIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

O entendimento da representação da masculinidade, que se desenvolve em cada cultura, é fundamental para chegarmos à compreensão da utilização dos elementos visuais, de duração, ângulo, presença de movimento, enquadramento e cenário, e sonoros, das aparições dos áudios em primeiro e segundo plano, em uma produção audiovisual. Os documentários, que são os objetos desta monografia, apontam que a naturalização dos hábitos sociais hegemônicos são o caminho para a perpetuação da dominação masculina.

Os modelos de masculinidade, como quaisquer outros tipos de representações, são avalizados pela mídia e mesmo que suas construções se deem em contextos culturais diferentes, corriqueiramente apresentam suas semelhanças. No percurso da história midiática, principalmente no Brasil, por vezes o homem ausente de masculinidade não foi retratado de maneira adequada, seja ele homossexual ou não. De início, quando começaram a ter espaço nos meios comunicacionais, era sempre de forma caricata, principalmente em telenovelas, mas também no jornalismo e nos próprios documentários.

No artigo “A Narratividade do discurso jornalístico – a questão do outro”, de Resende (2009), são comparadas as narrativas filmicas de dois documentários considerados de cunho jornalístico. Apesar dos parâmetros de análise desta monografia, possuem uma maior

abrangência, existem alguns pontos relevantes a serem evidenciados. Para Resende (2009) as representações, partem de uma perspectiva hegemônica diante dos avanços tecnológicos, que propiciam a produção dos discursos midiáticos nas sociedades globalizadas e “diante da diversidade de meios através dos quais se pode narrar os acontecimentos, a comunicação social, e em particular o jornalismo, assume um papel preponderante: ele é um lugar a mais de onde se tece a vida do outro” (RESENDE, 2009, p. 1).

Para Resende (2009), a representação está na diferença e esse é o tema central nessa discussão, como também é feito aqui na análise dos documentários “O Silêncio dos Homens” (2019) e “The Mask You Live In” (2015). Existem diferentes maneiras de se criar representações, imagetivamente ou não, podendo ser construída uma narrativa recheada de contradições ou através de um ponto de vista singular. Com isso, pode haver uma problemática na relação que é estabelecida entre o “eu e o outro” na perspectiva da representação, em vista das próprias “guerras particulares”, ou seja, o que é de maior interesse para quem produz.

Evidencia-se que mostrar, esclarecer e explicar os fatos do cotidiano são os pilares do jornalismo, mas por vezes, essas escolhas foram feitas a mando de homens dotados da masculinidade hegemônica, que transmitiam uma falsa sensação de credibilidade em detrimento das mulheres. Podemos exemplificar, isso, na narração das estações de rádio, as quais os homens que têm a voz fina ou feminina são recusáveis. O fato se estende aos dilemas éticos, que atravessam não só a produção de documentários, mas de qualquer material que tem a função de falar do outro ou de determinado grupo, a qual o lugar de fala de quem produz tem grandes influências em toda uma cadeia de comunicação.

A enunciação do discurso jornalístico nos campos sociais, sejam políticos, econômicos, culturais ou religiosos, se baseia na “vontade de verdade”. Os discursos midiáticos figuram como expressões máximas do que é verdadeiro, diante de sua credibilidade, de quem fala e de onde fala. Com isso, promovem a difusão dos nossos modos de compreender e ver o mundo, visto que são uma maneira de reverberar um discurso de representação que é institucionalmente legitimado.

Nesse aspecto, o jornalismo, ainda que não de forma exclusiva, é exemplar na reiteração deste pressuposto: quem fala e de onde fala são critérios absolutamente relevantes e definidores do que é ou deixa de ser verdade. cremos ou fingimos crer na idéia de que a verdade ali está, seja porque o lugar de representação do acontecimento é institucionalmente legitimado ou porque aquele que profere o discurso, na figura empírica do sujeito que fala, tem credibilidade; ainda que às vezes possamos dele duvidar, vale dizer, por razões quase sempre de natureza ideológica. (RESENDE, 2009, p. 5)

A corrida para retratar verdadeiramente a realidade faz parte de qualquer produção midiática, com exceção às ficcionais. Ao buscar a verdade, se busca também a tentativa de convencer os consumidores de um produto midiático, que aquilo é real e não passível de questionamentos. Diante disso, conforme Resende (2009), o que se apresenta é a “vontade de verdade” na manifestação discursiva, que inviabiliza o contexto da representação e de qualquer encontro com o outro.

A partir desses lugares, pelo desejo e pelo poder, revestidos da vontade de verdade, os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante. (RESENDE, 2009, p. 5)

Para compreender as representações ideológicas e culturais, é preciso reconhecer o lugar político dos autores dessas produções e ter atenção quando o conteúdo se torna uma “mercadoria”, que visa somente o lucro. Para Resende (2009), nas produções midiáticas é prezado o volume de novas informações no relato e a rapidez que chega aos consumidores, visando explicar sonoramente mediante as comprovações imagéticas para serem representações plenas, mas não necessariamente problematizações de um assunto.

Podemos compreender as recentes mudanças no cenário midiático, a partir da concepção da “nova” masculinidade, que se refere ao rompimento do padrão hegemônico masculino. No programa “Hoje em dia” da Record TV, em suas transmissões até o ano de 2015, destacava-se esse novo modelo de masculinidade do apresentador e chef de cozinha Edu Guedes.

Edu Guedes assume no programa ‘Hoje em Dia’ o papel do homem contemporâneo. Cozinha, é aventureiro e não tem medo de ferir sua masculinidade expondo suas opiniões e sentimentos. Este modelo marca um rompimento com o masculino tradicional, onde predominava a força e, a virilidade, precisava ser afirmada o tempo todo. (STECANELLA *et al.*, 2010, p. 8)

Por outro lado, nota-se uma valorização demasiada quando os homens rompem com os padrões, inclusive isso está presente no fato de os homens se destacarem como chefs de cozinha e não cozinheiros, visto que essa é uma crítica de Bourdieu (2002). Enquanto isso, o outro apresentador do “Hoje em dia”, Celso Zucatelli, que ficou à frente do programa até 2015, aparecia como uma figura de oposição, adotando o tom de seriedade que estamos acostumados

a ver na mídia mundial, sendo uma figura masculina comum que reproduz os hábitos da masculinidade hegemônica.

O discurso da mídia ora repete e reforça os valores tradicionais, ora revela e valida os valores contemporâneos. O ideal hegemônico de masculinidade se opõe ao ideal hegemônico de feminilidade e essa oposição vai se desenhando de acordo com os movimentos da sociedade. Portanto, se transformam de acordo com os aspectos transitórios que se transformam junto com as mudanças e as práticas de uma sociedade. (STECANELLA *et al.*, 2010, p. 3)

Em vista desse contexto, o desenvolvimento desta monografia envolve explorar a representação da masculinidade, em vista do que é apresentado nos documentários expositivos “O Silêncio dos Homens” (2019) e “The Mask You Live In” (2015). Os efeitos sociais das obras que abordam a questão do masculino e de suas influências no campo da comunicação, que aqui se dialogam, foram pensadas para não reforçar simbolicamente a dominação, mas contribuir com sua neutralização, de modo a promover uma mobilização das vítimas.

### 3 TEORIA DOS DOCUMENTÁRIOS

Os aspectos dos documentários foram primeiramente conceituados, para posteriormente no capítulo de análise, serem destrinchados os elementos presentes em “O Silêncio dos Homens” (2019) e “The Mask You Live In” (2015), com a contribuição da metodologia da análise fílmica. Antes de compreender os sentidos que são resultantes finais da construção de um documentário, é preciso introduzir que, conforme Penafria (2018), existem semelhanças dessas produções com a narrativa ficcional. Para fazer essa identificação ao acompanhar um produto midiático é necessário um saber social prévio, a fim de interpretar o porquê das escolhas realizadas na montagem de uma produção audiovisual.

Todo e qualquer filme pode ser entendido como uma ficção uma vez que nenhum filme pode substituir, efetivamente, a experiência vivida de um acontecimento. E, de igual modo, todo e qualquer filme pode ser entendido como um documentário uma vez que é sempre cultural, política, social e/ou historicamente datado e reflete o modo de ser e viver de uma determinada época. A ficção é um documento. (PENAFRIA, 2018, p. 1-2)

Além disso, destaca-se a diferença do documentário para a reportagem jornalística, especificamente a distinção para uma grande reportagem. Normalmente, as falas em um documentário são longas, apesar das exceções, e nas reportagens não existe o mesmo espaço de tempo. Para Penafria (2001) a diferença está na subjetividade, na qual o documentário tem a possibilidade de explorar uma grande diversidade temática, sem a exigência da instantaneidade de uma notícia.

No entanto, aos bons jornalistas é reconhecida uma marca autoral ou subjetiva, uma marca própria sem que isso interfira no seu profissionalismo. Historicamente, desde os anos 30, década de ouro do Movimento Documentarista Britânico, a diferença reside, essencialmente, nos procedimentos adotados para abordarem o mundo cotidiano. O autor de uma reportagem deverá seguir pressupostos jornalísticos (apresentar o quem, o quando, o onde, o como e o porquê e adotar procedimentos considerados objetivos do ponto de vista jornalístico, como seja a apresentação do depoimento das diferentes pessoas envolvidas num mesmo assunto). Para além disso, o jornalista segue um código deontológico. Já no documentário, embora existam recursos que imediatamente lhe são associados (como o plano-sequência) não existe qualquer obrigatoriedade formal estabelecida à partida. Por outro lado, o documentarista não possui nenhum código deontológico escrito; a ética profissional está apenas dependente dos critérios de cada realizador. Se na reportagem existe um conjunto de procedimentos que devem ser aplicados, não dependentes do tema; no documentário é o tema que determina a forma. Documentário e reportagem tocam-se, mas/e/ou separam-se. (PENAFRIA, 2018, p. 2)

Os princípios de tratamento do tema e a utilização de recursos técnicos, como as imagens e os sons que agregam sentidos às produções, podem demonstrar as pretensões dos produtores cinematográficos. Nesse aspecto, os elementos escolhidos pela produção podem causar impacto emocional ou simplesmente a falta dele, que por sua vez, é uma consequência direta do processo de transmissão da mensagem.

Pensemos em um caso extremo, para melhor mapear a especificidade do campo da imagem documentária, conforme a entendemos: a imagem da morte. A imagem câmera da morte real possui uma forte intensidade que nos absorve por completo e nos coloca em posição desconfortável com relação ao que está sendo exibido. Uma imagem de morte real constitui-se em uma espécie de fronteira, onde a posição espectral é possível. Uma fronteira ética, inclusive, onde a fruição do horror traz em si uma porção inevitável de má-consciência pelo desbalanço entre a desgraça representada e o prazer obtido com a representação. (RAMOS, 2001, p. 7)

As análises das representações dos audiovisuais se diferem de outros tipos de análise, visto que é importante ressaltar a diferença nos segmentos que compõem a mensagem final. É mais fácil analisar um texto de um único autor e sobre um único assunto, por exemplo, se comparado a um compilado de imagens e sons em que diversas pessoas expõem seus pontos de vistas de maneira intercalada.

Enquanto a análise literária explica o escrito pelo escrito, a homogeneidade de significantes permitindo a citação, em suas formas escritas, a análise fílmica só consegue transpor, transcodificar o que pertence ao visual (descrição dos objetos filmados, cores, movimentos, luz etc.) do filme (montagem das imagens), do sonoro (músicas, ruídos, grãos, tons, tonalidades das vozes) do audiovisual (relações entre imagens e sons). (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 10)

Para Penafria (2009) a análise de filmes deve ocorrer a partir da decomposição relativa à imagem, ao som e à estrutura do filme, com o objetivo de esclarecer como a produção analisada funciona. Por outro lado, a crítica além da avaliação, atribui também, um juízo de valor do pesquisador, em vista dos sentidos recepcionados.

Ver filmes, por exemplo, é um processo que manipula uma série de fatos: 1) capacidades perceptivas; 2) prioridade para o conhecimento e a experimentação (pois o espectador usa, para ver filmes, conhecimentos que possui de seu lidar no cotidiano) e 3) material e estrutura dos filmes em si (a organização do material fílmico para sugerir os processos mentais envolvidos na apreensão de histórias). O filme narrativo é feito para encorajar o espectador a executar as atividades de construções de histórias e manipula assim uma compreensão narrativa. Compreender uma narrativa envolve um esforço por fixar-lhe coerência. O narrativo organiza o visual, mas depende dele. (SANTIAGO JÚNIOR, 2004, p. 4)

Os elementos utilizados podem ter significados explícitos ou implícitos na dimensão audiovisual, que ficam a cargo da bagagem cultural do público. Quando alguém está na posição de espectador, pode-se configurar como um espectador normal ou um analista, sendo que este último precisa de racionalidade e distanciamento da produção para realizar a devida interpretação, pois “calcada no aporte teórico relacionado à linguagem e às teorias do cinema-documentário, conforme o gênero do audiovisual, a análise fílmica compreende a narrativa do filme e a sua composição enquanto produto final” (MOMBELLI; TOMAIM, 2015, p. 2).

Com efeito, as finalidades dessas operações diferem. A escrita do roteiro, a decupagem técnica, a filmagem, a montagem e a mixagem constituem as etapas de um processo de criação de fabricação de um produto. A descrição e a análise procedem de um processo de compreensão, de (re)constituição de um outro objeto, o filme acabado passado pelo crivo da análise, da interpretação. (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 12)

Os documentários “O Silêncio dos Homens” (2019) e “The Mask You Live In” (2015) seguem a mesma linha, são expositivos e têm a argumentação sustentada por meio dos relatos dos entrevistados. Apesar de serem construídos em contextos diferentes, eles abordam a mesma temática da masculinidade e apresentam algumas semelhanças narrativas que evidenciam a necessidade de desconstrução da masculinidade hegemônica.

O espectador convoca sua memória e lida com as motivações que o suporte (o filme) lhe oferece para construir a estória; da mesma forma faz suposições sobre o material e sobre a ordenação dos eventos, realizando inferências, testando hipóteses sobre a informação que só lhe é dada de forma gradual, para no final conseguir produzir uma coerência. As narrativas são assim compostas de forma a recompensar, modificar, frustrar ou malograr a busca do espectador por coerência. (SANTIAGO JÚNIOR, 2004, p. 5)

As diferentes representações do significado de ser homem podem passar batidas ao público que já naturalizou determinado modelo de masculinidade ou pode, por outro lado, impactar quem assiste com algo que não era esperado. De início, uma produção aborda o silêncio e a outra faz uma metáfora sobre a utilização de uma máscara, com essas escolhas sendo demarcadas logo no título das produções.

Segundo Nichols (2016) a análise da narrativa audiovisual, sob a influência dos estudos culturais, prioriza a maneira com a qual a representação é feita, desde a metodologia até o posicionamento de câmeras. A forma e as escolhas realizadas ditam a mensagem que chegará ao público, podendo ser confirmadas como expositoras da realidade.

Alguns documentários utilizam muitas práticas que associamos à ficção, como por exemplo, roteirização, encenação, reconstituição, ensaio e interpretação.

Alguns adotam convenções bem conhecidas como o herói solitário que enfrenta um desafio ou embarca numa busca, construindo suspense, clímax emocionantes e resoluções paroxísticas. (NICHOLS, 2016, p. 17)

A utilização de recursos do realismo, conforme Nichols (2016), gera credibilidade e valor para uma produção, através da impressão de autenticidade, mesmo que aquilo seja fabricado. O processo de ter credibilidade se dá dessa forma, mas é ressaltado que “não podemos garantir que o que vemos seja exatamente o que teríamos visto se estivéssemos presentes ao lado da câmera” (NICHOLS, 2016, p. 19).

O documentário ocupa uma posição ambígua e polêmica na história, teoria e crítica do cinema. Por um lado, recorre a procedimentos próprios do cinema (escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção, etc.). Por outro lado, enquanto espectadores, exigimos que um documentário, por manter uma relação de grande proximidade com a realidade, deva respeitar um determinado conjunto de convenções: não direcção de actores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo, câmera ao ombro, etc. (PENAFRIA, 2001, p. 1)

Nesse contexto, ressalta-se que de maneira a persuadir quem assiste, determinados elementos podem garantir uma percepção de autenticidade, mesmo que ela não exista. A autora Penafria (2001), aborda o conceito do "ponto de vista" como uma questão determinante, em vista da relação que o documentarista estabelece com seus intervenientes.

Um documentário pauta-se por uma estrutura dramática e narrativa, que caracteriza o cinema narrativo. A estrutura dramática é constituída por personagens, espaço da acção, tempo da acção e conflito. A estrutura narrativa implica saber contar uma história; organizar a estrutura dramática em cenas e sequências, que se sucedem de modo lógico. A suportar tudo isto deve estar uma ideia a transmitir. Essa ideia a transmitir constitui a visão do realizador sobre determinado assunto. (PENAFRIA, 2001, p. 2)

A transmissão da mensagem sobre o assunto desejado passa pelo crivo de quem assiste, levando em consideração o seu envolvimento e identificação com o ponto de vista escolhido na linguagem cinematográfica. O fator de identificação é exemplificado, por Penafria (2001), ao dizer que se “[...] um interveniente permanecer mais tempo no ecrã, é com ele que o espectador mais se envolve” (PENAFRIA, 2001, p. 3).

Documentaristas que fazem filmes pessoais, ou seja, sobre eles próprios, sobre temas que a eles lhes interessam ou sobre temas sobre os quais lhes interessa apresentar a sua visão, estão, obviamente, a apresentar a sua visão pessoal. Antes de mais, estão a contribuir para o desenvolvimento do género. Cada filme contribui para o cumprimento de uma das principais funções do documentarismo: promover a discussão sobre o nosso próprio mundo;



confrontarmo-nos ou distanciarmo-nos de nós próprios. Estão, também, a incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. (PENAFRIA, 2001, p. 8)

A tarefa do documentarista, resumidamente, é apresentar sua maneira de ver o mundo, a partir de suas escolhas nos processos de pesquisa, filmagens e montagem. Para Nichols (2016), a tradição do documentário está profundamente enraizada na capacidade de transmitir uma impressão de autenticidade. Diante disso, toda organização de uma equipe de produção de um documentário tem seu desenvolvimento baseado nesse planejamento.

É uma voz que emana da totalidade da presença audiovisual de cada filme: a seleção de planos, o enquadramento dos personagens, a justaposição das cenas, a mixagem dos sons, o uso de títulos e intertítulos - de todas as técnicas por meio das quais o cineasta fala de uma perspectiva distinta sobre um dado assunto e procura persuadir os espectadores a adotar sua perspectiva como se fosse a deles. (NICHOLS, 2016, p. 29)

Nos dois documentários analisados nesta monografia, os entrevistados representam a si mesmos, apresentando sua perspectiva pessoal de como as coisas acontecem. Diante disso, a integração com os planos imagéticos e dos sons em primeiro e segundo plano, se demonstram como possibilitadores dos sentidos empregados nos documentários.

O documentário fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados. O ponto de vista particular do cineasta molda essa história numa maneira de ver o mundo histórico diretamente, e não numa alegoria fictícia. (NICHOLS, 2016, p. 37)

No mesmo sentido, para Nichols (2016) o documentário representa uma determinada visão de mundo que provoca o debate entre os espectadores. A compreensão dos desdobramentos dos audiovisuais sobre a temática, nesta pesquisa, amplia o entendimento de como essa mensagem é emitida e recebida, principalmente na sociedade brasileira e estadunidense, que são representadas nos objetos de estudo.

Averiguou-se, também, que as maiores influências sobre os elementos de um documentário, ainda segundo Nichols (2016), são: "1) instituições que patrocinam a produção e a reprodução de documentários; 2) os esforços criativos dos cineastas; 3) a influência duradoura de filmes específicos; 4) as expectativas do público" (NICHOLS, 2016, p. 38).

Neste sentido, propomos uma primeira escolha do analista: uma análise interna ou uma análise externa ao filme. Na primeira, a análise centra-se no filme em si enquanto obra individual e possuidora de singularidades que

apenas a si dizem respeito. Se a análise é feita a um único filme é sempre possível analisá-lo tendo em conta a filmografia do seu realizador de modo a identificar procedimentos presentes nos filmes, ou seja, identificar o estilo desse realizador. Na segunda, o analista considera o filme como o resultado de um conjunto de relações e constrangimentos nos quais decorreu a sua produção e realização, como sejam o seu contexto social, cultural, político, económico, estético e tecnológico. (PENAFRIA, 2009, p. 7)

No documentário “O Silêncio dos Homens” (2019) é fundamental a hospedagem na plataforma YouTube e o patrocínio da Natura Homem e da Reserva, enquanto no estadunidense “The Mask You Live In” (2015) a hospedagem inicial na plataforma Netflix e agora em plataforma própria de transmissão, além da arrecadação realizada por *crowdfunding*, através da plataforma Kickstarter, foi essencial, pois "sem elas, bem menos documentários chegariam aos públicos desejados" (NICHOLS, 2016, p. 41).

O conceito também foi usado nas pesquisas sobre as representações do homem na mídia, por exemplo, nas interconexões entre o esporte e os imaginários de guerra. Como o conceito de hegemonia ajudou a dar sentido tanto à diversidade como à seletividade das imagens na mídia de massa, os estudiosos da mídia começaram a mapear as relações entre diferentes representações de masculinidades. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 246)

A trajetória dos dois documentários, desde os entrevistados, montagem e cortes escolhidos, visam aumentar o envolvimento do telespectador e transmitir sua concepção da masculinidade. Segundo Nichols (2016), muito do poder de persuasão de um documentário vem de sua trilha sonora, pois "tudo que vemos e ouvimos representa não só o mundo histórico, mas também a maneira como o criador do filme quer falar sobre esse mundo" (NICHOLS, 2016, p. 85).

Países e regiões diferentes têm seus próprios estilos e tradições. Os documentários latino-americanos e europeus continentais, por exemplo, preferem formas subjetivas e abertamente retóricas, [...] ao passo que cineastas britânicos e norte-americanos enfatizam mais as formas objetivas e observativas, no mesmo diapasão de 'os dois lados de cada argumento', bem ao gosto da reportagem jornalística e do enfoque marcadamente não intervencionista [...]. (NICHOLS, 2016, p. 45)

Dentre os elementos que promovem a construção de um audiovisual, para análise nesta pesquisa, foram escolhidos os seguintes: duração, ângulo, presença de movimento, enquadramento, cenário, banda sonora em primeiro e em segundo plano. Em vista disso, é possível entender as diferentes visões e sentidos empregados em uma mensagem sobre masculinidade, levando em consideração seus respectivos contextos culturais, que foram abordados no capítulo anterior.

Um filme é um produto cultural inscrito em um determinado contexto sócio-histórico. Embora o cinema usufrua de relativa autonomia como arte (com relação a outros produtos culturais como a televisão ou a imprensa), os filmes não poderiam ser isolados dos outros setores de atividade da sociedade que os produz (quer trate da economia, quer da política, das ciências e das técnicas, quer, é claro, das outras artes). (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 54)

Dentre os vários elementos que estão presentes em um documentário, a sequência de enquadramento e angulação de câmera, por exemplo, podem ajudar a entender as posições subentendidas de quem está filmando para com a pessoa filmada. Por outro lado, todo o processo de edição pode evidenciar, dentro da produção, o que foi julgado mais interessante para retratar uma determinada perspectiva de mundo.

Um outro modo, menos sistemático para a análise de um filme é uma espécie de diálogo que o analista pode estabelecer com o filme, colocando-lhe questões tais como: Qual é o tema do filme? Qual a cena principal? Como é que essa cena se interliga com as restantes? Quem é a personagem principal? (PENAFRIA, 2009, p. 9)

Ao passo que o diálogo é estabelecido pelos receptores com as produções, a partir do que foi construído por seus idealizadores, ficam perceptíveis as intenções e as perspectivas ideológicas que foram adotadas, pois “para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público. Todas essas histórias, de formas diferentes, são parte daquilo a que damos atenção quando perguntamos do que trata certo filme” (NICHOLS, 2016, p. 109).

Ao trabalhar com as questões mercadológicas, Flausino (2002) caracteriza a influência do consumo de mercadorias na construção do próprio gênero e na construção de suas representações, um fator que é intrínseco a qualquer produção audiovisual, visto que são produtos midiáticos. Por conseguinte, Penafria (2018) discute as atuais influências da tecnologia na produção audiovisual.

O YouTube parece concretizar uma ideia muito cara ao documentário: tudo filmar. As páginas do Facebook rivalizam com as biografias e autobiografias mais clássicas. E, hoje, mais que nunca, as imagens de arquivo que apenas repousavam nos arquivos oficiais, aumentaram exponencialmente. A Internet é, hoje, uma imensa base de dados de imagens e sons. (PENAFRIA, 2018, p. 3)

Em decorrência das plataformas digitais fazerem parte da cultura midiática de massa, as produções atuais devem se adequar a elas. Apesar de tomarem grandes proporções nesses ambientes *on-line*, como é o caso dos documentários ao tratarem sobre a representação da

masculinidade, eles são diretamente formatados e até restringidos, a exemplo da exibição ou não de conteúdo sexual, em respeito às políticas de cada plataforma.

Há esforço rotineiro de neutralizar com tecnologias que codificam a identidade com propósitos (quanto ao feminino) de naturalização, obediência, manutenção de modelos comportamentais. É a regulação do exercício da sexualidade. Sobre audiência de produtos culturais recai a responsabilidade ética, porque se é sujeito hoje de um mundo regulado pela mídia. (FLAUSINO, 2002, p. 6)

Nesse processo de regulação dos sujeitos pela mídia, os receptores reverberam o que consomem. Dessa maneira, é justificada a importância social e acadêmica de se compreender, por meio da metodologia da análise fílmica, as incidências e especificidades dos significados transmitidos nas produções audiovisuais.

### 3.1 DOCUMENTÁRIO “O SILÊNCIO DOS HOMENS”

O documentário “O Silêncio dos Homens” (2019), que foi idealizado e dirigido por Ian Leite e Luiza de Castro, discute a masculinidade de diferentes perspectivas, questionando o que os homens escondem ao não expressarem seus sentimentos. O silêncio na produção tem um sentido amplo, é emocional, verbal, social, particular e coletivo, pois quando um homem fala verbalmente, conforme apontado na produção, ele está ocultando muitas camadas de profundidade emocional, com o objetivo de transmitir uma imagem inabalável.

A montagem do audiovisual, de aproximadamente 61 minutos, se deu ao longo de meses pela equipe do projeto e canal no YouTube, denominado “Papo de Homem”, que é fundado por Guilherme Valadares, o responsável pela direção criativa da produção brasileira. As gravações foram realizadas nas cidades de São Paulo, Brasília, Glória do Goitá e Belo Horizonte, com a realização da “Monstro Filmes”. A produção, que é disponibilizada de maneira *on-line* e gratuita no YouTube, contou também com patrocínio das marcas Natura Homem e Reserva, pesquisa do Instituto PDH e apoio institucional da ONU Mulheres e da campanha “Eles por Elas”.

Ao longo de uma hora, o documentário brasileiro se destaca, ao discutir a masculinidade negra, homossexual, transexual e também ao abordar a questão da religião, um grande diferencial da obra. O enfoque da produção gira em torno de rodas de conversa e da importância da comunicação para quebrar o silêncio, sendo abordados também, dados em forma de infográficos, com a condução da exibição sendo feita pelo narrador Ícaro Silva.

No Brasil, reina de um modo difuso, mas uniforme, o discurso que reivindica a não especificidade do campo não ficcional. Nele podemos encontrar embutidos alguns pilares do pensamento contemporâneo de origem pós-estruturalista. A linha mais corriqueira deste raciocínio, desenvolve-se dentro de uma postura que valoriza o desafio a normas estabelecidas. Negar o campo documentário, equivale aqui a estabelecer uma ruptura. O documentário é visto como um campo tradicional, com regras a serem seguidas. Extrapolar estas fronteiras é um atestado de inventividade e criatividade. (RAMOS, 2001, p. 2)

A concepção da obra “O Silêncio dos Homens” (2019) visa demonstrar os danos consequentes que o silêncio pode ter: na violência doméstica; na ausência paterna; no vício em pornografia; no assédio; na escola; na religião; na homossexualidade; na transexualidade; e nas altas taxas de suicídio e homicídio entre os próprios homens. O sujeito masculino é representado pelo ser que sofre e precisa quebrar o silêncio. A produção, a partir das escolhas de seus elementos visuais e sonoros, remete ao tom de pacificidade e revelação, em vista dos sentidos transmitidos, que foram interpretados no capítulo de análise desta monografia.

### 3.2 DOCUMENTÁRIO “THE MASK YOU LIVE IN”

O documentário “The Mask You Live In” (2015), que em tradução livre do pesquisador para a língua portuguesa significa: “A máscara em que você vive”, estreou no Festival de Sundance, na cidade de Park City, sendo promovido pelo Sundance Institute, uma instituição sem fins lucrativos que é voltada para artistas independentes. O audiovisual, que atualmente é disponibilizado somente através de mídias físicas e por locação *on-line* em plataforma própria, já foi transmitido na plataforma Netflix, mas não está mais disponível no catálogo desse serviço de transmissão *on-line*. A proposta é de demonstrar que a inserção cultural e social implica aos homens, desde a infância, a necessidade de utilizar uma espécie de “máscara”, para não demonstrar fraquezas ou ações atribuídas ao feminino.

A produção estadunidense, de aproximadamente 92 minutos, foi viabilizada através de uma arrecadação de 101 mil dólares na plataforma de *crowdfunding*, chamada Kickstarter. A diretora, Jennifer Siebel Newsom, é engajada nas políticas de igualdade de gênero, sendo cofundadora do projeto denominado “The Representation Project”, que foi responsável pela realização e distribuição do documentário. Além disso, a encarregada da direção é casada com Gavin Newsom, o governador da Califórnia, local em que se deu a maior parte das gravações.

As temáticas são exploradas de maneira expositiva, com a presença predominante de profissionais da psicologia e da educação. O diferencial da obra é a utilização de crianças como

entrevistadas e a abordagem das relações estabelecidas com as personalidades masculinas na mídia. A produção procura impactar, a exemplo do anexo de reportagens jornalísticas que causam impacto visual e dimensionam o que acontece na realidade por consequência da masculinidade.

De fato, as imagens causam um tremendo impacto. No dia seguinte, as falas dos que assistiram ao documentário trazem, basicamente, dois enfoques: enquanto alguns se mostram absolutamente chocados com o que viram, outros assumem uma postura de indiferença, pois se dizem já sabedores daquele fato: eles são bombardeados diariamente com notícias e imagens sobre o mesmo tema. (RESENDE, 2009, p. 2)

A construção da obra, que atribui os problemas à utilização de uma “máscara”, gira em torno das seguintes discussões: esportes; escola; produções midiáticas; internet; festas; videogames; vício em pornografia; homossexualidade; e paternidade. O sujeito homem é representado pelo ser que aparenta ser forte e a partir das escolhas dos seus elementos visuais em locais, como escolas e prisões estadunidenses, e sonoramente, através de trilhas que remetem a intensidade e revelação, é composta a produção de sentidos, que foram analisados no capítulo de análise desta monografia.

#### 4 METODOLOGIA

A análise fílmica foi a metodologia adotada e o percurso de pesquisa se constrói em função da questão-problema da representação da masculinidade, que foi apresentada nos audiovisuais “O Silêncio dos Homens” (documentário brasileiro de 2019) e “The Mask You Live In” (documentário estadunidense de 2015). O recorte material dos objetos documentais, de natureza comunicacional, é feito a partir do método indutivo com a finalidade de identificar as particularidades de cada produção e compreender os seus sentidos.

O paradigma da comunicação adotado é o fenomenológico, que se dá enquanto o fenômeno acontece, dialogando predominantemente com a análise fílmica. Essa concepção na área comunicacional, conforme Vanoye e Goliot-Lété (1994), permite transcodificar, por meio de análise, os recursos utilizados em uma montagem de imagens e suas relações com os elementos sonoros escolhidos.

A abordagem fenomenológica trata as coisas do mundo enquanto fenômenos (ocorrências) que nos afetam. Diferentemente do empirismo, que lhes atribui uma realidade em si, esta outra abordagem adota uma perspectiva de relação: vê no empírico seu potencial de afetação; trata o sujeito a partir daquilo que o afeta. (FRANÇA, 2016, p. 168)

Nesse contexto, podemos afirmar que a comunicação não se restringe a uma simples troca de informações, pois vai além da mera transmissão de imagens e sons. Para França (2016) a comunicação é uma prática que produz diferentes experiências em uma ação com o outro, sendo a linguagem o meio pelo qual a interação se faz possível. A compreensão descritiva das relações e dos processos, das influências exercidas por algo sobre as ações de um sujeito, é o que objetiva a perspectiva fenomenológica.

Somos devedores de um “olhar fenomenológico” quando indagamos sobre as formas de inserção, percepção e imersão propiciadas por dispositivos digitais [...]; também quando analisamos as reações de alguém (um estrangeiro) frente a uma cultura que lhe é exterior, ou a maneira como uma pessoa ou grupo se vê afetada por uma obra de arte, uma instalação. (FRANÇA, 2016, p. 169)

Para analisar os produtos midiáticos, especificamente os documentários, por meio semiótico-textual, é observado o quê e como é falado, partindo do pressuposto que esse tipo de produção não tem fim, pois a proposta é sempre mexer com quem assiste e promover reflexão. Dessa forma, as abordagens se centram no receptor e na maneira com a qual ele reage aos estímulos em sua dinâmica de interação social, a partir de uma visão pragmática da comunicação, que é um processo global em movimento.

As contribuições deste estudo foram construídas ao longo de um projeto de pesquisa na disciplina “Pesquisa em Comunicação I” do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no segundo semestre de 2020, com a orientação do Prof. Dr. Reinaldo Maximiano Pereira. No segundo semestre de 2021, a pesquisa se finaliza na disciplina “Pesquisa em Comunicação II”, com a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Matos dos Santos. Para elaboração do projeto foram assistidos os dois documentários, e para esta monografia os audiovisuais foram analisados novamente, e revistos por mais duas vezes os trechos selecionados: uma dedicada somente às imagens e outra somente aos sons.

As produções foram analisadas a partir da seguinte esquematização: descrições completas dispostas em texto corrido; divisão por blocos temáticos; e observações gerais em 40 quadros, contendo 40 capturas de tela (20 de cada documentário), que se trata de uma imagem que reproduz a tela de um equipamento em um dado instante. Cada um dos 40 quadros elaborados possui quatro grandes parâmetros estabelecidos para o protocolo de análise, que foram descritos na sequência, a partir do recorte do pesquisador, em vista da conceituação de Gerbase (2012).

**1) Descrição:** Representação escrita detalhada, sob o olhar do pesquisador, do que aparece em determinada captura de tela.

**2) Imagem:** A análise das imagens aqui se divide em: duração; ângulo; presença de movimento; enquadramento e cenário. Na sequência, é possível visualizar os respectivos protocolos estabelecidos.

**a) Duração:** Espaço de tempo, em segundos, da cena do documentário em que a captura de tela foi realizada.

**b) Ângulo:** Definição da inclinação da câmera em relação aos entrevistados ou objetos no documentário, que se divide em cinco tipos: Normal - quando está no nível dos olhos; Plongée - quando está no nível de cima para baixo; Contra-Plongée - quando está no nível de baixo para cima; Perfil - quando está no nível de 90 graus com o nariz da pessoa filmada; e Nuca - quando está no nível da nuca da pessoa filmada.

**c) Presença de movimento:** O ato ou efeito de mover-se, aqui se refere a descrição do movimento realizado pela câmera ou por qualquer outro elemento capturado durante alguma cena.



**d) Enquadramento:** Se trata da definição do enquadramento de determinada imagem que faz parte da cena do audiovisual, se dividindo em nove tipos: Plano Aberto - quando a câmera está distante, com o elemento ocupando uma pequena parte do cenário; Plano Médio - quando a câmera está a uma distância média, com o elemento ocupando uma parte considerável do cenário ou com a figura humana estando com o corpo inteiro na cena; Plano Fechado - quando a câmera está próxima, com o elemento ocupando quase todo o cenário; Plano de Conjunto - quando a câmera tem um ângulo visual aberto, com a figura humana ocupando um maior espaço na tela; Plano Americano - quando a figura humana está sendo filmada do joelho para cima; Meio Primeiro Plano - quando a figura humana está sendo filmada da cintura para cima; Primeiro Plano - quando a figura humana está sendo filmada do peito para cima; Primeiríssimo Plano - quando a figura humana está sendo filmada dos ombros para cima; Plano Detalhe - quando um elemento está sendo filmado com grande aproximação, a exemplo de capturar alguma parte do corpo, como as mãos.

**e) Cenário:** É a descrição do espaço real ou virtual, que serve de fundo para a captura de um elemento que está em cena.

**3) Som:** A análise dos sons aqui se divide em sonora de primeiro plano e sonora de segundo plano. Na sequência, é possível visualizar os respectivos protocolos estabelecidos.

**a) Sonora de primeiro plano:** Descrição do som escolhido, como principal, para juntamente com uma imagem formar o sentido do audiovisual.

**b) Sonora de segundo plano:** Descrição do som escolhido, como secundário, para juntamente com o som de primeiro plano e uma imagem formar o sentido do audiovisual.

**4) Observações gerais:** Descrição da percepção do pesquisador sobre a representação do que aparece ou não em determinada captura de tela e em todo o contexto de uma produção, visando dimensionar o sentido proposto.

É possível visualizar como foi realizado o método de análise desses fragmentos escolhidos, no exemplo do quadro 1, que é apresentado na sequência.

<b>QUADRO 1 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h00min18s</b>			
<p>"É PRECISO <b>CORAGEM PARA ABRIR NOSSO CORAÇÃO</b> AOS OUTROS E EXPOR NOSSA VULNERABILIDADE. PODEMOS PARAR DE NOS ESCONDER E DE TEMER QUE ALGUÉM POSSA VER QUEM REALMENTE SOMOS, PORQUE ESTAREMOS ESCOLHENDO SER VISTOS."</p> <p><b>– THUPTEN JINPA, EM SEU LIVRO "UM CORAÇÃO SEM MEDO"</b></p>			
<b>Descrição:</b> O documentário é iniciado com uma frase que remete à questão da abertura emocional, de autoria de Thupten Jinpa, um estudioso budista e especialista em estudos religiosos e filosofia.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	12s	Primeiro plano	-
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	As letras surgem na tela, que se escurece posteriormente	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Fechado		
Cenário	Fundo acinzentado, com foco nas letras		

Fonte: Elaboração própria.

Por outro lado, outros elementos como proporção de tela, créditos, roteiro e edição, foram excluídos da análise, por serem considerados não necessários para compreensão dos sentidos e, os dois últimos, serem de difícil acesso. Assim, a adoção desses parâmetros, se deu por refletirem a maior parte da composição do sentido que chega aos telespectadores dos documentários.

Além da análise dos 20 pontos de cada produção, foram elaborados, por meio da natureza qualitativa aplicada, um quadro comparando a divisão de blocos temáticos de cada audiovisual e outros sete quadros equiparando uma captura de cada produção, dispostas lado a lado, com suas respectivas observações gerais. Desse modo, é possível responder à questão norteadora, levando a conclusão dos objetivos previstos e a compreensão do porquê das escolhas audiovisuais.

É ao seleccionar e combinar as imagens e sons registados in loco que o documentarista se expressa. Ao proceder assim, apresenta-nos um ponto de vista sobre determinado assunto. Para além disso, cria uma interpretação que se manifesta pela maior ou menor criatividade que imprime à sucessão dos elementos que o filme integra. (PENAFRIA, 2001, p. 6)

Baseado na interpretação dos aspectos internos aos documentários mencionados, também serão considerados os aspectos externos, em vista dos processos regionais de significação do termo masculinidade, juntamente ao contexto da pretensão de ser bem-sucedido, nas concepções culturais do Brasil (*jeitinho brasileiro*) e dos Estados Unidos (*self-made man*). Dessa forma, foi possível entender a disparidade no sentido resultante das escolhas feitas na produção de cada documentário, a fim de identificar qual representação do masculino foi realizada.

Para realizar a análise fílmica consideramos aspectos internos e externos ao filme. Os internos se referem aos elementos da linguagem audiovisual que darão forma ao produto. Já os externos estão ligados às temporalidades. É preciso levar em conta a época que o documentário retrata, o período econômico, social, cultural em que ele é produzido, e o tempo da arte, que refere-se ao movimento do cinema ao qual os filmes fazem parte – neste caso, o documentário contemporâneo. (MOMBELLI; TOMAIM, 2015, p. 3)

Nas análises dos elementos abordados nesta pesquisa foi utilizado a classificação “especialistas” para demarcar os entrevistados dos documentários que são especializados em determinado assunto, enquanto os outros são descritos apenas como “entrevistados” por retratar suas vivências. Ademais, acrescenta-se que a referência ao termo passagem, que faz parte da maioria das capturas de tela analisadas, está sendo descrita como um elemento de transição cinematográfica para a abordagem ou continuidade de uma temática ou da fala de um entrevistado.

Para responder os propósitos preestabelecidos, optou-se pela disposição das análises em um subcapítulo de análise exclusivo para cada produção e um último, de carácter comparativo, para compreensão de como os elementos funcionam na construção do sentido dos documentários. Em síntese, pontua-se que o encerramento das produções e também desta pesquisa não são sinônimos da finalização do conteúdo, podendo ser até uma nova perspectiva de sua difusão.

## 5 ANÁLISE

Nos subcapítulos desta seção são apresentadas as informações e análises dos documentários “O Silêncio dos Homens” (2019) e “The Mask You Live In” (2015). A partir dos elementos visuais de duração, ângulo, presença de movimento, enquadramento e cenário, e da banda sonora em primeiro e segundo plano, foram contextualizadas as diferentes abordagens, com a divisão em blocos temáticos e a presença de quadros contendo 40 capturas imagéticas (20 de cada documentário) com suas respectivas descrições, sob o olhar do pesquisador. A análise descritiva ocorre nos dois primeiros subcapítulos, enquanto a análise de caráter comparativo dos sentidos empregados nas produções se dá no último subcapítulo.

### 5.1 DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO

As análises dos aspectos técnicos das capturas de tela e das descrições de áudio, em 20 determinados pontos do documentário “O Silêncio dos Homens” (2019), foram feitas para compreender o sentido de sua mensagem acerca da masculinidade. A divisão em blocos temáticos, sob o olhar do pesquisador, visa facilitar o entendimento das abordagens e dimensionar as temáticas escolhidas. A ficha técnica do audiovisual brasileiro (APÊNDICE A) está disponível na seção de apêndices, desta monografia.

#### **Bloco temático 1: Introdução (0h00min00s até 0h02min54s)**


Inicialmente, é exposta uma frase (disponível no quadro 1 apresentado na sequência) que exalta a necessidade de abertura emocional, de autoria de Thupten Jinpa, um estudioso budista e especialista em estudos religiosos e filosofia. O modo que o documentário brasileiro foi iniciado já dá um indício de sua abordagem em tom pacifista, que virá a se confirmar ao longo de toda produção.

<b>QUADRO 1 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h00min18s</b>			
<p>"É PRECISO <b>CORAGEM PARA ABRIR NOSSO CORAÇÃO</b> AOS OUTROS E EXPOR NOSSA VULNERABILIDADE. PODEMOS PARAR DE NOS ESCONDER E DE TEMER QUE ALGUÉM POSSA VER QUEM REALMENTE SOMOS, PORQUE ESTAREMOS ESCOLHENDO SER VISTOS."</p> <p><b>– THUPTEN JINPA, EM SEU LIVRO "UM CORAÇÃO SEM MEDO"</b></p>			
<b>Descrição:</b> O documentário é iniciado com uma frase que remete à questão da abertura emocional, de autoria de Thupten Jinpa, um estudioso budista e especialista em estudos religiosos e filosofia.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	12s	Primeiro plano	-
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	As letras surgem na tela, que se escurece posteriormente	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Fechado		
Cenário	Fundo acinzentado, com foco nas letras	É perceptível que a abordagem da produção se dará em tom pacifista, em vista da frase apresentada e da ausência de trilha sonora.	

Fonte: Elaboração própria.

Posteriormente, o primeiro entrevistado a aparecer no audiovisual é o agricultor, José Antônio Ciriaco Neto, que comenta não ter tido abertura para nenhum tipo de conversa com seu pai. Com isso, ele viveu e reverberou a opressão, até o momento que teve um filho e decidiu mudar, criando o filho de maneira totalmente diferente da qual ele foi criado. O fundador do canal Papo de Homem, Guilherme Valadares, também aparece, comentando que era agressivo com as mulheres que se relacionava e que não aceitava o fato de não estar em posições dominantes em qualquer tipo de relação.

Em seguida, é abordada, também, a questão dos homens negros, através do fotógrafo e jornalista, Ismael dos Anjos, que afirma que a todo tempo tentava se tornar um homem branco devido as ordens sociais. Na sequência surgem vozes dizendo: "Homem tem que ser viril" e "Deus mandou assim", por exemplo, para depois aparecer a capa do documentário (disponível no quadro 2 apresentado na sequência) com o rosto de homens adultos ao fundo, dando indícios que com essa faixa etária que será trabalhada as entrevistas.

<b>QUADRO 2 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h02min49s</b>			
			
<b>Descrição:</b> O título do documentário aparece, com o rosto de seis homens adultos figurando de maneira alternada ao fundo, no que vem a formar a capa do audiovisual.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	11s	Primeiro plano	Trilha sonora relaxante
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons de piano em alta intensidade
Presença de movimento	Os rostos aparecem de maneira intercalada	<b>Observações gerais</b> Podemos entender que somente pessoas do sexo masculino, que não sejam crianças, participarão do documentário como entrevistados.	
Enquadramento	Primeiríssimo Plano		
Cenário	Fundo acinzentado, com foco no rosto da pessoa		

Fonte: Elaboração própria.

### **Bloco temático 2: Emoções trancafiadas (0h02min55s até 0h12min21s)**

A produção segue para a fala de René Kivitz, que é pastor da Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo, comentando sobre as expressões de força, que em sua concepção são expressões de covardia, de ter medo de ser vulnerável e que quebrar isso seria uma maneira de humanização. Logo depois aparece também, o psicólogo Eduardo Chakora, falando que os homens utilizam uma espécie de camisa de força, como se suas “emoções estivessem trancafiadas” e que isso explica a competição entre eles para provar sua masculinidade.

Nesse momento, enquanto os entrevistados estão falando, já é perceptível que são recorrentes as passagens e cortes de cena com homens andando nos centros urbanos (disponível no quadro 3 apresentado na sequência). De maneira eventual, esse recurso é utilizado e até passa a ser esperado por quem assiste.

**QUADRO 3 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h04min20s**

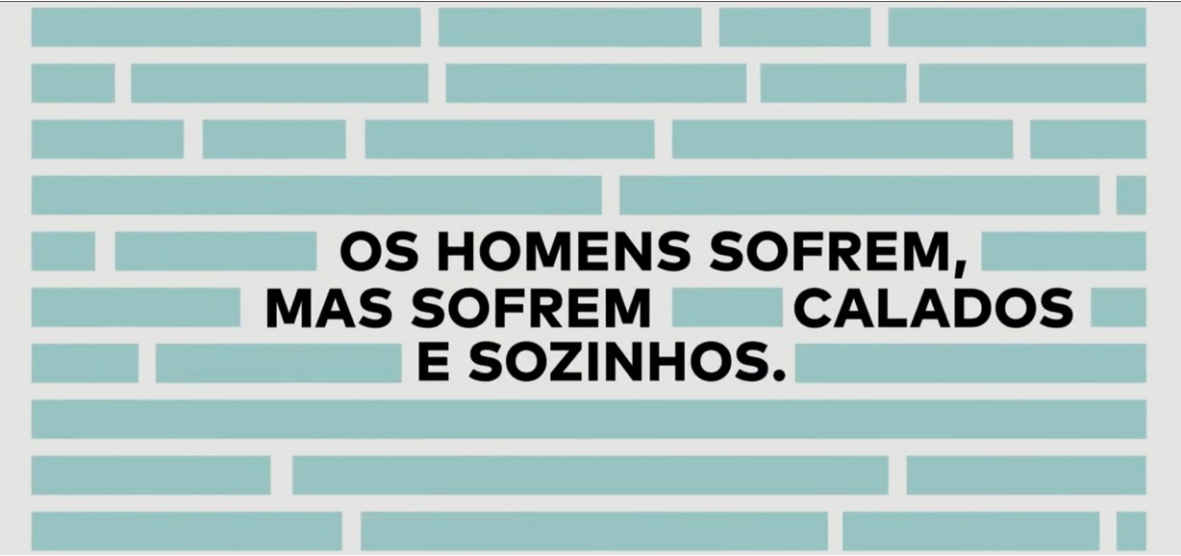
**Descrição:** A passagem do documentário dá enfoque aos homens andando nos centros urbanos.

Imagem		Som	
Duração	5s	Primeiro plano	Voz de Ismael dos Anjos
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons de piano em alta intensidade
Presença de movimento	Movimentação em câmera lenta	<b>Observações gerais</b> São recorrentes as passagens da produção nos centros urbanos, principalmente na cidade de São Paulo.	
Enquadramento	Plano Aberto		
Cenário	Centro urbano, com várias pessoas e veículos		

Fonte: Elaboração própria.

O uso da violência como linguagem, segundo Ismael dos Anjos, é um dos maiores problemas da masculinidade: "Talvez não seja a coisa mais urgente, mas a que mais atinja várias dessas coisas urgentes" (O SILÊNCIO, 2019, 0:04:29). Inegavelmente, o documentário começa a ser cerceado em seus blocos temáticos pelos assuntos dos quais a masculinidade é um agente de causa.

A existência do narrador Ícaro Silva, é demarcada neste momento, o qual também se estabelece como serão o uso de animações e dados no audiovisual, com gráficos, frases (disponível no quadro 4 apresentado na sequência) e números, que são sempre verbalizados pelo locutor. Exemplifica-se a utilização desses elementos através dos dados de que os homens vivem em média sete anos a menos que as mulheres e se suicidam quatro vezes mais, segundo levantamento de 2019, da própria produção do canal Papo de Homem, em parceria com o Instituto PdH e a Incorporação Zooma.

<b>QUADRO 4 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h05min33s</b>			
			
<b>Descrição:</b> A animação faz referência ao silêncio, postulado no título do documentário.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	4s	Primeiro plano	Voz do narrador Ícaro Silva
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons de piano em média intensidade
Presença de movimento	As letras e os blocos surgem sobre o fundo acinzentado	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Fechado	Nesse ponto é demarcada a existência de um narrador, que conduz o audiovisual. Além disso, é perceptível como se dá o uso de animações na produção.	
Cenário	Fundo acinzentado, com blocos azuis e foco nas letras		

Fonte: Elaboração própria.

A partir deste momento, já se confirma que as escolhas recorrentes no enquadramento dos entrevistados, sempre é à direita ou à esquerda do vídeo e em seus ambientes do cotidiano. Porém, vale ressaltar a exceção em um momento posterior, em que os entrevistados se sentam em uma cadeira colocada ao centro da imagem para darem seus depoimentos.

Além disso, nos momentos em que as falas são “fortes” é utilizado um zoom, de maneira enquadrá-los em Primeiríssimo Plano. A aproximação da imagem, com foco no entrevistado, pode ser exemplificada no momento em que o psicólogo clínico, Fred Mattos (disponível no quadro 5 apresentado na sequência), aparece falando sobre a abertura emocional e a sustentação da imagem masculina perante as outras pessoas.



**QUADRO 5 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h06min42s**

**Descrição:** O psicólogo Fred Mattos, problematiza a questão da abertura emocional dos homens.

Imagem		Som	
Duração	30s	Primeiro plano	Voz de Fred Mattos
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons de piano em baixa intensidade
Presença de movimento	Ocorre mudança de enquadramento	<b>Observações gerais</b> Os entrevistados, no momento em que emitem falas “fortes”, são enquadrados em Primeiríssimo Plano. Destaca-se, também, a expressão de leveza do especialista ao falar do assunto.	
Enquadramento	Primeiríssimo Plano (na captura) e Plano Americano, de maneira intercalada		
Cenário	O especialista está sentado e uma planta aparece ao fundo		

Fonte: Elaboração própria.

O fundador do canal Papo de Homem, Guilherme Valadares, aparece no documentário novamente dizendo que: "você não vai ser menos homem por isso" (O SILÊNCIO, 2019, 0:06:10), ao se referir sobre a questão da abertura emocional. Enquanto isso, o coordenador pedagógico, Cristiano Alcântara, e a coordenadora de educação, Raquel Franzim, falam sobre a perpetuação desse contexto na escola. Adiante, em meio a imagens de jovens nas cidades, o narrador Ícaro Silva, questiona: "Será que estamos oferecendo aos meninos referenciais saudáveis para expressar sua masculinidade?" (O SILÊNCIO, 2019, 0:09:22).

Neste momento, há um corte para o "Workshop Plano de Menino" (disponível no quadro 6 apresentado na sequência), regido por Viviane Duarte, com dinâmicas promovidas com os alunos, visando quebrar o ciclo da busca pela masculinidade hegemônica. Os estudantes Ana Heloisa Alves da Silva e Juan Alberto Dutra da Silva, que são participantes da roda de conversa,

aparecem dizendo sobre a importância da união entre os meninos e as meninas, e que ser homem vai muito além de gostar de mulheres e ter um órgão masculino.

**QUADRO 6 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h09min49s**



**Descrição:** O "Workshop Plano de Menino" é conduzido por Viviane Duarte, na Escola Técnica Estadual do distrito de Pirituba, em São Paulo.

Imagem		Som	
Duração	9s	Primeiro plano	Voz de Viviane Duarte
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons animados de piano em baixa intensidade
Presença de movimento	Ocorre mudança de enquadramento	<b>Observações gerais</b> A partir desse momento, as cenas das rodas de conversa passam a ser recorrentes, de maneira intencional, dando o sentido de que a solução para a problemática da abertura emocional é justamente conversar.	
Enquadramento	Plano Aberto (na captura) e Primeiro Plano, de maneira intercalada		
Cenário	Roda de conversa no ambiente escolar, de uma instituição de Ensino Médio		

Fonte: Elaboração própria.

**Bloco temático 3: Sexo e pornografia (0h12min22s até 0h16min58s)**

Ao entrar na discussão da pornografia e do fácil acesso a corpos virtualmente, são mostradas imagens de uma banca (disponível no quadro 7 apresentado na sequência) com revistas Playboy e de outras marcas de entretenimento erótico. Verifica-se, neste momento, que faltou um impacto visual e uma imersão desta questão no ambiente da internet, pois o documentário não foi feito há vinte anos, para justificar o ato de falar de pornografia e mostrar uma banca de revistas.

**QUADRO 7 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h12min25s**



**Descrição:** Uma banca de revistas é evidenciada quando a produção aborda a questão da pornografia.


Imagem		Som	
Duração	7s	Primeiro plano	Voz de Cláudio Serva
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons de centros urbanos em baixa intensidade
Presença de movimento	Movimentação de câmera de cima para baixo	<b>Observações gerais</b> Destaca-se que faltou impacto visual e sonoro, ao falar de pornografia mostrando apenas revistas com sons de poluição sonora dos centros urbanos em segundo plano.	
Enquadramento	Plano Fechado		
Cenário	Bancas de revistas, com foco nas revistas		

Fonte: Elaboração própria.

Na sequência podemos entender que os produtores do documentário não querem adotar a amostragem de figuras ou coisas que remetem ao universo padrão da masculinidade hegemônica, de modo a não os reforçar. Nesse sentido, aparece o fundador da iniciativa “Prazer Ele”, Cláudio Serva, destacando o desconhecimento da possibilidade de troca diante do aprendizado da dominação sexual e necessidade da performance no sexo, apresentadas na pornografia. Destaca-se também, que Serva tentou fazer uma pesquisa da temática, mas que não obteve sucesso devido a não existir um grupo de jovens que não consumia o conteúdo pornográfico.

A produção prossegue com um workshop, sobre a masculinidade, nos levando a crer que quebrar o silêncio é a melhor maneira de enfrentá-lo, pois é mais uma roda de conversa que aparece no audiovisual. Acrescenta-se que o psicólogo clínico, Fred Mattos, reaparece relatando sobre a ausência de conversas sobre sexo com o seu pai, enquanto as recorrentes imagens dos homens andando nas ruas e em convivência continuam a aparecer. Acontece então,

a volta das animações e agora com dados sobre os distúrbios causados (disponível no quadro 8 apresentado na sequência) pelas ordens sociais da masculinidade hegemônica.

<b>QUADRO 8 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h16min49s</b>			
 <p style="text-align: right; font-size: small;">Fonte: Pesquisa “O silêncio dos homens”, por PapodeHomem/Instituto PdH + Zooma Inc. (2019).</p>			
<b>Descrição:</b> A animação apresenta que as consequências da masculinidade ensinada aos homens são: ansiedade, depressão, vício em pornografia e insônia.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	6s	Primeiro plano	Voz do narrador Ícaro Silva
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons melódicos de piano em média intensidade
Presença de movimento	Um tópico surge após o outro na animação	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Fechado	A produção segue um padrão, a exemplo do fundo acinzentado e dos elementos na cor azul, como também, a presença do narrador conduzindo as animações.	
Cenário	Fundo acinzentado, com foco nos desenhos e nas letras		

Fonte: Elaboração própria.

#### **Bloco temático 4: Transformações dos homens e paternidade (0h16min59s até 0h30min15s)**

Na medida em que o documentário avança, ocorre outro retorno para as rodas de conversas, mas desta vez com Guilherme Valadares, o fundador do canal Papo de Homem, falando sobre o movimento de transformação dos homens. Posteriormente, o narrador afirma que os dados de pesquisa foram obtidos com a contribuição de mais de 40 mil pessoas e que foi realizado também o mapeamento de iniciativas sobre masculinidade no país, sendo que algumas delas foram visitadas pela produção.

O primeiro projeto visitado e mostrado no audiovisual, na cidade de Brasília, é o encontro “Homens em conexão”, que é regida pelo mestre em psicologia clínica, Fernando Henrique Rezende. Um dos participantes do encontro é o arquiteto social, e aquarelista, José

Bueno, que afirma que gostaria de ter tido a oportunidade de frequentar esse espaço há 30 anos, e em seguida, a escritora Antonia Pellegrino, surge para falar sobre as mudanças que ocorreram na sociedade durante esse período de tempo.

Outra roda de conversa visitada pela produção é o projeto do Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA), na cidade de Glória de Goitá, localizada no Estado de Pernambuco. Uma das iniciativas do projeto, é regida pelo educador social, Sandro Cipriano, com o foco no incentivo às interações de afeto entre os homens. O entrevistado José Antônio Ciriaco Neto, que é agricultor, aluno do SERTA e o primeiro a aparecer no audiovisual brasileiro, fala que se descobriu na dinâmica e diz que foi como ter saído da escuridão. Em seguida, Cipriano comenta sobre a metodologia da mudança de percepção utilizada nas rodas de conversa e diz que a própria história do ser intocável, forte e que não chora, se concebeu a partir do homem do campo (disponível no quadro 9 apresentado na sequência).

**QUADRO 9 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h23min41s**



**Descrição:** A imagem de seis homens trabalhando no ambiente rural aparece, enquanto Sandro Cipriano, fala da história do homem do campo e da necessidade da mudança de percepção.

Imagem		Som	
Duração	3s	Primeiro plano	Voz de Sandro Cipriano
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha emotiva em média intensidade
Presença de movimento	Câmera parada, enquanto os homens trabalham	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Médio	A cena destoa das recorrentes passagens do audiovisual e representa o trabalho braçal, que era associado ao homem másculo no século passado.	
Cenário	Local aberto em uma área rural		

Fonte: Elaboração própria.

Dando continuidade e seguindo fielmente a sua linha de produção audiovisual, é mostrado o podcaster, Hélio Gomes, que fala sobre repensar a masculinidade em outra roda de conversa, que aborda a preparação para a paternidade, apontada como uma das áreas que devem passar por essa transformação. Em seguida, aparece o psicólogo Leonardo Piamonte, falando sobre a necessidade do contato emocional e do cuidado.

A apresentação de dados é retomada, a partir da pesquisa realizada em 2019 pela própria produção do canal Papo de Homem, em parceria com o Instituto PdH e a Incorporação Zooma, apresentando que a maioria dos participantes afirma ter o pai como referência de masculinidade, embora só um em cada 10 já tenha conversado com o pai sobre o que significa ser homem. Nesse momento, os dados aparecem excepcionalmente com um fundo verde escuro e seguem mostrando que os homens foram predominantemente ensinados a serem fortes; não ter atitudes femininas; “dar em cima” das mulheres; serem bem-sucedidos; e responsáveis pelo sustento da família.

A animação prossegue e é finalizada com uma frase questionando de que maneira os pais podem ser mais afetuosos. A resposta se dá com o corte para imagens da cidade de São Paulo, no curso de "Gestação e parto para homens", do idealizador do “Projeto Homem Paterno”, Tiago Koch, que tem o objetivo de estimular a paternidade ativa. Destaca-se, nesse curso, o momento que os homens carregam uma melancia na barriga (disponível no quadro 10 apresentado na sequência) para simular o que as mulheres estão passando.

**QUADRO 10 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h29min21s**

**Descrição:** O curso "Gestação e parto para homens" tem o objetivo de estimular a paternidade ativa e informar sobre o que acontece com as mulheres no período gestacional.

<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	2s	Primeiro plano	Voz de Tiago Koch
Ângulo	Contra-Plongée	Segundo plano	Trilha melódica de piano em média intensidade
Presença de movimento	Leve movimento de câmera para a esquerda	<b>Observações gerais</b> A passagem, que demonstra a expressão alegre de um casal, se dá como uma resposta, após o questionamento de como os pais podem ser mais afetuosos.	
Enquadramento	Plano Americano		
Cenário	Local interno espaçoso, com uma árvore ao fundo		

Fonte: Elaboração própria.

No tempo em que o narrador fala sobre as referências paternas, com trilhas melódicas ao fundo, surge o entrevistado DJ Nym Smit (disponível no quadro 11 apresentado na sequência), posicionado à direita do vídeo e em seu ambiente cotidiano, assim como todos os outros do documentário. O entrevistado fala sobre a necessidade de uma figura paterna e, em seguida, Kdu dos Anjos, gestor do centro cultural “Lá da Favelinha”, na cidade de Belo Horizonte, afirma que quando algum de seus alunos tem um pai, já se sente privilegiado.

**QUADRO 11 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h29min39s**

**Descrição:** O entrevistado, que é DJ, fala sobre a necessidade de uma figura paterna.

Imagem		Som	
Duração	7s	Primeiro plano	Voz de Nym Smit
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	Ocorre mudança de enquadramento	<b>Observações gerais</b> O entrevistado é posicionado à direita do vídeo e em seu ambiente do cotidiano, assim como todos os outros do documentário. Por outro lado, nota-se a ausência do som em segundo plano.	
Enquadramento	Plano Americano (na captura) e Primeiro Plano, de maneira intercalada		
Cenário	Local interno, com um grafite ilustrando as casas da favela ao fundo		

Fonte: Elaboração própria.

### **Bloco temático 5: Masculinidade periférica (0h30min16s até 0h33min45s)**

Nesse ponto, que se demarca a metade do audiovisual, é adentrado o cenário da Vila Novo São Lucas, localizada na favela do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, com cenas do evento “Favelinha Fashion Week”, que são seguidas por um relato do dilema da favela entre o tráfico e o trabalho. Em vista disso, a produção evidencia uma cena de dança na favela (disponível no quadro 12 apresentado na sequência), enquanto o entrevistado Nym Smit fala sobre a necessidade de se aceitar as diferenças, com o seguimento do padrão em dar um close na pessoa, no momento em que ela fala uma frase “forte”.



**QUADRO 12 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h32min10s**

**Descrição:** Alguns jovens dançam na favela, enquanto o entrevistado, Nym Smit, fala sobre a necessidade de se aceitar as diferenças.

Imagem		Som	
Duração	4s	Primeiro plano	Voz de Nym Smit
Ângulo	Normal	Segundo plano	Batida de funk em baixa intensidade
Presença de movimento	Câmera parada, enquanto os jovens estão dançando	<b>Observações gerais</b>  O cenário da favela se demonstra como um contraponto às imagens dos centros urbanos, mostrados até então no documentário.	
Enquadramento	Plano de Conjunto		
Cenário	Local aberto da Vila Novo São Lucas, em Belo Horizonte		

Fonte: Elaboração própria.

**Bloco temático 6: Masculinidade negra (0h33min46s até 0h38min47s)**

A abordagem sobre a masculinidade negra se inicia com o sociólogo Túlio Custódio, dizendo que: "o homem negro nunca vai ser o homem ideal" (O SILÊNCIO, 2019, 0:33:58). Em seguida, o entrevistado Timm Arif, que é rapper, fala sobre ser comparado de maneira pejorativa ao pai, e o educador Felipe Cirilo, discorre sobre o lugar dos negros no conceito da masculinidade, de modo que eles se dialogam sobre a associação dos negros ao ambiente violento.

Além disso, o processo midiático de embranquecimento é relatado por Cirilo, com uma rima de Arif sendo apresentada logo depois. Na sequência, entra em cena a “Roda sobre Masculinidades Negras” (disponível no quadro 13 apresentado na sequência), na cidade de São Paulo, que continua a reflexão dos aspectos da representação da masculinidade e de sua relação específica com o homem negro.

**QUADRO 13 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h38min26s**

**Descrição:** A “Roda sobre Masculinidades Negras” centraliza a discussão da temática.

Imagem		Som	
Duração	25s	Primeiro plano	Voz de Felipe Cirilo
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	Câmera parada, com entrevistados gesticulando	<b>Observações gerais</b> O tempo dedicado para a discussão da masculinidade negra é pequeno. Além disso, é possível notar as expressões mais tensas nos entrevistados desta temática, se comparado às que foram apresentadas até aqui.	
Enquadramento	Plano Médio		
Cenário	Salão interno, com janelas ao fundo e foco na roda de conversa		

Fonte: Elaboração própria.

**Bloco temático 7: Homossexualidade e transexualidade (0h38min48s até 0h40min44s)**

Posteriormente, ocorre um corte para o roteirista e youtuber, Pedro HMC, em seu ambiente de trabalho, falando da perspectiva da sexualidade do homossexual. Logo depois, é exposta uma fala do cenotécnico e coordenador nacional do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), Lam Matos, que demonstra a preocupação da produção com as diferentes masculinidades.

O relato de Lam Matos, que é um homem transexual, mostra que, desde o momento que ele passou por modificações corporais, lhe é cobrada uma postura masculina e que a todo momento deve seguir o padrão para ser aceito. Dessa forma, é evidenciada uma imagem de um retrato (disponível no quadro 14 apresentado na sequência), de como o entrevistado se porta frente a uma câmera e também perante aos olhares alheios.

**QUADRO 14 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h39min34s**

**Descrição:** Um retrato do entrevistado Lam Matos, que é homem trans, fica em evidência, enquanto ele fala sobre a postura masculina que lhe é cobrada.

Imagem		Som	
Duração	2s	Primeiro plano	Voz de Lam Matos
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha de emotiva em baixa intensidade
Presença de movimento	A câmera balança levemente	<b>Observações gerais</b> A iluminação escura pode remeter ao tabu da masculinidade do homem trans, enquanto a camisa aberta no retrato representa a abertura para o enfrentamento da questão. Porém, assim como na abordagem da masculinidade negra, é dedicado pouco tempo para o assunto.	
Enquadramento	Plano Fechado		
Cenário	Ambiente escuro, com fotografia do entrevistado localizada na parede e uma pilha de DVDs ao lado		

Fonte: Elaboração própria.

A perspectiva da diversidade continua com o entrevistado Pedro HMC, falando que o xingamento de "bicha", ou coisas do tipo, é muito comum e recorrente. A fala prossegue, demonstrando que desde cedo os meninos que já se identificam como homossexuais querem esconder aquilo para evitar o bullying, seja através de violência física ou psicológica. Posteriormente, é retratado o esforço demandado para desconstruir todo esse processo de preconceito contra as diversidades de gênero.

#### **Bloco temático 8: Religião (0h40min45s até 0h42min44s)**

A abordagem da temática da religião é iniciada com uma música melódica e com imagens de igrejas, mediante a volta do líder religioso René Kivitz, para falar sobre o que é esperado da figura do masculino. Nesse momento, é perceptível que os entrevistados costumam

aparecer, em média, por dois momentos no documentário e de maneira deslocada no sentido temporal.

A primeira provocação da produção ou que pode ser considerada de impacto imagético no documentário, aparece nesse instante, quando dois homossexuais negros se beijam (disponível no quadro 15 apresentado na sequência), enquanto Kivitz diz ao fundo que: "a igreja vai precisar aprender a lidar com isso" (O SILÊNCIO, 2019, 0:41:28).

<b>QUADRO 15 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h41min27s</b>			
			
<b>Descrição:</b> Dois homossexuais negros se beijam quando está sendo abordada a temática da religião.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	5s	Primeiro plano	Voz de entrevistado
Ângulo	Perfil	Segundo plano	Sons de piano em baixa intensidade
Presença de movimento	Leve movimento de câmera para a esquerda	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Primeiríssimo Plano	A produção do documentário faz uma provocação ao conservadorismo, no que pode ser considerado o primeiro impacto imagético.	
Cenário	Feira aberta, em um centro urbano		

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de tardio, a importância do mostrar e não somente falar se fez presente na produção, que é seguida pela fala de Kivitz, lamentando a "igreja violenta e excludente" (O SILÊNCIO, 2019, 0:42:00). O líder religioso, complementa que essas instituições querem dominar o mundo através da legislação antiga e que Jesus ensinou que não se constrói sociedade com lei, mas com amor e perdão.

**Bloco temático 9: Violência contra a mulher (0h42min45s até 0h50min14s)**

As imagens dos centros urbanos, com seus respectivos sons, retornam, juntamente a um novo entrevistado que é palestrante, chamado Bruno Cabral, que surge ao final do documentário relatando que já agrediu a ex-esposa. Em seguida, uma música melódica se inicia, com a escritora Antonia Pellegrino, retornando para afirmar que toda mulher tem uma história de violência para contar.

Por fim, antes da finalização do documentário, entra em cena a promotora de justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo, Gabriela Manssur, ressaltando a importância de falar sobre quem são esses homens que estão agredindo as mulheres e que todos os casos de feminicídio antecederam episódios de violência. De maneira intercalada com Manssur, o entrevistado Bruno Cabral, fala sobre as reuniões que participou e que o fez refletir, mudar seus pensamentos e ser diferente com sua nova companheira.

A promotora Manssur, retorna e questiona sobre: "quantos homens vão no psicólogo?" (O SILÊNCIO, 2019, 0:46:45), e ela complementa sua fala alertando sobre a importância de se conversar com os agressores para diminuir a reincidência, pois as emoções trancafiadas e não resolvidas quando estouram são em forma de violência, nas drogas ou no álcool. A produção, ao abordar a questão da violência contra as mulheres, traz passagens de homens e mulheres interagindo nos centros urbanos (disponível no quadro 16 apresentado na sequência), fato que não traz impacto algum para quem assiste.

**QUADRO 16 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h47min49s**



**Descrição:** Um casal heteronormativo caminha abraçado, em passagem que aborda a violência contra as mulheres.

<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	3s	Primeiro plano	Voz de entrevistado
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons de centros urbanos em baixa intensidade
Presença de movimento	Câmera acompanha o casal, em movimento para a esquerda	<b>Observações gerais</b> É retratado uma figura de oposição: um abraço de um casal heteronormativo, enquanto se fala sobre a violência contra as mulheres.	
Enquadramento	Plano Aberto		
Cenário	Centro urbano, com várias pessoas ao fundo		

Fonte: Elaboração própria.

Na sequência da produção surgem animações sobre a percepção das mulheres frente ao progresso dos homens, da mesma fonte de pesquisa dos demais dados mostrados ao longo do documentário, com metade das entrevistadas afirmando que os homens estão agindo de modo menos machistas nos últimos anos (disponível no quadro 17 apresentado na sequência) e estão mais participativos na paternidade, embora a maioria acredite que eles não estão assediando menos.

**QUADRO 17 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h49min29s**



**Descrição:** A animação destaca uma pesquisa da percepção das mulheres em relação ao progresso dos homens nos últimos anos.

Imagem		Som	
Duração	7s	Primeiro plano	Voz do narrador Ícaro Silva
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons acentuados de piano em alta intensidade
Presença de movimento	As frases surgem e sobem em transição para cima	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Fechado	A produção segue padrão da escala acinzentada, embora ocorra uma quebra na utilização dos elementos na cor azul.	
Cenário	Fundo acinzentado, com foco nos dados da pesquisa		

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, na abordagem da temática da violência contra a mulher, aparece novamente a figura do narrador Ícaro Silva, afirmando que o primeiro passo já foi dado, mas que ainda "há muitos outros degraus pela frente" (O SILÊNCIO, 2019, 0:50:13). Assim, a produção já se encaminha para seu encerramento.

**Bloco temático 10: Reflexões (0h50min15s até 1h00min12s)**

Para diferenciar das recentes passagens de centros urbanos, são utilizadas as imagens de uma roda de conversa, voltada para as mudanças na masculinidade, com o seu respectivo fundador, Pedro de Figueiredo, que ainda não havia aparecido no documentário. O fotógrafo e jornalista, Ismael dos Anjos, retorna dizendo que se considera machista porque viveu e foi criado assim, mas salienta a importância da escuta, mesmo que ele se considere machista em apenas 1% das vezes.

Na sequência, a escritora Antonia Pellegrino, fala sobre a importância da divisão de tarefas dentro de casa, para desencadear outras mudanças. A imagem de uma cadeira vazia

surge (disponível no quadro 18 apresentado na sequência), com música melódica ao fundo, enquanto quatro entrevistados se sentam nela, sendo essa uma quebra no enquadramento dos entrevistados, que se posicionavam sempre a um dos lados do vídeo.

**QUADRO 18 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h52min29s**



**Descrição:** Uma cadeira vazia surge ao centro da imagem para os depoimentos finais do audiovisual.

Imagem		Som	
Duração	7s	Primeiro plano	Sons de piano em alta intensidade
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	Câmera parada e entrevistado em movimento	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Médio (na captura) e Plano Americano, de maneira intercalada	Existe uma quebra no enquadramento dos entrevistados do documentário, que até então se posicionavam a um dos lados do vídeo, e não ao centro.	
Cenário	Local interno, com portas de vidro nas laterais		

Fonte: Elaboração própria.

O fundador do canal Papo de Homem, Guilherme Valadares, retorna salientando a importância do diálogo e diz que basta "sentar numa roda e se fazer boas perguntas" (O SILÊNCIO, 2019, 0:54:17). Em seguida, Ismael dos Anjos, retorna dizendo que são "pequenas transformações individuais, que depois viram pequenas transformações sociais" (O SILÊNCIO, 2019, 0:54:45).

Ao final, são destacadas as iniciativas que estão surgindo pelo Brasil, com a exibição de ações que foram expostas ao longo do documentário. Uma das iniciativas mostradas é a da roda de conversa realizada em uma escola de Ensino Médio, com a professora e os alunos posando para uma foto (disponível no quadro 19 apresentado na sequência) no ambiente escolar.



**QUADRO 19 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h56min19s**



**Descrição:** A professora e os alunos de uma roda de conversa posam para uma foto na escola.

Imagem		Som	
Duração	2s	Primeiro plano	Voz do narrador Ícaro Silva
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons melódicos de piano em alta intensidade
Presença de movimento	Câmera parada, com leve movimento de aproximação	<b>Observações gerais</b> Destaca-se as diferentes poses apresentadas pelos alunos do sexo masculino, que frequentam a mesma roda de conversa sobre a temática da masculinidade.	
Enquadramento	Plano de Conjunto		
Cenário	Escadaria em um ambiente escolar aberto, com corrimãos na cor azul		

Fonte: Elaboração própria.

O narrador Ícaro Silva, aparece novamente, para ressaltar a necessidade da quebra do silêncio, que é bem sugestiva durante todo documentário, com a seguinte fala: "Nosso sonho é que cada um dos municípios do país possa ter pelo menos um grupo" (O SILÊNCIO, 2019, 0:56:25), e finaliza dizendo: "mãos à obra" (O SILÊNCIO, 2019, 0:56:50). Dessa maneira, a finalização da produção é dada por uma frase (disponível no quadro 20 apresentado na sequência), evidenciando que é tempo de agir.

<b>QUADRO 20 - Documentário “O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h56min59s</b>			
<p><b>É TEMPO DE AGIR.</b></p> <p>ACESSE NOSSO SITE PARA BAIXAR O LIVRO-FERRAMENTA DO PROJETO, <b>INCLUINDO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>■ GUIA PRÁTICO DE COMO CRIAR UM GRUPO DE HOMENS</li> <li>■ MAPEAMENTO NACIONAL DOS GRUPOS DE HOMENS E PROJETOS LIGADOS A MASCULINIDADES</li> <li>■ ACHADOS CENTRAIS DA PESQUISA – E BASE DE DADOS DO ESTUDO, NA ÍNTEGRA</li> </ul> <p style="text-align: center;"><b>WWW.PAODEHOMEM.COM.BR/SILENCIO</b></p>			
<b>Descrição:</b> O documentário é finalizado com uma frase e um convite para acesso do site do canal responsável pela distribuição do audiovisual.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	14s	Primeiro plano	Sons de piano em alta intensidade
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	As frases surgem aos poucos e depois somem de uma vez	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Fechado	Do mesmo modo que no início, é utilizada uma frase, mas agora para demarcar o fim da produção, com o mesmo fundo acinzentado.	
Cenário	Fundo acinzentado, com foco nas letras		

Fonte: Elaboração própria.

Abaixo da frase de finalização da produção é indicado um site para baixar conteúdos que promovem a desconstrução da masculinidade hegemônica e, em seguida, aparece uma dedicatória do documentário aos participantes e, especialmente, ao educador e ativista LGBT, Sandro Cipriano, que foi assassinado poucas semanas após as entrevistas realizadas. Por fim, ocorre um corte ao som de uma música melódica de violão e sobem os créditos.

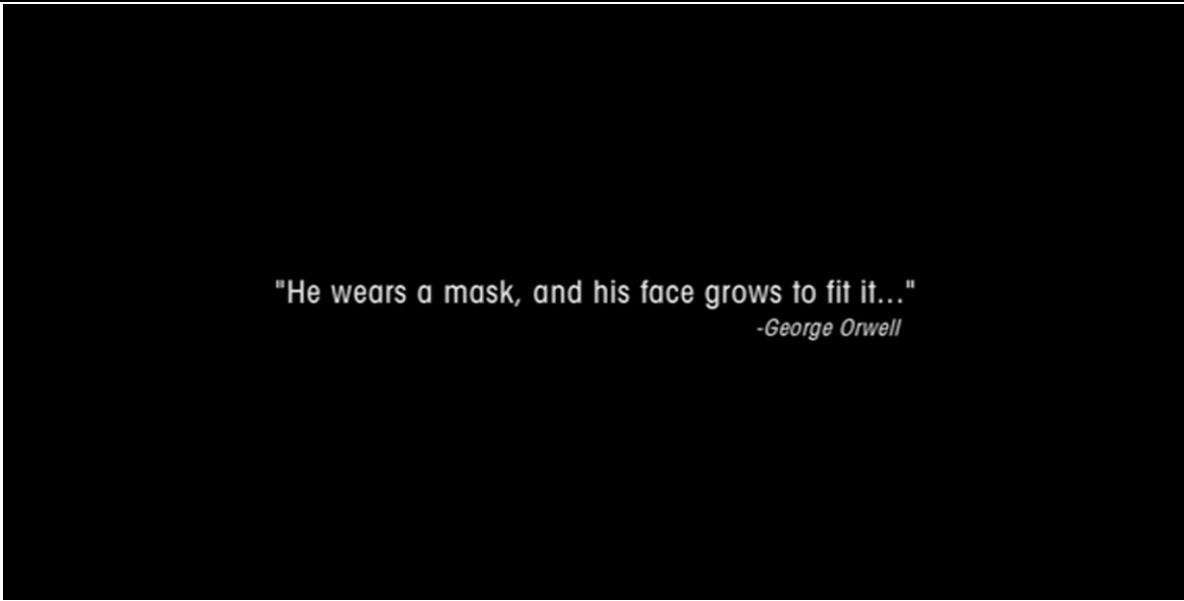
## 5.2 DOCUMENTÁRIO ESTADUNIDENSE

As análises dos aspectos técnicos das capturas de tela e das descrições de áudio, em 20 determinados pontos do documentário “The Mask You Live In” (2015), foram analisadas para compreender o sentido da mensagem acerca da masculinidade. A divisão em blocos temáticos, sob o olhar do pesquisador, visa facilitar o entendimento das abordagens e dimensionar as

temáticas escolhidas. A ficha técnica do documentário estadunidense (APÊNDICE B) está disponível na seção de apêndices, desta monografia, e ressalta-se que todas as citações referenciadas desse audiovisual são traduções da língua inglesa para a língua portuguesa, dos textos ou das falas dos entrevistados, conforme disponibilizado na própria legenda da produção.

**Bloco temático 1: Introdução (0h00min00s até 0h00min07s)**

O documentário “The Mask You Live In” (2015) propõe a ideia de que é imposto aos homens a necessidade de utilizar uma espécie de máscara para não demonstrar fraquezas ou ações tidas como femininas, sendo que esse indício é demonstrado logo no primeiro segundo do documentário com a frase: “Ele usa uma máscara, e seu rosto cresce para caber nela...” (disponível no quadro 21 apresentado na sequência), de autoria de George Orwell, escritor e jornalista indiano, que defendia a luta contra o totalitarismo. Outro detalhe, passível de destaque, é a música intensa ao fundo, que dá o indício de como será trabalhado o audiovisual.

<b>QUADRO 21 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h00min02s</b>			
			
<b>Descrição:</b> No primeiro segundo do documentário é apresentada uma frase que remete a utilização de uma máscara, de autoria do escritor e jornalista, George Orwell.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	6s	Primeiro plano	Trilha incisiva em alta intensidade
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	Primeiro aparece a frase e depois o nome do autor	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Fechado		
Cenário	Fundo preto, com foco nas letras		

Fonte: Elaboração própria.

**Bloco temático 2: Infância, personalidades masculinas e cultura (0h00min08s até 0h22min08s)**

Após a introdução, uma animação se inicia, com o depoimento do treinador de futebol americano, Joe Ehrmann, falando que quando criança aprendeu a controlar as situações, não ter emoções e nem às demonstrar, pois corriqueiramente escutava a frase: "Seja homem", que segundo ele é: "uma das frases mais destrutivas da nossa cultura" (THE MASK, 2015, 0:01:17). O treinador Ehrmann, diz também, que o futebol americano era um bom lugar para se esconder com o capacete e para projetar uma imagem do que significa ser homem na cultura estadunidense.

As trilhas intensas ajudam o documentário, logo no início, a ser incisivo também, ao passo que são apresentadas várias imagens de meninos, com um compilado de frases que todo garoto escuta em sua infância e que reforçam a dominação masculina, a exemplo de "não seja bichinha" ou "seja homem". Em seguida, há um corte para trechos de noticiários falando sobre suicídios, tiroteios e assassinatos.

Posteriormente, voltam as imagens dos meninos, com os créditos da produção sendo apresentados. Na sequência, algumas crianças e jovens, que não têm seus nomes citados, falam sobre o silêncio e o ato de esconder os sentimentos. A partir disso, surge a capa do documentário com uma criança ao fundo (disponível no quadro 22 apresentado na sequência) e com uma música intensa na sonora.

**QUADRO 22 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h04min30s**



**Descrição:** A capa do documentário “The Mask You Live In” tem uma criança ao fundo.

Imagem		Som	
Duração	8s	Primeiro plano	Trilha incisiva em alta intensidade
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons de batida
Presença de movimento	O menino aparece e depois a arte surge sobre o seu rosto	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Primeiro Plano		
Cenário	Ambiente escolar desfocado	Podemos entender que as crianças participarão do documentário como entrevistados.	

Fonte: Elaboração própria.

Ao término da apresentação da capa do audiovisual, ocorre um corte para a cena de crianças brincando, na qual são comparadas a postura das meninas e dos meninos. Nesse sentido, o sociólogo e educador, Michael Kimmel, que também é utilizado no referencial teórico desta monografia, aparece para explicar sobre a construção da masculinidade desde a infância e exemplifica dizendo que nenhum garoto gostaria de ouvir que é uma “mulherzinha”, devido aos padrões da masculinidade hegemônica.

Na sequência, um jovem, chamado Willie, questiona o porquê não seria macho, e, em tom de resposta, a cientista política e educadora, Caroline Heldman, aparece dizendo que a masculinidade não se desenvolve sozinha, pois se trata de um processo de rejeição a tudo que é feminino. Em seguida, uma criança, chamada Matthew, também dá seu depoimento, demonstrando que esse é um público que será abordado ao longo da produção, com destaque para a não revelação dos sobrenomes, de modo a preservar as identidades.

O ativista e educador, Tony Porter, aparece pela primeira vez no audiovisual, para falar sobre o ato de reprimir as emoções. Em vista disso, um menino chamado Roman, surge como exemplo, ao dizer que não pode chorar. Na mesma linha de pensamento, a especialista Heldman retoma sua fala sobre o processo de construção do masculino. Nesse ponto, já é perceptível que os entrevistados aparecem em seus ambientes do cotidiano, enquanto os especialistas ficam sob um fundo branco, sendo que ambos são constantemente intercalados de maneira rápida, o que demonstra a dinâmica da produção.

A partir dessa abordagem inicial, somos dimensionados no programa de prisão perpétua da Penitenciária Estadual de San Quentin, localizada no Estado da Califórnia, que apresenta uma roda de conversa, na qual os entrevistados Michael, Ke, Cleo, Curtis, Tommy e PJ, dão seus depoimentos sobre as construções de suas emoções e de sua relação dominante com dinheiro e violência. Dessa forma, é possível deduzir que a masculinidade é o motivo para os entrevistados estarem presos.

Rapidamente, já somos inseridos na temática do esporte e de suas consequências para a formação da masculinidade, a partir da passagem de crianças jogando basquete (disponível no quadro 23 apresentado na sequência). Ao longo de toda a produção são mostradas as particularidades desse contexto, por meio do basquete, rúgbi e beisebol, que são considerados tradicionais na cultura estadunidense. O técnico de futebol americano, Joe Ehrmann, argumenta que ser homem não tem nada a ver com a habilidade atlética e que os meninos "estão se dirigindo para muitos fracassos e frustrações na vida" (THE MASK, 2015, 0:07:54), enquanto o jovem entrevistado, Charlie, fala sobre sua experiência com o teatro, em oposição ao esporte.

**QUADRO 23 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h07min24s**



**Descrição:** Oito meninos aparecem jogando basquete, enquanto Joe Ehrmann, fala sobre a associação entre a masculinidade estadunidense e a habilidade atlética.

Imagem		Som	
Duração	6s	Primeiro plano	Voz de Joe Ehrmann
Ângulo	Plongée	Segundo plano	Vozes das crianças
Presença de movimento	Câmera parada e crianças jogando basquete	<b>Observações gerais</b> Essa passagem do documentário visa retratar a cultura estadunidense através do esporte, porém sem a recorrente iluminação clara, mediante a utilização do recurso das sombras.	
Enquadramento	Plano Aberto		
Cenário	Espaço aberto, com uma cesta de basquete		

Fonte: Elaboração própria.

De modo a prosseguir com a contextualização do processo de construção cultural do ser masculino desde a infância, o assunto se dirige à necessidade do sucesso econômico, enquanto aparecem imagens de personalidades como Donald Trump e Mark Zuckerberg, que se fizeram por si mesmos, como ditado pelo conceito do “*self-made man*”. Nesse mesmo momento, aparece um trecho do filme “O Lobo de Wall Street”, em que o ator Leonardo DiCaprio (disponível no quadro 24 apresentado na sequência), interpreta Jordan Belfort, um ex-corretor na bolsa de valores dos Estados Unidos. Averiguou-se, que esse recurso da amostragem de cenas presentes no campo midiático, permite o reconhecimento dos conteúdos que são consumidos diariamente pela grande maioria da população.

**QUADRO 24 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h08min40s**




**Descrição:** O sucesso econômico foi exemplificado através de um trecho do filme "O Lobo de Wall Street", em que o ator Leonardo DiCaprio interpreta Jordan Belfort, um ex-corretor da bolsa de valores dos Estados Unidos.

Imagem		Som	
Duração	8s	Primeiro plano	Voz de Leonardo DiCaprio
Ângulo	Normal	Segundo plano	Sons de aplausos
Presença de movimento	O personagem do filme gesticula	<b>Observações gerais</b> As passagens do documentário fazem o uso de trechos midiáticos para retratar o que está sendo dito, fato que traz dimensão e impacto para a produção de sentidos. O destaque da captura fica para a expressão de orgulho do ator, enquanto os demais homens estão o ovacionando.	
Enquadramento	Meio Primeiro Plano (na captura), e anteriormente na mesma cena em Primeiro Plano		
Cenário	Ambiente de uma corretora, com a presença de vários corretores		

Fonte: Elaboração própria.

A fala do treinador Ehrmann, é retomada, e, em seguida, ocorre um corte para a psicóloga Madeline Levine (disponível no quadro 25 apresentado na sequência), afirmando que alguns meninos, que ela atende, já querem ser investidores profissionais devido a doutrinação de seus responsáveis. Destaca-se, que Levine também aparece em um fundo branco, assim como todos os outros especialistas, o que confirma a hipótese de eles serem colocados desta forma para designar a ideia de trazer uma luz sobre a questão, já que a cor branca é responsável por refletir todas as outras cores.



<b>QUADRO 25 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h09min04s</b>			
			
<p><b>DR. MADELINE LEVINE</b> PSYCHOLOGIST</p>			
<b>Descrição:</b> A psicóloga Madeline Levine, conta sobre as crianças que já atendeu e que gostariam de ser investidores profissionais, devido a doutrinação dos pais.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	23s	Primeiro plano	Voz de Madeline Levine
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha dramática em baixa intensidade
Presença de movimento	Ocorre a mudança de enquadramento	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Primeiríssimo Plano (na captura) e Primeiro Plano, de maneira intercalada	Nesse ponto, é possível perceber que os especialistas aparecem em um fundo branco, como se estivessem lançando uma luz sobre a questão. Destaca-se também, a expressão da especialista, em tom tenso e de preocupação.	
Cenário	Fundo branco, com foco na especialista		

Fonte: Elaboração própria.

O audiovisual prossegue na abordagem dos aspectos culturais, com o retorno do treinador Ehrmann, um dos especialistas que mais aparecem no audiovisual e, provavelmente, porque suas falas “renderam” diante das temáticas escolhidas pela produção. Em seguida, é exibido um trecho de um vídeo, de David Brickley, sobre as “Top 5 namoradas do Derek Jeter” (disponível no quadro 26 apresentado na sequência), um famoso ex-jogador de beisebol, que exemplifica o fato do documentário evidenciar imagetivamente como são os modelos personificados do sucesso, da masculinidade hegemônica e das mulheres que “devem” ser almeçadas.

**QUADRO 26 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h09min44s**


**Descrição:** O trecho do vídeo, de autoria de David Brickley, mostra quais são as cinco “melhores” namoradas do ex-jogador de beisebol, Derek Jeter.

Imagem		Som	
Duração	5s	Primeiro plano	Voz de David Brickley
Ângulo	Plongée	Segundo plano	-
Presença de movimento	Câmera parada, com o apresentador acenando	<b>Observações gerais</b> Destaca-se a expressão do apresentador do vídeo ao fazer continência, uma saudação militar diretamente associada à hierarquia.	
Enquadramento	Primeiro Plano		
Cenário	Sala de gravação de vídeos, com livros e uma bola de basquete ao fundo		

Fonte: Elaboração própria.

Os modelos hegemônicos são coercitivos e, segundo o treinador Ehrmann, tem como consequência as atitudes de dominação. Nesse momento, o entrevistado Ian, que não tem o sobrenome revelado, primeiro aparece jogando basquete e depois em seu ambiente de estudo, falando sobre as influências conservadoras de seu avô, associadas à prosperidade econômica, a exemplo do “*self-made man*” e do “*American dream*”, que sempre lhe trouxeram insegurança. O sofrimento com o bullying fez Ian mudar radicalmente o seu estilo, se afastar de homens afeminados e até forçar uma voz grossa, para se adequar às pressões sociais: “A escola, pra mim, foi onde aprendi a desempenhar a masculinidade, a ser um macho” (THE MASK, 2015, 0:12:21).

A discussão do assunto se dirige a questão psíquica e biológica, com a neurocientista Lise Eliot, dizendo que: “Sexo é um termo biológico. Se refere aos cromossomos que você

tem. Dois X para as fêmeas, X e Y para machos. Gênero é uma construção social. Há expressões de masculinidade e feminilidade e ambos são espectros que têm interseções” (THE MASK, 2015, 0:12:48). Em seguida, o psicólogo Michael Thompson, cita a questão dos estereótipos e a fala de Eliot é retomada, com os dizeres que tudo depende das experiências sociais. Nesse sentido, a pediatra Nadine Burke-Harris, aparece para confirmar a tese que o reforço das experiências cria uma distinção do que deve ou não ser feito.

As crianças não são educadas pelos seus responsáveis de maneira imparcial e, considerando este fator, a pediatra Burke-Harris fala sobre as conexões que são reforçadas pelo cérebro, a exemplo das decorações de quarto de meninos e meninas, e respectivamente, a ideia do azul e do rosa. Além disso, são apresentadas cenas de propagandas, nas quais os brinquedos para meninos são ligados a violência e com características militares, demonstrando uma hipermasculinização prematura, que irá refletir em problemas futuros.

O especialista Potter retorna dizendo que os homens não podem chorar em público a partir dos cinco anos de idade. Em seguida, aparece um psicólogo, chamado William Pollack, e uma psicóloga, chamada Judy Chu, que até então não haviam aparecido no audiovisual, para falar sobre a educação dada pelos pais, enquanto aparecem trechos de um filme com o pai ensinando o filho a bater nos outros, dando a entender que os meninos são socializados desta maneira.

A psicóloga Caroline Heldman também aparece, mas para abordar os benefícios de todas as pessoas serem abertas emocionalmente com os meninos, sendo perceptível, nesse momento, o uso demasiado de diferentes psicólogos e educadores. De imediato, são apresentados dois novos entrevistados: o pai, chamado Steven, e o filho, chamado Jacksen, que possuem uma relação considerada saudável e amorosa.


Na sequência são expostas pesquisas quantitativas acerca do sexismo, enfatizando que o status entre um grupo de meninos interfere diretamente nas tomadas de decisões particulares. Posteriormente, aparece um novo entrevistado, chamado Cody, comentando que ele e a mãe apanhavam de seu pai, sendo um contraponto com a relação de pai e filho apresentada anteriormente na perspectiva da cultura estadunidense.

### **Bloco temático 3: Instituições de ensino (0h22min09s até 0h46min33s)**

Após 22 minutos, o documentário traz a abordagem de um novo bloco temático, com a psicóloga Judy Chu, relatando que percebe uma própria hierarquia na escola, que é formada pelos próprios meninos. Para demonstrar o que foi dito pela especialista, uma mãe, chamada Gaby, descreve que o filho ficou “casca grossa” após a pré-escola, cursada em uma instituição

cristã, e o menino, chamado Roman, imediatamente descreve as agressões que sofria pelo motivo de ser diferente, conforme mencionado pelo garoto.

Os dados levantados pela própria produção do documentário retornam apresentando que um a cada quatro meninos sofre bullying na escola e que apenas 30% notificam a um adulto. De maneira esperada, rapidamente aparecem passagens de meninos interagindo no ambiente escolar (disponível no quadro 27 apresentado na sequência).

<b>QUADRO 27 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h24min50s</b>			
			
<b>Descrição:</b> Alguns meninos interagem entre si no ambiente escolar, enquanto o psicólogo Terry Kupers, fala sobre a hierarquia que é estabelecida na escola.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	5s	Primeiro plano	Voz de Terry Kupers
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha incisiva em baixa intensidade
Presença de movimento	Leve movimento de câmera para ambos os lados	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Aberto	A cena dos meninos interagindo no ambiente escolar demonstra a diversidade das passagens do documentário.	
Cenário	Pátio escolar, com um playground ao fundo		

Fonte: Elaboração própria.

Outro psicólogo, chamado Terry Kupers, surge no audiovisual para falar sobre a questão da hierarquia de dominação, em que os “durões” da escola estão por cima e que isso tem origem no sexismo e na homofobia. A sequência dessa abordagem se dá com um corte para um entrevistado, dizendo que sofria bullying por ser pequeno, magro, o menos branco dos lugares que frequentava e o que todas as pessoas suspeitavam ser homossexual, o que veio a se tornar

verdade, mas que não era justificativa para os episódios de violência. Adiante, entra em cena mais uma psicóloga, chamada Niobe Way, para falar sobre as mudanças nas relações dos meninos a partir da adolescência e, em seguida, o menino Bryce e os jovens, Parker e Will, falam sobre como é ter que lidar com esse contexto de dominação. Na sequência, a psicóloga Judy Chu, afirma que escutou de um de seus pacientes que ele não contava nada sobre seus sentimentos por pensar que aquilo poderia ser usado contra ele mesmo.

A produção, no sentido de contextualizar as atitudes masculinas, traz algumas imagens retratando os homens em festas (disponível no quadro 28 apresentado na sequência), bebendo e usando drogas, com o psicólogo Michael Thompson, afirmando que somente quando bebem eles podem se abraçar, conforme os códigos da masculinidade.

**QUADRO 28 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h30min08s**



**Descrição:** Oito homens em uma festa posam para a foto, enquanto o psicólogo Michael Thompson, fala sobre o uso do álcool e das drogas.

Imagem		Som	
Duração	3s	Primeiro plano	Voz de Michael Thompson
Ângulo	Contra-Plongée	Segundo plano	Trilha dramática em baixa intensidade
Presença de movimento	Leve movimento da câmera para cima	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Médio		
Cenário	Local escuro, que se assemelha com uma residência	Mesmo estando diante do problema, o ângulo da imagem reproduzida no documentário, de baixo para cima, coloca os homens em posição de superioridade.	

Fonte: Elaboração própria.

Na continuação do audiovisual, observa-se a apresentação de dados, que têm como fonte de pesquisa a própria produção do documentário, evidenciando que aos 12 anos 34% dos meninos já começaram a beber e que normalmente experimentam drogas aos 13 anos de idade. A primeira entrevistada jovem aparece, chamada Lucy, falando que é esperado que os adolescentes bebam, se droguem e façam sexo, e que caso contrário podem ser mal vistos, no mesmo momento em que o jovem Parker, confirma a tese, dizendo se sentir deslocado quando não bebe. Nessa continuidade, diversas cenas de jovens bêbados, seja em filmes ou na vida real, começam a aparecer e, em seguida, novos dados são apresentados, demonstrando que um a cada quatro meninos bebe de maneira compulsiva.

O psicólogo Thompson, afirma que toda a busca por psicoativos é para curar a solidão, em contraposição à intimidade trancafiada. Deste modo, o documentário parte para a perspectiva de Luis, e de sua mãe, chamada Ana, que são mexicanos e vivem na cidade de Napa, localizada no Estado da Califórnia. O pai do jovem foi deportado para seu país de origem, quando ele ainda era criança. A ausência da figura paterna fez com que o jovem entrasse para uma gangue e fizesse uso das substâncias que agem no sistema nervoso, chegando a ser levado para um reformatório devido ao uso de drogas, que serviam para mascarar sua solidão consequente da masculinidade.

O psicólogo William Pollack, passa a comentar sobre a depressão decorrente do silêncio e da agressividade, que a maioria das pessoas apenas vê como um desvio de conduta. Enquanto isso, são mostradas cenas de jovens brigando e aparecem dados demonstrando que a cada dia, três ou mais meninos cometem suicídio, com uma trilha de revelação ao fundo. A psicóloga Niobe Way, aborda a mesma questão, e mais dados aparecem, evidenciado que dos 15 até 19 anos de idade a taxa de suicídio entre os meninos é cinco vezes maior do que entre as meninas.

A referência dos jovens estarem usando uma máscara, é utilizada na fala de Pollack, e outros dados aparecem, retratando a baixa procura por ajuda psicológica. A produção prossegue com imagens retratando os jovens da escola Fremont High School, na cidade de Sunnyvale, localizada no Estado da Califórnia. No mesmo momento, surge um novo entrevistado especialista, o professor Ashanti Branch, com um som de hip-hop ao fundo.

O docente Branch se apresenta e diz que sempre quis ser professor para suprir uma falta que percebia em sua comunidade, que ele próprio considera como uma “zona de guerra”. Nesse momento, são mostradas no audiovisual as rodas de conversas lideradas por Branch, com destaque para a dinâmica que os alunos deveriam escrever em uma folha sobre o que estavam sentindo no verso e o que gostaria que os outros vissem na parte da frente do papel.

A maioria dos alunos, que participaram da dinâmica do professor Branch, descreveram a dificuldade de mostrar a realidade e sobre reprimir sua raiva e tristeza, conforme lido em papéis aleatórios da roda, pelos jovens D’Shane, Willie e Sirtoine. Inesperadamente, nesse instante, um dos jovens se emociona e recebe um abraço (disponível no quadro 29 apresentado na sequência).

**QUADRO 29 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h42min36s**



**Descrição:** Dois jovens se abraçam, após uma dinâmica na roda de conversa sobre as “máscaras” da masculinidade.

Imagem		Som	
Duração	12s	Primeiro plano	Voz de Ashanti Branch
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha de revelação em baixa intensidade
Presença de movimento	Movimento de aproximação da câmera	<b>Observações gerais</b> Os participantes da roda de conversa descreveram o ato de reprimir sua raiva e tristeza, em vista do uso de uma “máscara”, fazendo referência ao título do documentário.	
Enquadramento	Plano de Conjunto		
Cenário	Ambiente escolar interno, com uma roda de conversa		

Fonte: Elaboração própria.

As passagens do documentário são seguidas por uma luz branca, que é a mesma que os especialistas vêm a falar sobre ela, inclusive as cenas de jovens na escola, que passam a ser constantes. O especialista Potter cita que os meninos querem ajuda e alguém os ensine, mas muitas vezes não tem essa figura, e que quando tem, são maus exemplos. Neste momento, o sociólogo e educador Pedro Noguera, aparece fazendo o seguinte questionamento: “Por que

será que ser menino nos EUA representa um risco maior?" (THE MASK, 2015, 0:43:27), seguida por dados apresentando que os meninos têm mais chance de largar a escola e de serem três vezes mais propensos a serem diagnosticados com o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH).

A crítica de Noguera segue para o sistema escolar vigente, que, segundo ele, só visa punir e reprimir o aluno que apresenta características violentas ou não frequenta assiduamente as aulas. O advogado e ativista, Kevin Grant, aparece endossando a crítica e dizendo que a escola simplesmente expulsa, ao invés de acolher. Na sequência, mais um especialista aparece, se trata do educador Joseph Marshall, que reflete sobre o assunto afirmando que: "o sistema escolar não acreditou nas crianças" (THE MASK, 2015, 0:45:10).

No seguimento da produção, o professor Branch retorna em uma nova roda de conversa, mas agora com crianças. O depoimento do docente (disponível no quadro 30 apresentado na sequência), sobre sua própria experiência, é de que com o passar do tempo na escola ser inteligente já não era mais legal e que só mudou esse pensamento graças a uma professora que foi acolhedora com ele. Destaca-se que ele foi o único entrevistado especialista a não aparecer em um fundo branco, em todo o documentário.



**QUADRO 30 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h45min45s**



**Descrição:** O professor Ashanti Branch relata sobre sua própria experiência na escola.

Imagem		Som	
Duração	6s	Primeiro plano	Voz de Ashanti Branch
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha emotiva em baixa intensidade
Presença de movimento	Câmera parada, enquanto o especialista gesticula	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Primeiro Plano		
Cenário	Ambiente escolar interno que se assemelha a uma biblioteca, com a câmera focada no especialista	O professor Branch foi o único especialista a não aparecer em um fundo branco, demarcando uma quebra de padrão no documentário, que pode ser justificada pelo fato dele ter relatado sobre sua própria história.	

Fonte: Elaboração própria.

**Bloco temático 4: Esportes (0h46min34s até 0h50min42s)**

Na abordagem do documentário sobre a temática esportiva, o entrevistado Cody, retorna afirmando que seu treinador esportivo era a sua figura paterna e que foi um excelente exemplo em sua vida. Prontamente, o treinador Ehrmann também retorna, dizendo que "os técnicos têm tanto poder neste país" (THE MASK, 2015, 0:47:18). Nesse meio tempo, aparece um novo entrevistado, chamado Don, que expõe sua má experiência com os treinadores, e Ehrmann volta mais uma vez para dizer que os "técnicos podem fazer muito bem ou muito mal" (THE MASK, 2015, 0:47:52).

O especialista Potter, demarca mais um retorno no audiovisual, destacando que os meninos ficariam arrasados se o treinador dissesse que ele está jogando igual uma menina, e

prontamente questiona: "o que estamos ensinando aos meninos sobre as meninas?" (THE MASK, 2015, 0:48:15). Em vista disso, são mostradas várias cenas violentas nos esportes, com uma música agitada ao fundo, enquanto o treinador Ehrmann fala sobre a dominação no esporte e que isso é derivado da cultura de "vencer a qualquer custo" (THE MASK, 2015, 0:49:20).

A continuação do bloco temático do esporte traz o trecho de uma reportagem sobre jogadores que tiveram uma conduta de violência, bullying e homofobia no vestiário do Miami Dolphins, um time de futebol americano. Na sequência, novas cenas de brutalidade no esporte são evidenciadas, a exemplo de um jogador de beisebol com raiva e batendo com o taco na parede (disponível no quadro 31 apresentado na sequência).

**QUADRO 31 - Documentário "The Mask You Live In" – Captura em: 0h49min34s**



**Descrição:** O ex-jogador dominicano de beisebol, David Ortiz, que atuava no Boston Red Sox, aparece em cena que bate com o taco na parede, no momento em que o documentário busca retratar a brutalidade no esporte.


Imagem		Som	
Duração	3s	Primeiro plano	Trilha animada em alta intensidade
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	Câmera é movida bruscamente para a esquerda	<b>Observações gerais</b> As passagens de impacto visual do documentário, retratando o esporte ou não, fazem o audiovisual seguir o seu padrão apresentado.	
Enquadramento	Plano de Conjunto		
Cenário	Banco reservado para os jogadores em um estádio de beisebol		

Fonte: Elaboração própria.

**Bloco temático 5: Relação dos homens e meninos com a mídia (0h50min43s até 0h53min52s)**

No momento que o documentário adentra a discussão da relação dos homens e meninos com a mídia, Potter diz que os exemplos da masculinidade nos Estados Unidos estão nos esportes, nas forças armadas, na polícia e na indústria do entretenimento, constatando que "muito do que eles ensinam é dominação e agressão. São figuras hipermasculinas que tentamos emular" (THE MASK, 2015, 0:50:53).

A amostragem das cenas de personagens midiáticos é retomada e um dos exemplos evidenciados é do personagem Hércules, que está guerreando em um trecho cinematográfico (disponível no quadro 32 apresentado na sequência) que reverbera as atitudes associadas à masculinidade hegemônica, principalmente a força.

<b>QUADRO 32 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h51min39s</b>			
			
<b>Descrição:</b> O ator Kellan Lutz, aparece em cena de combate que interpreta o personagem Hércules, do filme “Hércules”, de 2014.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	1s	Primeiro plano	Trilha animada em alta intensidade
Ângulo	Contra-Plongée	Segundo plano	-
Presença de movimento	Câmera lenta e estática	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Meio Primeiro Plano	Destaca-se que o ator está com uma postura e expressão dominante, aliada a um ângulo de câmera que favorece essa posição, que é associada à masculinidade hegemônica.	
Cenário	Fundo azul claro, representando o céu, com foco no personagem		

Fonte: Elaboração própria.

O psicólogo Philip Zimbardo, aparece pela primeira vez no documentário para comentar os dados de que um menino normal passa 40 horas por semana assistindo à televisão, esportes e filmes; 15 horas jogando vídeo games e duas horas vendo pornografia. A especialista Heldman, retorna para comentar sobre os arquétipos masculinos representados predominantemente na TV, caracterizados como fortes, controladores e calados. Por outro lado, Heldman enfatiza que existem outros tipos de homens, predominante presentes em filmes de comédia, que são considerados os machos que estão perpetuamente na adolescência: não musculoso, que degrada as mulheres e faz atividades de alto risco.

Em face dessa discussão, o sociólogo Kimmel, retorna dizendo que as "imagens na mídia afetam o comportamento das pessoas. Se não afetassem, a indústria da publicidade entraria em colapso" (THE MASK, 2015, 0:53:13). Logo depois, entra em cena o filmmaker Byron Hurt, falando sobre as cenas de violência e a cultura de ter dinheiro, mulheres e poder na mídia, que segundo ele, influencia os estadunidenses que gostam de hip hop.

#### **Bloco temático 6: Videogames (0h53min53s até 0h57min39s)**

Os jogos eletrônicos entram em cena, com a atriz e escritora, Ashly Burch, comentando sobre o reforço dos estereótipos masculinos presente nos videogames e salientando que os jogos mais viciantes são os mais violentos, na qual a função é dominar e destruir o inimigo. Na sequência, novos dados aparecem demonstrando que 31% dos homens se sentem viciados em videogames, 99% dos meninos jogam, 90% dos jogos apropriados para crianças maiores de 10 anos têm violência e que metade dos pais não conferem a classificação indicada.

O educador Jim Steyer, aparece para comentar que a criança tem grandes chances de ser afetada pelo que faz no ambiente virtual, permitindo a dedução de que tudo será reproduzido, mesmo que em pequena escala. Nesse momento, todo o contexto apresentado é exemplificado através de cenas de violência nos games, como no jogo "Grand Theft Auto 5" (disponível no quadro 33 apresentado na sequência), que em tradução livre do pesquisador para a língua portuguesa significa: "Grande Roubo de Carros 5".

**QUADRO 33 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h56min58s**

**Descrição:** O personagem controlável do jogo eletrônico “Grand Theft Auto 5” dá um tiro na cabeça de um policial.

Imagem		Som	
Duração	6s	Primeiro plano	Trilha de hip hop em alta intensidade
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	Movimento do ângulo Normal para o Plongée	<b>Observações gerais</b> As cenas de violência nos jogos eletrônicos são evidenciadas para demonstrar o desrespeito dos jogadores à classificação indicativa de 18 anos.	
Enquadramento	Plano de Conjunto		
Cenário	Centro urbano ficcional em um jogo eletrônico		

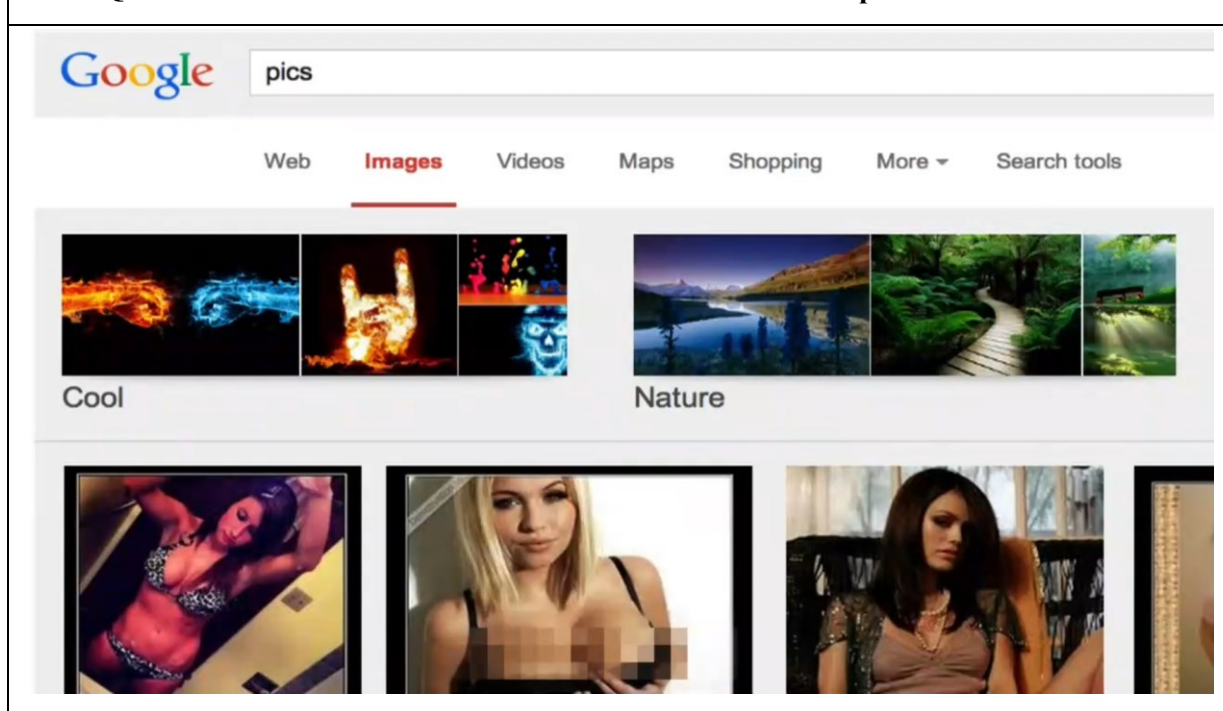
Fonte: Elaboração própria.

Ao final da abordagem dos videogames é mostrado que a exposição a mídias violentas, a exemplo dos videogames, pode deixar os meninos menos sensíveis à dor e ao sofrimento dos outros. Além disso, é ressaltado, conforme os dados da produção, que aos 18 anos de idade uma pessoa já viu em média 200 mil atos de violência em uma tela, incluindo 40 mil assassinatos.

### **Bloco temático 7: Pornografia e violência sexual (0h57min40s até 1h10min23s)**

O documentário parte para a perspectiva da violência sexual e da pornografia, considerada de fácil acesso para qualquer criança e adolescente. Os desencadeamentos desses processos, conforme a apresentação de trechos de reportagens, resultam na objetificação da mulher e tornam iminente a cultura do estupro. É demonstrado, também, através de uma pesquisa de imagem no Google (disponível no quadro 34 apresentado na sequência) que é muito fácil acessar o conteúdo sexual ou pornográfico na internet.

QUADRO 34 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 0h57min56s



**Descrição:** Pesquisa de imagem no Google pela palavra “pics”, que na língua portuguesa significa “fotos”, resulta em mulheres seminuas.

Imagem		Som	
Duração	4s	Primeiro plano	Trilha de revelação em baixa intensidade
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	Rolagem para baixo na página <i>on-line</i>	<b>Observações gerais</b> Destaca-se que uma simples busca pela palavra fotos na internet pode resultar em conteúdo sexual, sendo acessível para qualquer pessoa.	
Enquadramento	Plano Fechado		
Cenário	Página <i>on-line</i> do Google Imagens		

Fonte: Elaboração própria.

Na continuidade do documentário, o jovem Ahmed, diz que assiste pornografia a cada dia mais e logo são apresentados dados informando que 34% dos jovens na internet estão expostos a pornografia, mesmo que de forma indesejada, e que 93% são expostos. Outro jovem, chamado Ben, diz que em seu grupo de amigos é um tabu falar sobre isso: "Certo, todo mundo sabe que eu assisto, mas não vamos falar sobre isso, porque é desconfortável demais" (THE MASK, 2015, 0:58:30).

Registra-se que, na sequência, entra em cena um trecho do stand up de Chris Rock, em que ele afirma que os homens são mais nojentos do que as mulheres imaginam e que começam a assistir pornografia aos 12 anos de idade. Prontamente surgem dados, com um som baixo de revelação ao fundo, constatando que 68% dos homens jovens consomem pornografia semanalmente e 21% diariamente. O especialista Kimmel, retorna dizendo que a cultura

estadunidense tem vergonha da sexualidade e que, por consequência, a pornografia acaba sendo a educação sexual que os meninos recebem.

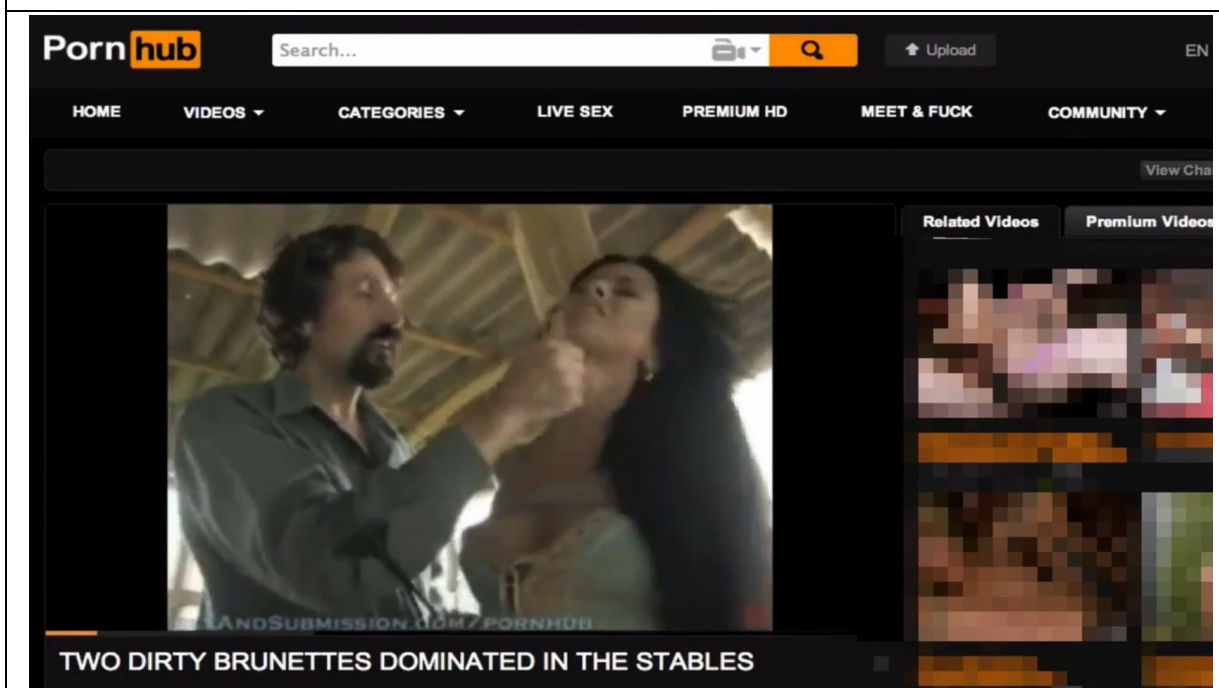
Nesse momento, surgem mais dados da produção evidenciando que apenas 22 dos 48 Estados dos EUA requerem que as escolas públicas tenham o ensino da educação sexual. O psicólogo Philip Zimbardo, também retorna, dizendo que com um simples toque, qualquer pessoa e de qualquer idade, pode ter uma coleção de experiências sexuais visuais, gerando o vício nesse estímulo visual, que se torna um problema com o excesso.

Uma animação de um menino sozinho em um quarto escuro no computador aparece, enquanto Zimbardo fala que todo esse consumo pornográfico traz a ausência de relações e a ideia errada sobre o que as mulheres querem. A continuidade se dá por um novo entrevistado especialista, o educador Jackson Katz, que fala sobre a maneira com que os homens foram treinados para pensar em objetificar e comprar os corpos das mulheres, seja diretamente pela prostituição ou indiretamente pela pornografia.

O jovem Ahmed, que já havia aparecido no documentário, relata que quando começou a assistir pornografia, o sexo, para ele, era sinônimo de violência. Dessa forma, novos dados surgem informando que 83% dos meninos já viram sexo grupal online, 39% já viram sadomasoquismo online e 18% já assistiram a um estupro online. Nesse sentido, o educador Katz, diz que a "nossa cultura manda sinais confusos para todos os lados" (THE MASK, 2015, 1:00:41).

A continuação do audiovisual acontece com a entrada de cenas de um site pornográfico, com um trecho que envolve dominação de uma mulher (disponível no quadro 35 apresentado na sequência), que é explicitada no título do vídeo. Além disso, são mostradas as categorias de vídeos no site, que demonstram a violência na pornografia, são elas: "Abuse"; "Daughter"; "Bizarre"; "Torture"; "Orgasm"; "Domination"; e "Face Fuck", que em tradução livre do pesquisador para a língua portuguesa significam: "Abuso"; "Filha"; "Bizarro"; "Tortura"; "Orgasmo"; "Dominação"; e "Foder o rosto".

**QUADRO 35 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h00min51s**



**Descrição:** A produção evidencia o trecho de um vídeo no site “PornHub”, que apresenta o seguinte título: “Duas morenas sujas dominadas nos estábulos”, conforme tradução livre do pesquisador para a língua portuguesa.

Imagem		Som	
Duração	2s	Primeiro plano	Voz de Jackson Katz
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha de revelação em média intensidade
Presença de movimento	Homem dá um tapa na cara da mulher	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Fechado		
Cenário	Página <i>on-line</i> do site “PornHub”	Esse momento é o ápice do impacto visual no documentário, pois destaca a dominação de uma mulher em um estábulo, que é destinado para o abrigo de animais.	

Fonte: Elaboração própria.


Novos dados são mostrados, na sequência, informando que a exposição a pornografia aumenta a agressão sexual em 22% e em 31% as chances de os homens acharem que as mulheres querem ser violentadas e estupradas. Em vista disso, o audiovisual segue com a exibição de reportagens demonstrando a violência dos atletas homens, fazendo uma conexão entre as temáticas do esporte, da pornografia e da violência sexual.

O especialista Potter, retorna mais uma vez, destacando que os homens aprendem a sempre estarem à caça das mulheres, dizendo frases como "quero comer" (THE MASK, 2015, 1:02:02) e "queria fazer um estrago nela" (THE MASK, 2015, 1:02:05), demonstrando a adoção da objetificação, violência e agressividade. Em meio a sonora de uma música alarmante e reveladora, são mostrados dados de que a cada nove segundos uma mulher é espancada ou



atacada, enquanto Potter diz que "vivemos em um mundo, aqui no nosso país, em que a violência dos homens contra as mulheres atingiu uma proporção de epidemia" (THE MASK, 2015, 1:02:32).

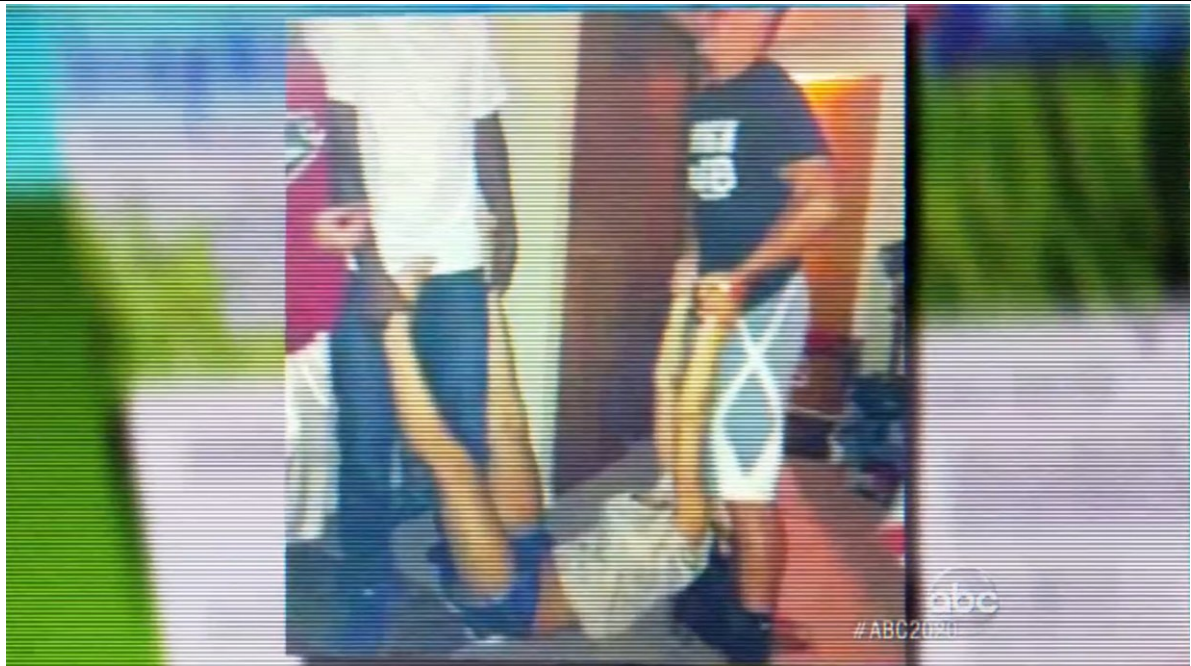
Outro retorno que acontece no documentário é a do entrevistado Ian, que passou por mudanças na escola, e que na faculdade teve que se adaptar à "cultura da pegação" (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:03:20), como ele próprio descreve. Para o entrevistado o álcool era uma ferramenta para ele ser agressivo e predatório com as mulheres, mas que tudo era na verdade para impressionar outros homens. Desse modo, surgem novos dados, mostrando que 35% dos homens universitários pensam na possibilidade de estuprar se soubessem que não seriam pegos (disponível no quadro 36 apresentado na sequência).

<b>QUADRO 36 - Documentário "The Mask You Live In" – Captura em: 1h03min59s</b>			
			
<p><b>35% OF MALE COLLEGE STUDENTS INDICATED SOME LIKELIHOOD OF RAPING IF THEY KNEW THEY COULD GET AWAY WITH IT</b></p>			
<b>Descrição:</b> Os dados apresentados no documentário demonstram que 35% dos homens universitários pensam na possibilidade de estuprar, se soubessem que não seriam pegos.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	6s	Primeiro plano	Trilha de tensão em baixa intensidade
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	Frase surge e desaparece no fundo branco	<b>Observações gerais</b> A figura acima dos dados está sempre ilustrando o assunto ou o ambiente referido no levantamento.	
Enquadramento	Plano Fechado		
Cenário	Fundo branco, com ilustração acima e foco nas letras		

Fonte: Elaboração própria.

A rejeição ao feminino é uma das formas que designa violência contra a mulher, segundo a Eliot, a qual afirma que “criamos meninos para se tornarem homens, cuja identidade se baseia na rejeição ao feminino e ficamos surpresos quando eles não veem as mulheres como seres humanos completos” (THE MASK, 2015, 1:04:14). As cenas de festas nas universidades retornam, enquanto o especialista Kimmel, diz que os jovens estão desesperados para provar sua masculinidade e que isso é "uma receita para o desastre" (THE MASK, 2015, 1:04:46).

O audiovisual segue com novos trechos de reportagens, envolvendo policiais e pessoas do esporte, com destaque para abordagem da apresentadora Katie Couric, em uma cena veiculada em um telejornal da rede American Broadcasting Company (ABC), no qual aparece a imagem de três homens segurando uma mulher (disponível no quadro 37 apresentado na sequência) que viria a ser violentada por mais de 20 pessoas, no que ficou conhecido como o caso “Steubenville High School rape”, na cidade de Steubenville, localizada no Estado de Ohio. Com isso, o documentário se demonstra impactante ao mostrar todos os problemas visualmente e de maneira explícita, inclusive através de reportagens, que trazem um maior impacto para quem assiste.

**QUADRO 37 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h06min08s**

**Descrição:** Uma mulher é segurada por três homens, que posteriormente a estupraram, no que ficou conhecido como o caso “Steubenville High School rape”.

Imagem		Som	
Duração	2s	Primeiro plano	Voz de Katie Couric
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha de tensão em média intensidade
Presença de movimento	Movimento de leve aproximação na imagem	<b>Observações gerais</b> O documentário apresenta o conteúdo imagético de maneira explícita, inclusive através de trechos de reportagens que costumamos ver no cotidiano, de modo a proporcionar uma maior dimensão de sentido.	
Enquadramento	Plano Médio		
Cenário	Homens seguram uma mulher em uma residência, com as laterais da imagem borradas		

Fonte: Elaboração própria.

O especialista Katz, retorna e afirma que a "cultura da camaradagem masculina que deixa os homens em silêncio" (THE MASK, 2015, 1:06:43), pois não querem perder status dentro da cultura dominante. Para Potter, tudo é uma questão de escolha e que muitas vezes está baseada no nosso próprio privilégio, complementando que somos "o chão fértil que é necessário para a violência existir" (THE MASK, 2015, 1:07:10).

O desenrolar do bloco temático se dá com um corte para o programa de prisão perpétua da Penitenciária Estadual de San Quentin, mostrada no início do documentário, com o psiquiatra James Gilligan, que aparece pela primeira vez no documentário para comentar que, na concepção hegemônica, para ser um homem de verdade, tem que dominar outros homens

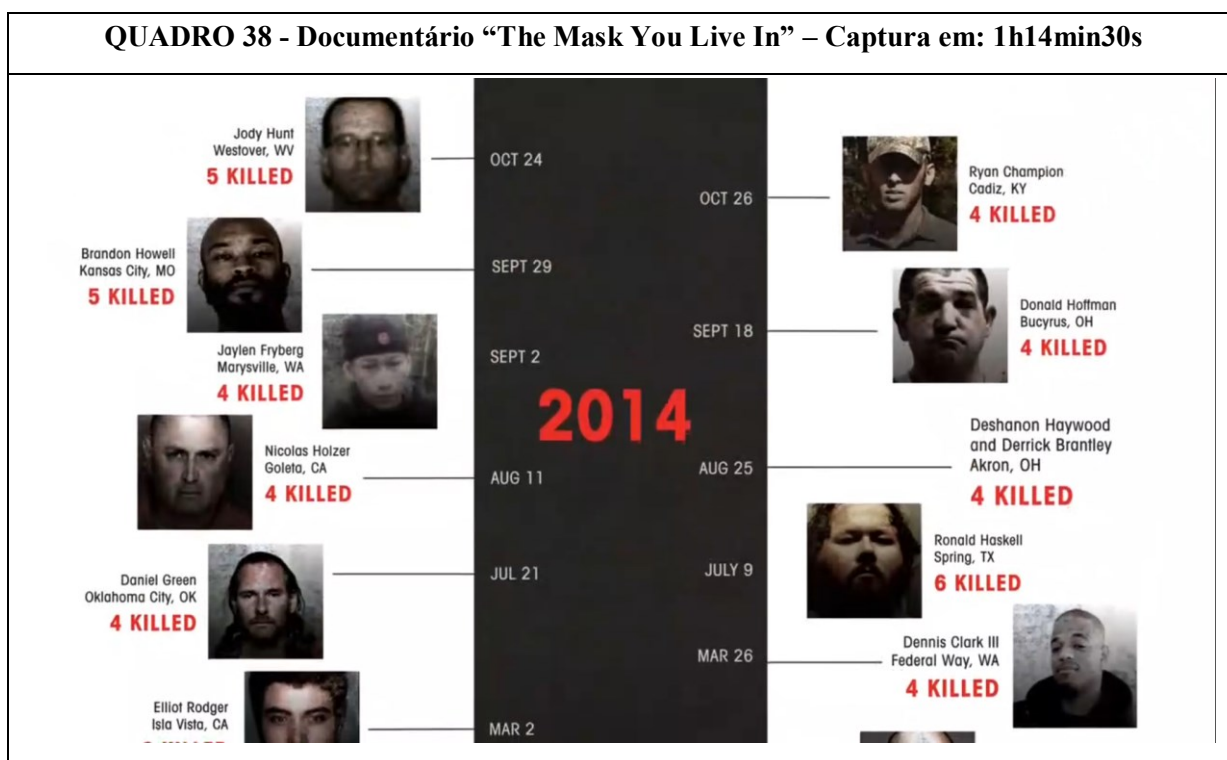
também, não só as mulheres. Na sequência, o entrevistado Michael, do programa de prisão perpétua, relata ter sofrido abusos da mãe e do padrasto quando criança, enquanto surgem dados de que um a cada seis meninos é abusado sexualmente.

#### **Bloco temático 8: Outros tipos de violência (1h10min24s até 1h16min17s)**

O psiquiatra James Gilligan, que apareceu a pouco no documentário, diz que uma criança percebe quando é negligenciada e diz que todos os homens com quem trabalhou na prisão relataram a falta de diligência durante a infância. Em seguida, são apresentados mais dados informando que as crianças abusadas ou negligenciadas têm nove vezes mais chances de se envolverem em crimes.

Outro entrevistado do programa de prisão perpétua da Penitenciária Estadual de San Quentin, chamado Tommy, dá o seu relato dos abusos que sofreu na infância, enfatizando que por esses motivos recorreu às drogas e que seu mundo mudou apenas quando pegou numa arma, pois "foi a primeira vez que eu senti que tinha poder. Por tanto tempo eu me senti impotente na vida" (THE MASK, 2015, 1:12:44). Em seguida, novos dados da produção surgem informando que a cada três horas mais de três pessoas são mortas por armas, que 90% dos responsáveis por homicídios são homens e que quase metade deles têm menos de 25 anos.

O assunto dos homicídios em massa entra em discussão no documentário, com dados demonstrando que 94% destes homicídios são cometidos por homens e que o número de casos triplicou, desde 2011. Logo depois, é iniciada uma animação com um histórico, de 2012 a 2014, desses casos (disponível no quadro 38 apresentado na sequência), se diferindo do estilo apresentado por todas as outras que apareceram até este ponto da produção. O especialista Katz, ao comentar o assunto, diz que, ao contrário dos homens, as mulheres não fazem tiroteios, mesmo que estejam vivendo em locais fáceis de se conseguir uma arma.



**Descrição:** A animação mostra o histórico (2012-2014) de homicídios em massa nos Estados Unidos, com as informações de cada caso e os homens que os cometeram.

Imagem		Som	
Duração	9s	Primeiro plano	Voz de Jackson Katz
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha de tensão em média intensidade
Presença de movimento	Animação em movimento de baixo para cima	<b>Observações gerais</b> Essa animação se difere do estilo apresentado por todas as outras que apareceram até aqui na produção.	
Enquadramento	Plano Fechado		
Cenário	Fundo branco, com uma tarja preta ao meio indicando o período temporal dos casos		

Fonte: Elaboração própria.


Com o propósito de finalizar o bloco temático, entra em cena um vídeo postado no YouTube, por um jovem que não tem o nome revelado, dizendo que não aguentava mais a solidão e a rejeição e que: “Amanhã será o dia que me vingarei da humanidade” (THE MASK, 2015, 1:14:46). Ao passo que é informado que o jovem cumpriu sua palavra, matando seis pessoas e ferindo outras 13, o especialista Katz, confirma a recorrência dos casos de assassinatos em massa no país norte-americano.

### **Bloco temático 9: Paternidade (1h16min18s até 1h21min07s)**

Os entrevistados Ian e Cody, que são os mais recorrentes do documentário, aparecem pela terceira vez. O relato de quem havia descoberto certa vez que sua namorada e sua mãe já haviam sido estupradas pertence a Ian, que complementa dizendo que isso lhe deu oportunidade

para pensar na masculinidade de forma crítica. Já o outro entrevistado, chamado Cody, retorna para falar sobre seu pai, que batia nele e em sua mãe, e que por isso passou a ter seu professor de redação como uma figura paterna.

O audiovisual retoma os entrevistados que são pai (Steven) e filho (Jacksen) (disponível no quadro 39 apresentado na sequência), que haviam aparecido rapidamente em uma passagem do documentário e que neste ensejo falam sobre suas trocas de cartas e leituras, realizadas uma vez por semana. Destaca-se o momento que o filho diz que ama o pai, enquanto Steven diz para a câmera: “E meu pai nunca me disse que me amava em 30 e tantos anos de vida” (THE MASK, 2015, 1:19:52).

<b>QUADRO 39 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h19min55s</b>			
			
<b>Descrição:</b> Os entrevistados que são pai e filho aparecem na cena com uma caixa, na qual armazenam as cartas que trocam entre si.			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	55s	Primeiro plano	Voz de Steven
Ângulo	Normal	Segundo plano	Trilha melódica em média intensidade
Presença de movimento	Diversos movimentos de câmera e dos entrevistados	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Detalhe (na captura), mas também em Primeiro Plano e Primeiríssimo Plano na mesma cena	A cena de quase um minuto, que destaca a importância da paternidade, é longa se comparada com as outras da produção e também se distingue pelas variações de enquadramento.	
Cenário	Uma mesa em uma residência		

Fonte: Elaboração própria.

O treinador Ehrmann, aparece novamente para contar sua própria experiência sobre a questão da paternidade, dizendo que a mágoa paterna atinge o psicológico dos meninos em formação e vem a se tornar um dos maiores problemas do país. Demonstra-se, conforme os apontamentos da produção, que os meninos magoados se tornam homens magoados, que vem a gerar todo um ciclo de dominação, silêncio e violência envoltos na masculinidade hegemônica.

**Bloco temático 10: Reflexões (1h21min08s até 1h31min46s)**

Na parte final do documentário, aparece um novo entrevistado especialista, chamado Carlos Hagedorn, que é educador e fala da importância da reflexão e de um espaço para se reumanizar. O entrevistado Luis, que é filho de mexicanos e que já havia aparecido no audiovisual, está presente na roda e diz que foi muito bom para ele o ambiente de conversa. Outro jovem da roda, chamado Josue, também é entrevistado e fala sobre a segurança que passou a sentir ao longo dos encontros. Em seguida, aparece outra roda de conversa, no ambiente prisional, com o entrevistado Michael falando sobre o dever de parar de associar o feminino a características ruins e a importância de retirar as barreiras que a sociedade impõe.

Identifica-se, que embora seja reconhecido a existência de diferentes culturas pelo mundo e que cada país possua uma definição de masculino, o homem sempre é colocado em um patamar mais alto no quesito poder. Assim, é proposta uma reflexão para pensar na masculinidade de forma crítica, com a produção sendo finalizada com uma mensagem (disponível no quadro 40 apresentado na sequência) dizendo que devemos expandir o significado de ser homem.

<b>QUADRO 40 - Documentário “The Mask You Live In” – Captura em: 1h23min57s</b>			
<p><b>Everyone deserves to feel whole. And each of us can do our part in expanding what it means to be a man for ourselves and the boys in our lives.</b></p>			
<p><b>Descrição:</b> A frase de finalização do documentário diz, em tradução livre do pesquisador para a língua portuguesa, que: “Todos merecem ser completos. E cada um de nós pode fazer a sua parte ao expandir o que significa ser homem para nós mesmos e os meninos de nossa vida”.</p>			
<b>Imagem</b>		<b>Som</b>	
Duração	15s	Primeiro plano	Trilha animada em alta intensidade
Ângulo	Normal	Segundo plano	-
Presença de movimento	As linhas da frase aparecem uma de cada vez	<b>Observações gerais</b>	
Enquadramento	Plano Fechado	Da mesma maneira que no início, é utilizado uma frase, mas agora para demarcar o fim da produção. Porém, a frase inicial se deu em um fundo preto e finalização em um fundo branco.	
Cenário	Fundo branco, com foco nas letras		

Fonte: Elaboração própria.

Logo depois da frase final, nove entrevistados especialistas que já haviam aparecido também deixam sua mensagem de desfecho, falando sobre a necessidade de mudança e de ajuda mútua na sociedade, retomando tudo que já foi dito ao longo do documentário sobre: emoções; treinadores; mulheres; violência; paternidade; mídia e tecnologia. Diante disso, surge um menino, que se assemelha com o da capa do documentário e que não tem o nome revelado, dizendo que “todos deviam ajudar os meninos a serem sempre eles mesmos para que não precisem usar máscaras”. (THE MASK, 2015, 1:27:26).

Por fim, aparece outra mensagem na tela dizendo: “Exerça sua influência. Todos temos um papel em criar uma cultura mais saudável”. A última cena se dá com um convite para as pessoas se juntarem ao projeto “The Representation Project”, responsável pela realização do



documentário, e sobem os créditos com a música “To be a man”, que em tradução livre do pesquisador para a língua portuguesa significa “Ser um homem”.

### 5.3 SENTIDOS DA MASCULINIDADE

O estudo foi feito com a metodologia da análise fílmica, de acordo com as teorias propostas ao longo desta monografia, para a compreensão dos sentidos da masculinidade, que são apresentados nos documentários “O Silêncio dos Homens” (2019) e “The Mask You Live In” (2015). No quadro 41 (disponível na sequência), é possível visualizar as diferentes abordagens para a representação da masculinidade, a partir da divisão por blocos temáticos das produções, que foram definidos sob o olhar do pesquisador.

<b>QUADRO 41 - Blocos temáticos dos documentários</b>	<b>The Mask You Live In</b>	<b>Duração</b>	<b>O Silêncio dos Homens</b>	<b>Duração</b>
1	Introdução	0h00min00s até 0h00min07s	Introdução	0h00min00s até 0h02min54s
2	Infância, personalidades masculinas e cultura	0h00min08s até 0h22min08s	Emoções trancafiadas	0h02min55s até 0h12min21s
3	Instituições de ensino	0h22min09s até 0h46min33s	Sexo e pornografia	0h12min22s até 0h16min58s
4	Esportes	0h46min34s até 0h50min42s	Transformações dos homens e paternidade	0h16min59s até 0h30min15s
5	Relação dos homens e meninos com a mídia	0h50min43s até 0h53min52s	Masculinidade periférica	0h30min16s até 0h33min45s
6	Videogames	0h53min53s até 0h57min39s	Masculinidade negra	0h33min46s até 0h38min47s
7	Pornografia e violência sexual	0h57min40s até 1h10min23s	Homossexualidade e transexualidade	0h38min48s até 0h40min44s
8	Outros tipos de violência	1h10min24s até 1h16min17s	Religião	0h40min45s até 0h42min44s
9	Paternidade	1h16min18s até 1h21min07s	Violência contra a mulher	0h42min45s até 0h50min14s
10	Reflexões	1h21min08s até 1h31min46s	Reflexões	0h50min15s até 1h00min12s

Fonte: Elaboração própria.

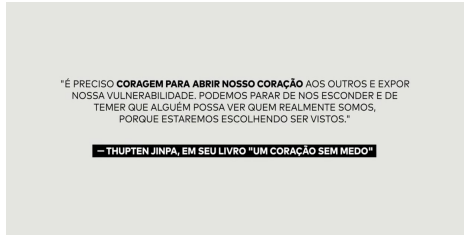
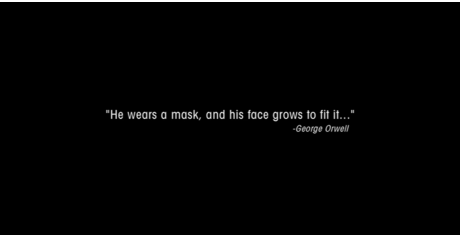
De antemão, podemos perceber que os documentários abordam três grandes temáticas idênticas, que são: pornografia, paternidade e violência. Além disso, ambos se iniciam com uma introdução, que apresenta uma citação, e terminam com reflexões, também explicitadas com uma frase. Apesar da não semelhança direta entre os outros temas, eles estão interligados, embora não tenham sido colocados como prioridade na produção de ambos documentários.

A produção estadunidense promove reflexões, além das já mencionadas, sobre: infância, personalidades masculinas, cultura, relação dos homens com a mídia e videogames. Por outro lado, existe uma abordagem exclusiva no documentário brasileiro nos seguintes debates: masculinidade negra, religião, homossexualidade e transexualidade. Para Bourdieu (2002), a família, a igreja e a escola são as principais instâncias de difusão da masculinidade hegemônica e de suas estruturas inconscientes e para Beauvoir (1970), a religião e a ciência são usadas como um instrumento de apelo para a descaracterização das feminilidades.

No bloco temático seguinte à introdução vale ressaltar o tempo que foi dedicado para cada temática. No documentário brasileiro, por exemplo, foram dedicados aproximadamente 10 minutos para falar sobre as emoções, enquanto o estadunidense demandou exatos 22 minutos para falar sobre infância e as influências de sua cultura regional. Nesse quesito de tempo, ainda cabe ressaltar que apesar de “O Silêncio dos Homens” (2019) abordar a questão da homossexualidade e da transexualidade, que é um diferencial, o tempo dedicado ao assunto não chegou a dois minutos completos.



A gênese dos dois documentários se dá da mesma maneira, com uma frase. Enquanto a produção estadunidense faz referência ao uso de uma máscara que molda o sujeito, o brasileiro incentiva a não trancafiar as emoções e vulnerabilidades. Conforme Kimmel (2017), os medos são as razões dos silêncios que mantêm todo o sistema da masculinidade hegemônica funcionando.

A cena inicial já dá indícios dos enfoques que virão ao longo das produções. O documentário “The Mask You Live In” (2015) é mais incisivo, impactante e imagético, enquanto “O Silêncio dos Homens” (2019), em tom sereno, explora demasiadamente as rodas de conversa, embora trate melhor sobre as diferentes masculinidades, o que é um diferencial.

<b>QUADRO 42 - Comparativo do início dos documentários</b>		
<p><b>“O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h00min18s</b></p>  <p>“É PRECISO <b>CORAGEM PARA ABRIR NOSSO CORAÇÃO</b> AOS OUTROS E EXPOR NOSSA VULNERABILIDADE. PODEMOS PARAR DE NOS ESCONDER E DE TEMER QUE ALGUÉM POSSA VER QUEM REALMENTE SOMOS, PORQUE ESTAREMOS ESCOLHENDO SER VISTOS.”</p> <p>— THUPTEN JINPA, EM SEU LIVRO “UM CORAÇÃO SEM MEDO”</p>	<p><b>“The Mask You Live In” – Captura em: 0h00min02s</b></p>  <p>“He wears a mask, and his face grows to fit it...” -George Orwell</p>	<p><b>Observações gerais:</b> A diferença de sentidos se dá logo no início das produções, em que o documentário brasileiro apresenta uma frase pacifista e o estadunidense uma mais provocativa.</p>

Fonte: Elaboração própria.



Após a introdução, é apresentada a capa dos audiovisuais. O documentário brasileiro exhibe seu título com a face de um homem adulto ao fundo, e a produção só vem trabalhar com entrevistados jovens ou adultos. No estadunidense, por outro lado, são trabalhadas as tipografias do título por cima do rosto de um menino e, como esperado, algumas crianças dão seus depoimentos ao longo da produção.

<b>QUADRO 43 - Comparativo da capa dos documentários</b>		
<p><b>“O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h02min49s</b></p> 	<p><b>“The Mask You Live In” – Captura em: 0h04min30s</b></p> 	<p><b>Observações gerais:</b> Na capa dos documentários podemos perceber a diferença de sentidos na faixa etária escolhida para estampá-las, indicando sua participação no documentário.</p>

Fonte: Elaboração própria.

No documentário brasileiro, as passagens são quase todas feitas com imagens de centros urbanos ou rodas de conversa e, na maioria das vezes, as pessoas filmadas estão interagindo socialmente nesses locais, com exceção de uma cena de dança na favela, outra de homens trabalhando no campo e quando os próprios entrevistados são evidenciados. No audiovisual estadunidense, a maioria das passagens se baseia em meninos ou homens jogando basquete, futebol americano e beisebol, mas também são utilizadas cenas de jovens interagindo em festas e trechos de filmes e reportagens, que servem como comprovação prática do que está sendo dito, o que é positivo para a composição de sentido.



Nesse contexto das passagens utilizadas na condução das produções, principalmente no documentário “The Mask You Live In” (2015), ao mostrar as personalidades masculinas, podemos notar a presença do ideal hegemônico, teorizado por Kimmel (1998), que é criado em um contexto de oposição a “outros”, cuja masculinidade é desvalorizada e subalterna. Dessa forma, as concepções de ser homem e de se portar como um, mencionadas por Silva e Vargas (2019), se tornam imagetivamente visíveis.

<b>QUADRO 44 - Comparativo das passagens dos documentários</b>		
<b>“O Silêncio dos Homens” – Captura</b> <b>em: 0h04min20s</b>	<b>“The Mask You Live In” – Captura</b> <b>em: 0h07min24s</b>	<b>Observações gerais:</b> As passagens de centros urbanos no documentário brasileiro são recorrentes, enquanto no estadunidense é retratado variadamente a cultura, principalmente através dos esportes.
		

Fonte: Elaboração própria.

A explicação do porquê da pouca variação de passagens no documentário brasileiro é que talvez até seja intencional, visto que é um material que dá mais peso ao relato, porém, poderia ser benéfico para a produção de sentido a inserção de variantes na transição imagética, a exemplo de expor os homens jogando futebol ou fazendo coisas associadas ao masculino no Brasil. Por outro lado, na produção estadunidense nota-se uma maior dedicação aos dados e aos conteúdos imagéticos de temas que perpassam o cotidiano das pessoas, evidenciado principalmente pelas modalidades esportivas, que se inserem em um contexto de pressão cultural desde a infância. Segundo Connell e Messerschmidt (2013) os esportes são um símbolo da masculinidade hegemônica, com um foco das representações midiáticas da masculinidade, que, conforme Kimmel (2017), é criada pela cultura sob o constante olhar e avaliação de outros homens.

Na questão dos dados e pesquisas que foram evidenciadas nas produções, em “The Mask You Live In” (2015) se tem uma abordagem maior desse quesito, e ambos documentários têm os levantamentos produzidos pela própria equipe de produção, mediante ao firmamento de parcerias com institutos de pesquisa. Para ilustrar o que foi quantificado, o audiovisual estadunidense traz um fundo branco com uma imagem acima tentando dimensionar imageticamente o dado apresentado, enquanto no brasileiro as animações possuem um fundo acinzentado, com a exceção de apresentar um fundo na cor verde por uma única vez.

QUADRO 45 - Comparativo dos dados dos documentários		
<p><b>“O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h49min29s</b></p> 	<p><b>“The Mask You Live In” – Captura em: 1h03min59s</b></p> 	<p><b>Observações gerais:</b> Na apresentação de dados, o documentário brasileiro utiliza, majoritariamente, um fundo acinzentado, enquanto o estadunidense faz o uso de fundo branco, com uma ilustração acima.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Pontua-se, que os números apresentados pela produção norte-americana se demonstram mais impactantes, a exemplo de que 35% dos homens universitários pensam na possibilidade de estuprar se soubessem que não seriam pegos. De outra forma, no momento que os levantamentos são mostrados na produção brasileira, destaca-se a figura do narrador Ícaro Silva, que conduz o audiovisual, enquanto no estadunidense os próprios entrevistados fazem esse papel.

O fato de o documentário brasileiro ter sido planejado para a plataforma YouTube, com disponibilidade de acesso gratuito, faz com que tenha que seguir as diretrizes impostas para poder monetizar. O processo da preocupação da conversão das visualizações em dinheiro fica explicitado quando é tratada a temática da pornografia, a qual é imagetivamente resumida a uma banca de revistas, para não sofrer restrições. Por outro lado, “The Mask You Live In” (2015) é disponibilizado atualmente em mídias físicas e também em plataforma própria de transmissão via locação *on-line*, mas já foi transmitido na Netflix e apesar de não estar mais disponível em seu catálogo, foi pensado sem as “barreiras restritivas”, de modo que são utilizadas imagens mais impactantes.

QUADRO 46 - Comparativo do impacto visual dos documentários		
<p><b>“O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h12min25s</b></p> 	<p><b>“The Mask You Live In” – Captura em: 1h00min51s</b></p> 	<p><b>Observações gerais:</b> Ao abordar a questão da pornografia, o documentário brasileiro mostra bancas de revistas e o estadunidense um site pornográfico, que constitui um maior impacto visual.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Para quem assiste, por vezes, pode parecer que a equipe de “O Silêncio dos Homens” (2019) tem medo de falar de certos assuntos “tabus”, como o estupro, mas a explicação pode estar na plataforma de distribuição. Porém, os conteúdos imagéticos escolhidos, apesar de interferências externas, são intencionais. Ao assistir as duas produções é perceptível a dicotomia de impactos e sentidos, pois a temática é tratada de maneira mais leve e ingênua no Brasil, e de acordo com Muller e Riffel (2015), o corpo é uma significante em que constroem significados através dos atos performativos, narrativas e processos de identificação e representação.

Em relação à abordagem das questões midiáticas, o documentário “The Mask You Live In” (2015) se sobressai, mostrando muito mais. Para além dos trechos de reportagens, são evidenciados, também, vídeos em redes sociais e jogos eletrônicos. Em contrapartida, o audiovisual estadunidense não entra no mérito da questão do homem trans, como em “O Silêncio dos Homens” (2019), e ao falar de diversidades evidencia apenas um entrevistado homossexual. A diferença temporal da produção dos documentários é de quatro anos, e vale destacar, que nesse meio tempo as discussões sobre as diversidades cresceram exponencialmente, o que pode ser uma justificativa.

As produções não tiveram seus orçamentos revelados, mas se sabe que “The Mask You Live In” (2015) foi feito a partir da captação de recursos de 101 mil dólares em uma plataforma de *crowdfunding*, chamada Kickstarter, e produzido por Jennifer Siebel Newsom, cofundadora do projeto de luta contra estereótipos de gênero, denominado “The Representation Project”, que é responsável pela realização do audiovisual. Por outro lado, o documentário brasileiro foi financiado pelas marcas Natura Homem e Reserva e é uma iniciativa distribuída no canal “Papo de Homem” no YouTube, que também contempla outras iniciativas voltadas para as discussões

sobre masculinidade. Dessa forma, constata-se que ambas produções tiveram projetos já existentes como incentivadores dos audiovisuais.

Em relação aos entrevistados, as duas produções priorizam os psicólogos e educadores, dentre outros, que são sempre colocados sempre um pouco à direita ou à esquerda do vídeo, e nunca ao centro. O espaço vazio, no sentido oposto ao que está presente o entrevistado, é utilizado em ambos documentários apenas para colocar a legenda do nome e da função exercida, por quem está falando, e não tem outras finalidades. A única diferença das produções, no sentido das filmagens, é que o documentário estadunidense coloca os especialistas em um fundo branco, como se estivessem trazendo a ideia de uma luz ou conhecimento sobre a questão, enquanto em “O Silêncio dos Homens” (2019), os entrevistados aparecem em seus ambientes rotineiros, se demonstrando mais democrático e menos hierarquizado.


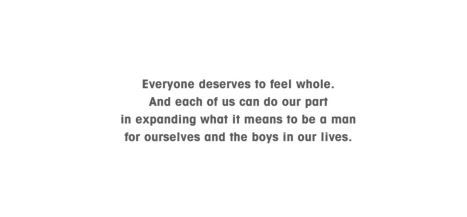
<b>QUADRO 47 - Comparativo dos entrevistados especialistas dos documentários</b>		
<p><b>“O Silêncio dos Homens” – Captura em: 0h06min42s</b></p> 	<p><b>“The Mask You Live In” – Captura em: 0h09min04s</b></p> 	<p><b>Observações gerais:</b> Além da diferença de cenário, evidenciada pelos especialistas aparecendo em um fundo branco no documentário estadunidense, destaca-se as expressões faciais mais leves na produção brasileira.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Na finalização, os dois documentários terminam com uma frase, estimulando a reflexão da temática da masculinidade, da mesma maneira como são iniciados. Enquanto na produção brasileira é dito que é tempo de agir, no estadunidense é deixada a mensagem que devemos expandir o significado de ser homem para nós mesmos e para os meninos que fazem parte de nossa vida.

Salienta-se também, que ambas produções se encerram com reflexões e teoricamente não terminam de fato, pois o audiovisual acaba, mas o conteúdo continua reverberando. Compreende-se que os sentidos propostos nas produções nos ajudam a entender os processos de significação e naturalização do masculino na sociedade, mencionados por Bourdieu (2002).



<b>QUADRO 48 - Comparativo da finalização dos documentários</b>		
<p><b>“O Silêncio dos Homens” – Captura</b> <b>em: 0h56min59s</b></p> 	<p><b>“The Mask You Live In” – Captura</b> <b>em: 1h23min57s</b></p> 	<p><b>Observações gerais:</b> Os dois documentários começam e terminam com uma frase. Porém, no estadunidense o início se deu em um fundo preto e a finalização com a cor branca.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Os conteúdos imagéticos, o tom impactante ou sereno, e também a questão da diversidade são os principais pontos de convergência entre os documentários. As diferentes narrativas, trazem a dicotomia de uma temática, as quais a verdade possui uma construção estética e sonora do mesmo problema, mas a partir de diferentes pontos de vista. Conforme Resende (2009), no viés da representação a “vontade de verdade” está atrelada aos locais de fala dos entrevistados, que passam a ser definidores de uma suposta verdade na percepção do outro.

O entendimento da emancipação do homem no discurso ideológico apresentado nos documentários vem das escolhas da produção, como o enquadramento, a seleção de planos e a mixagem dos sons, que segundo Nichols (2016), é associado a tentativa de persuasão. Para Penafria (2018), todos esses elementos fazem parte e recorrem de procedimentos próprios da produção cinematográfica, caracterizada como sempre cultural, política e social, podem ser associados à ficção, por não terem a capacidade de substituir uma experiência vivenciada, embora a autora ressalte a exigência por manter certa proximidade com a realidade.

De acordo com Stecanella *et al.* (2010), o discurso da mídia se modifica conforme os movimentos da sociedade e para Ramos (2001), a criatividade pode ser atestada mediante a quebra das regras do campo tradicional do documentário. Quem assiste algo, já está presente em um mundo regulado pela mídia, segundo Flausino (2002), e o entendimento se dá através de seu conhecimento prévio e de suas capacidades perceptivas, conforme Santiago Júnior (2004).

Através da metodologia da análise fílmica proposta por Vanoye e Goliot-Lété (1994), que teorizam sobre os sentidos suscitados no espectador, foi possível chegar à resposta de qual é o masculino de cada documentário. Além disso, também foram exploradas as influências dos processos culturais regionais a nível de nação, segundo Connell e Messerschmidt (2013), em

vista da busca pelo sucesso, que é um dos pilares da masculinidade hegemônica, e que pode ser alcançado no Brasil, através do “*jeitinho brasileiro*”, conforme teorizado por Motta e Alcadipani (1999), e do “*self-made man*”, nos Estados Unidos, de acordo com os estudos de Kimmel (2017).

A discussão se estende para o apontamento da obra de Siqueira Silva e De Queiroz Silva (2020), que emerge na apresentação de um mapeamento de artigos publicados em periódicos nacionais, que compõem dossiês sobre corpo, gênero e sexualidade e, a partir deles, apresentam 11 estudos, elaborados entre 1998 e 2018, sobre masculinidades no contexto escolar. É ressaltado que, nas interações vividas na escola, distintos discursos de sexualidades se entrelaçam, predominando o da masculinidade hegemônica. A escola, apesar de ser uma das instâncias de naturalização da masculinidade apontadas por Bourdieu (2002), é, conforme as autoras, detentora de um importante papel no sentido de desnaturalizar os modelos hegemônicos de masculinidade e de questionar as expectativas em torno do que se pensa sobre feminino ou masculino.

Portanto, a análise dos sentidos da masculinidade demonstra que o documentário “O Silêncio dos Homens” (2019) é narrativo, foca nos sentimentos, na quebra do silêncio, na desconstrução e visa tocar quem assiste pelo relato do outro. De outra forma, “The Mask You Live In” (2015) objetiva chocar quem assiste com informações, dados e relatos, que explicam a construção e o funcionamento da masculinidade hegemônica. A resposta para a questão norteadora desta monografia, é que a representação da masculinidade se resume, no primeiro audiovisual mencionado, ao ser que sofre e precisa mudar, enquanto no segundo, é o que aparenta ser o mais forte com a utilização de uma “máscara”, porém sendo vítima todos os dias e ao mesmo tempo estando inserido em um processo de auto-escravização.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa se trata de uma análise fílmica da estrutura visual e sonora que constrói a representação do ser masculino na sociedade brasileira em “O Silêncio dos Homens” (2019) e na estadunidense em “The Mask You Live In” (2015). As considerações foram elaboradas de acordo com a metodologia adotada, que auxiliou no entendimento dos elementos audiovisuais (duração, ângulo, presença de movimento, enquadramento, cenário, descrição dos sons em primeiro e segundo plano) que, quando desconstruídos, permitem a compreensão do porquê de suas escolhas.

Ressalta-se que, conforme discutido ao longo desta monografia, as consequências da masculinidade hegemônica geram um sufocamento no ser masculino. O desejo de ser visto como um super-homem é derivado da mídia, que possui um papel crucial no ato de corroborar e legitimar o discurso hegemônico. O que chega para a massa é justamente o discurso midiático e não o acadêmico, a exemplo dos apontamentos feitos por Bourdieu (2002), que não foram difundidos amplamente para a população brasileira, mas ainda se demonstram atuais.

O estudo das masculinidades, conforme Siqueira Silva e De Queiroz Silva (2020), começou a ser desenvolvido de maneira sistemática no Brasil na década de 1990, e as discussões passaram a ser mais frequentes em periódicos científicos qualificados a partir de 2016. As autoras evidenciam que o desenvolvimento da área de pesquisa está atrelado às discussões relativas aos conceitos de sexo e gênero, e suas respectivas reivindicações de papéis sociais contrários às concepções da masculinidade hegemônica.

A bibliografia da masculinidade é considerada recente se comparada a outras temáticas, a exemplo dos estudos da sexualidade. Quando essas pesquisas envolvem o ambiente escolar, que é considerado um espaço plural de construção de saberes e um ponto central de discussão das marcas corporais na abordagem de Siqueira Silva e De Queiroz Silva (2020), existe uma ligação direta com Bourdieu (2002), que menciona a escola como uma instância propagadora do ideário masculino.

A masculinidade, conforme o ponto de vista do pesquisador, é um conceito subjetivo e histórico, que foi construído ao longo dos anos e se tornando dominante a partir do momento que as classes hegemônicas demonstraram essa postura. Enfatiza-se, nesta monografia, que ser masculino não é sinônimo de ser homem, e quando a sociedade diz que tem que ser assim, acaba sendo uma representação social, que molda o sujeito e o violenta, em vista do encaixe forçado aos padrões.

No documentário brasileiro são exploradas as questões das emoções e do incentivo a não trancafiar em silêncio as próprias vulnerabilidades, além de abordar as diversidades da masculinidade, a exemplo do homem transexual, o que é um diferencial. Porém, os usos demasiados das imagens de centros urbanos e de rodas de conversa, acrescidas do tom sereno e pouco impactante, são pontos baixos da produção. O ser masculino aqui é o que sofre e que deve quebrar o silêncio, se desconstruir e estabelecer uma comunicação com o outro para promover mudança.

O documentário estadunidense é incisivo, impactante e com escolhas imagéticas que corroboram com esse objetivo, porém praticamente não aborda a questão da diversidade, ao explicar brevemente sobre apenas um entrevistado que é homossexual, sendo esse um ponto baixo da produção. Todos os exemplos midiáticos citados no audiovisual são amostras do estímulo exacerbado da virilidade masculina desde a infância, que é disseminada posteriormente nas esferas sociais. O ser masculino aqui é o que aparenta ser forte e que deve deixar de contribuir com a barbárie, parando de se esconder atrás de uma “máscara”.

Os documentários, que são produtos midiáticos, trabalham na mudança e problematizam a representação da masculinidade hegemônica, de quem a impõe e de onde vêm, no sentido de subverter essa lógica. Porém, fica a cargo da bagagem cultural de quem assiste se a sensação vai ser de “cair a ficha” ou de “mais do mesmo”. As questões desmascaradas pela pesquisa, através de um apanhado geral, ressaltam a variedade das masculinidades hegemônicas e subalternas em cada cultura. Dessa forma, podemos dizer que o objetivo geral foi atingido, pois foi possível definir qual é o masculino apresentado em cada produção e determinar qual a influência da cultura regional nesse contexto.

O discurso de representação da masculinidade ainda é praticamente o mesmo e se constrói da mesma forma para homens e mulheres, que quando dispostos, precisam passar por uma posterior desconstrução. Exemplifica-se essa permanência da construção masculina através da questão do ativo e do passivo na relação homossexual, que são aspectos de dominação, como também podemos mencionar o tabu do exame de próstata ao adentrar na temática da saúde do homem.

Apesar da naturalização da masculinidade hegemônica, hoje a questão é muito mais contestada, visto que com o passar das gerações a tolerância está cada vez menor e a discussão é exponencialmente maior. A educação das crianças requer uma atenção especial, visando a não continuidade dos preceitos da dominação masculina, e os movimentos feministas e outros

do tipo tem sua importância, juntamente com a reeducação dos que perpetuam a problemática, para que tenhamos um mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas e de todas as idades.

Os dois documentários aqui analisados, que foram lançados recentemente, são um exemplo claro do interesse atual na discussão do assunto e provavelmente não seriam produzidos há 20 anos, ou seja, quando esse que vos escreve tinha três anos de idade e viria a passar por todo esse processo de construção e agora de desconstrução. Porém, os homens estão melhorando por causa das ordens sociais, que embora não sejam as mesmas que naturalizam a dominação masculina e tornam o masculino dominante, continuam partindo do contexto social. São as ordens sociais que estão mudando e aparentemente estamos fadados a segui-las, podendo assim dizer que isso é intrínseco à convivência em sociedade.

Os desdobramentos da pesquisa buscam suscitar e engajar estudos que podem ser desenvolvidos futuramente na área da pesquisa em comunicação, visto que a documentação midiática e as diferenças das representações a partir do gênero no conhecimento e no reconhecimento ainda precisam ser aperfeiçoadas nas produções audiovisuais. A análise realizada no capítulo anterior nos ajuda a compreender as consequências das representações da masculinidade e demonstram que as mudanças na retratação midiática já se iniciaram, de modo que as transformações estão acontecendo na medida que a reflexão sobre as posições hegemônicas também chega para a população.

A liberdade e a igualdade são valorizadas pela sociedade, mas ver alguém livre ou em melhores posições ainda causa espanto. Muitas pessoas ainda estão presas à maneira primitiva do ser masculino, como estrutura social, e às doutrinações que se postulam em detrimento do feminino, a exemplo do pecado original da primeira mulher que habitou a Terra: Eva, na crença hebraica, e Pandora, na crença grega. A mudança acontece gradualmente, ao passo que as pessoas, e especialmente os homens, levam um “choque de realidade” e questionam suas posições de privilégio que perpetuam o sistema de dominação.

Por fim, diante do contexto em que a pesquisa foi desenvolvida, cabe ressaltar a necessidade de quebra desse ciclo frente a onda do conservadorismo, que perpetua os hábitos masculinos, como hegemônicos, e femininos, como subalternos, no Brasil e no mundo, a exemplo da situação das mulheres no Afeganistão e do aumento da violência doméstica durante a pandemia da covid-19. Se uma pessoa não pode mudar o histórico e as construções passadas de sua família, que é a primeira instância de socialização, é possível dar início à mudança pela segunda, que é a escola. A transformação em massa pode acontecer daqui duas ou três gerações, ao passo que a sociedade entende que não é “bebendo que passa”, nem permanecendo em

silêncio e muito menos se mascarando. Ainda haverá um tempo em que falaremos desta masculinidade de hoje, que é dominante, violenta e frágil, conjugada no tempo passado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBARINI, Neuzi; MARTINS, Daniel Fauth Washington. Masculinidade como instituição: uma análise conceitual do “ser homem” no Brasil. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 36, n. 92, p. 216-236, 18 nov. 2019. Trimestral. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/25923/23755>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. 309 p. Tradução de Sérgio Milliet.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p. Tradução de Maria Helena Kühner.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. Quadrimestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 29 ago. 2020.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004. 167 p. Tradução de Eduardo Lúcio Nogueira.

FLAUSINO, Márcia Coelho. Mídia, sexualidade e identidade de gênero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002. p. 1-16. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7789680175130545946076454673496728979.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2016. p. 153-174. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Pdf/978-85-397-0803-1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

FUCHS, Angela Maria Silva; FRANÇA, Maira Nani; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas. **Guia para normalização de publicações técnico-científicas**. Uberlândia: EDUFU, 2013. 286 p. Disponível em: [http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book\\_guia\\_de\\_normalizacao\\_2018\\_0.pdf](http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_guia_de_normalizacao_2018_0.pdf). Acesso em: 07 out. 2021.

GERBASE, Carlos. **O livro: 9. Enquadramentos: planos e ângulos**. 2012. Disponível em: <https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 06 set. 2021.

KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998. Semestral. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71831998000200103&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000200103&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 ago. 2020.

KIMMEL, Michael Scott. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial**, Natal, v. 3, n. 4, p. 97-124, 24 fev. 2017. Semestral. Tradução de Sandra Mina Takakura. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14910/pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 1-17, jan. 2015. Quadrimestral. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21098/11467>. Acesso em: 18 set. 2020.

MOTTA, Fernando Claudio Prestes; ALCADIPANI, Rafael. Jeitinho brasileiro, controle social e competição. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 6-12, mar. 1999. Bimestral. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901999000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901999000100002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 10 set. 2020.

MULLER, Mara Rubia Sant'Anna; RIFFEL, Renato. Performances de gênero: masculinidade, fotografia e história. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande, v. 4, n. 7, p. 94-105, jun. 2015. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10468/6813>. Acesso em: 31 jul. 2021.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2016. 335 p. (Coleção Campo Imagético). Tradução de Mônica Saddy Martins.

OLIVEIRA, João Victor Gomes de; ESCUDERO, Regina Célia. A Masculinidade em Questão: a promoção de um debate na esfera pública. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0447-1.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2021.

PENAFRIA, Manuela. O ponto de vista no filme documentário. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**: Universidade da Beira Interior, Covilhã, p. 1-9, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. **Anais eletrônicos...** Lisboa: Sopcom - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2009. p. 1-10. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

PENAFRIA, Manuela. Algumas questões sobre o documentário e outros tantos equívocos. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**: Universidade da Beira Interior, Covilhã, p. 1-4, 2018. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-2018-questoes-documentario.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário? **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**: Universidade da Beira Interior, Covilhã, p. 1-11, 2001. Disponível em:



<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

RESENDE, Fernando. A Narratividade do discurso jornalístico – a questão do outro. **Rumores**, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 1-12, 21 dez. 2009. Semestral. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51173/55243>. Acesso em: 31 jul. 2021.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. David Bordwell: sobre a narrativa cinematográfica. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 10., 2004, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2004. p. 1-12. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145588038239462338056514826198934557155.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SILVA, Juan da Cunha; VARGAS, Eliane Portes. Masculinidades vigiadas: uma interpretação a partir do documentário "The Mask You Live In". In: JORNADA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 13., 2019, Niterói. **Anais eletrônicos...** Niterói: Repositório Institucional da Fiocruz, 2019. p. 1-14. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/40927/2/Masculinidades%20Vigiadas.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2021.

SIQUEIRA SILVA, Luciana Aparecida; DE QUEIROZ SILVA, Elenita Pinheiro. Masculinidades no contexto escolar: como a temática é abordada em artigos publicados em dossiês de periódicos nacionais. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 20-44, 20 fev. 2020. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9630>. Acesso em: 10 set. 2021.

STECANELLA, Janine Aparecida Bastos *et al.* Nova Masculinidade: dos mitos à representação midiática. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 11., 2010, Novo Hamburgo. **Anais eletrônicos...** Novo Hamburgo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. p. 1-12. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0874-1.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2021.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise filmica**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994. 152 p. (Coleção Ofício de arte e forma). Tradução de Marina Appenzeller.

#### *DOCUMENTÁRIOS:*

O SILÊNCIO dos homens. Direção de Ian Leite e Luiza de Castro. Produção de Cecília Leite. Realização de Monstro Filmes. São Paulo: Papo de Homem e Instituto Pdh, 2019. 1 YouTube (61 min.), AV1, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Acesso em: 23 set. 2020.

THE MASK you live in. Direção de Jennifer Siebel Newsom. Produção de Jennifer Siebel Newsom; Jessica Anthony; Jessica Congdon. Realização de The Representation Project. Park City: Regina Scully; Sarah Johnson; Wendy Schmidt; Abigail Disney; Geralyn Dreyfous;

Maria Shriver, 2015. 1 Netflix (92 min.), AV1, son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80076159?source=35>. Acesso em: 23 set. 2020.

**APÊNDICE A – Ficha técnica do documentário “O Silêncio dos Homens”**

<b>O Silêncio dos Homens</b>	<b>(Brasil, 2019, cor, 61 min.)</b>
Direção	Ian Leite, Luiza de Castro
Produção	Cecília Leite
Produção executiva	Papo de Homem, Instituto PdH
Música	Tiago Jardim
Edição	Ana Noemi Higa
Narração	Ícaro Silva
Realização	Monstro Filmes
Distribuição	Papo de Homem/YouTube

Fonte: Elaboração própria.

**APÊNDICE B – Ficha técnica do documentário “The Mask You Live In”**

<b>The Mask You Live In</b>	<b>(Estados Unidos, 2015, cor, 92 min.)</b>
Direção	Jennifer Siebel Newsom
Produção	Jennifer Siebel Newsom, Jessica Anthony, Jessica Congdon
Produção executiva	Regina Scully, Sarah Johnson, Wendy Schmidt, Abigail Disney, Geralyn Dreyfous, Maria Shriver
Música	Eric Holland
Edição	Jessica Congdon
Narração	-
Realização	The Representation Project
Distribuição	The Representation Project

Fonte: Elaboração própria.